

Lara Rodrigues de Andrade

**Por baixo de um Céu Estrelado:  
Um estudo de caso intergeracional relacional**

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM  
EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE  
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



Lara Rodrigues de Andrade

**Por baixo de um Céu Estrelado:  
Um estudo de caso intergeracional relacional**

Projeto submetido como requisito parcial para  
obtenção do grau de  
**MESTRE**

Orientação  
Prof. Doutora Margarida Paiva

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM  
EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE  
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



Meus pais, caminhar convosco sempre foi tão bonito.  
Sempre acreditaram que os sonhos são possíveis de alcançar basta acreditar  
em nós e isso motivou tanto o meu percurso.  
É a vocês a quem dedico todo este sonho!

Minhas Estrelas Guias!



## AGRADECIMENTOS

Fechado mais um ciclo na minha vida, deambulo agora nos caminhos percorridos e nas histórias criadas.

Trago neste momento palavras de orgulho, gratidão e saudade pois fazem ditar as cores do meu coração.

Orgulho pela narrativa que escrevi onde várias páginas foram pintadas de lágrimas vindas do meu rosto, outras rasgadas pela voz da minha raiva e tantas outras em branco pelo sentimento de fracasso sussurrar nos meus ouvidos. Mas a minha história não se compôs simplesmente assim. Tantos capítulos foram compostos ao som de sorrisos, abraços e palavras. Tantas palavras escritas em tintas de motivação. E a aprendizagem? É a capa de todo o livro. Não há resumos, há vivências! Simplesmente, não poderíamos chamar de vida se todos estes conceitos não fizessem parte deste enredo porque a vida é mesmo assim, um embrulho de sensações e emoções, de forças e fraquezas.

Saliento a gratidão porque tudo isto não seria possível se não tivesse a meu lado todos aqueles que me deram a mão para subir um degrau de cada vez. Todas estas Estrelas iluminam os meus dias, todos os dias.

Desta forma, quero agradecer em primeiro lugar, aos meus pais, Helena e Vitor. Os meus pilares que, me ensinaram a nunca desistir dos nossos sonhos, trazendo à consciência que a luta poderia ser difícil, que várias forças negativas nos poderiam atirar ao chão, mas, se acreditarmos em nós próprios, nada é impossível. Eles são a força da natureza, são a minha força! São o meu exemplo porque, mais que palavras devemos dar ações. E vocês o fazem tão bem. Obrigado por serem aquela lágrima de orgulho tão mágica.

Ao meu irmão, Bruno Andrade que, apesar de não o dizer muitas vezes, sempre acreditou na força que tinha. Traz aquele brilho nos olhos e sem o saber, me dá a força para continuar. Obrigado por muitas vezes me tirares do sério, certo o é, mas por continuares a ser a minha Estrela protetora.

Ao meu namorado e confidente, Daniel Teixeira (Meca) que sempre caminhou lado a lado nesta jornada. Vibrou por todas as vezes que atingi os

meus objetivos e, me apoiou por todas as outras em que fraquejei. Não ficou na bancada simplesmente a observar, entrou comigo em jogo e fez-me ter ainda mais forças para continuar. Obrigado por seres a força dos meus passos.

À minha melhor amiga, Sabina Moreira, que tantas vezes aturou as minhas angústias e frustrações e que mesmo assim, nunca deixou de acreditar em mim. Meu ombro amigo, confidente e protetora que tanto orgulho tenho em ter a meu lado. Muito obrigado por nunca desistires de mim e por me dares a força para continuar o caminho.

À Rita Sousa e Inês Madanços um brinde por serem as amigadas para a vida. Muito obrigado por serem a prova que a distância não muda em nada uma relação de cumplicidade e por todas as palavras de força premiarem os nossos encontros.

À minha madrinha, Filipa Monteiro, um exemplo de humildade e força interior, um muito obrigado por me ensinar o poder de acreditar em nós próprios. Falaste-me que “o caminho faz-se caminhando e que desistir nunca será opção” e assim, levo tua força nos meus braços.

Ao meu tio Chico, que me ensinou o poder do carinho, da preocupação e da lealdade sem nunca dizer uma palavra, o meu muito obrigado por sorrir juntamente comigo.

À minha avó que sempre acompanhou os meus passos no silêncio desta encruzilhada que é a vida e que, nas horas primordiais não deixou de estar nas bancadas aplaudir-me de pé.

À minha Orientadora Professora Doutora Margarida Paiva por todo o apoio e ajuda nesta caminhada de estudos. Muito obrigado por ser, mais do que professora, uma motivadora de força e coragem. Obrigado por trabalhar comigo este sonho!

Por fim, um enorme obrigado à Instituição que tão bem me acolheu e, em especial, ao seu Presidente que nos retrata uma história de luta e conquista.

Muito obrigado a todos do fundo do coração! Sei que levo a saudade cravada no meu coração por toda a história que escrevemos juntos.

## RESUMO

A motivação principal deste estudo prendeu-se pela compreensão da importância das relações intergeracionais-afetivas para o bem-estar e desenvolvimento dos intervenientes. Encontrados em tempos espaciais, mas tão distantes nos marcos temporais, os mais velhos acarretam consigo histórias e experiências de vida advindas de tudo o que se já viveram e os mais novos, o sabor do desconhecido onde tudo é uma descoberta. Uns são fruto das memórias, outros começam agora a patentear o mundo imenso que há a decodificar. Juntos podem contribuir para a construção de novos saberes, ajudar a ser mais felizes e assim, constituir um mundo melhor.

Seguindo um quadro teórico suportado, importou deslindar diferentes noções, nomeadamente a afetividade, o processo de desenvolvimento da terceira idade e da primeira fase e os contributos destas relações para os envolvidos.

Relativamente ao estudo empírico, elegeu-se uma abordagem metodológica qualitativa na configuração de estudo de caso, que teve como base entrevistas semiestruturadas aos idosos e aos respetivos técnicos da instituição importantes à apreensão da realidade e a observação dos momentos existentes entre as gerações.

Desta forma, comprovou-se a importância das mesmas para o bem-estar dos intervenientes, porém, tendo em conta o número de momentos de observação não fora possível referir a existência de aprendizagens novas.

Revela-se primordial o incentivo de momentos de relação mais constantes, onde sejam realizadas atividades programadas antecipadamente, focadas, essencialmente, no objetivo de estimular as diferentes áreas dos intervenientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações; Gerações; Bem-estar; Desenvolvimento.



## **ABSTRACT**

The main motivation of this study is the comprehension of the importance of intergenerational relationships of affection to the well-being of the participants. Sharing the same space, but so apart in time, the older ones entail stories and life experience from all that they have gone through, while the younger ones have in them the thrill of the unknown where everything is new. Ones are the product of memories, the others are starting to patent the world yet to decipher. Together, they can build new knowledge, be happier and make a better world.

Following a supported theoretical base, it was important to understand different concepts: affection, the third and first age development process and the contributions of these relations to the participants.

Regarding the empirical study, a qualitative methodology approach was chosen for each case study, consisting of semi structured interviews to the seniors and their respective technical staff, who help by observing and reporting the moments between the two generations.

The results showed the importance of these moments to the well-being of the participants, however, due to the number of moments observed, it wasn't possible mention the existence of new knowledge.

It is of paramount importance to incentivize more frequent moments of bonding, with preprogrammed activities, focused on stimulating multiple areas of the participants.

**KEYWORDS:** Relationships; Generations; Well-being; Development.



## ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	xiii
INTRODUÇÃO	15
1. CAPÍTULO I – AFETIVIDADE	20
1.1. Estudo do conceito	20
1.2. Afetividade como impulsionadora de relações sociais	22
2. CAPÍTULO II- RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	26
2.1. Estudo do conceito	26
2.2. Espaço intemporal das gerações	29
2.2.1. Terceira Idade	30
2.2.1.1 Processo de Envelhecimento	30
2.2.1.2 Fase de conquistas	35
2.2.2. Infância	37
2.2.2.1 Desenvolvimento infantil	38
2.2.2.2 Caminho de descobertas	44
3. CAPÍTULO III- RELAÇÕES INTERGERACIONAIS-AFETIVAS: CONTRIBUTOS	46
3.1. Contributos em Comum	46
3.2. Terceira Idade versus Infância	48
4. CAPÍTULO IV - ESTUDO EMPÍRICO	52
4.1. Problema	52
4.1.1. Problema e sua justificação	52
4.1.2. Questões de partida	56
4.2. Objetivos	56

4.2.1. Objetivo geral	57
4.2.2. Objetivos específicos	57
4.3. Opções Metodológicas	57
4.3.1. Paradigma fenomenológico-interpretativo	57
4.3.2. Estudo de caso	60
4.4. Local de estudo e participantes	62
4.4.1. Local de estudo	62
4.4.2. Participantes	64
4.5. Técnicas de recolha de dados a utilizar	69
4.6. Técnicas de tratamento de dados a utilizar	71
5. CAPÍTULO V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
5.1. Relações Sociais (Categoria 1)	79
5.2. Experiências de Vida (Categoria 2)	90
5.3. Plano de Ação	96
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
8. WEBGRAFIA	107
APÊNDICES	131
8.1. Entrevistas semiestruturadas e seus guiões	131
8.1.1. Apêndice 1: Guião da entrevista semiestruturada realizada ao Presidente da Instituição	131
8.1.2. Apêndice 2: Entrevista semiestruturada realizada ao Presidente da instituição- Senhor Julião	132
8.1.3. Apêndice 3: Guião da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Infância	144

8.1.4. Apêndice 4: Entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Infância- Educadora Joana	145
8.1.5. Apêndice 5: Guião da entrevista semiestruturada realizada à Animadora Sociocultural- Animadora Matilde	160
8.1.6. Apêndice 6: Entrevista semiestruturada realizada à Animadora Sociocultural	161
8.1.7. Apêndice 7: Guião da entrevista semiestruturada realizada aos idosos da Instituição	168
8.1.8. Apêndice 8: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Eva (8 de julho de 2019)	169
8.1.9. Apêndice 9: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Joaquina (8 de julho de 2019)	173
8.1.10. Apêndice 10: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Anabela (9 de julho de 2019)	178
8.1.11. Apêndice 11: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Natália (9 de julho de 2019)	181
8.1.12. Apêndice 12: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Rosa (10 de julho de 2019)	184
8.1.13. Apêndice 13: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Felisberta (10 de julho de 2019)	186
8.1.14. Apêndice 14: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor António (11 de julho de 2019)	189
8.1.15. Apêndice 15: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor João (11 de julho de 2019)	193
8.1.16. Apêndice 16: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor Pedro (12 de julho de 2019)	195
8.2. Diário de Bordo/observações	199

8.2.1. Apêndice 17: Uma manhã na creche	199
8.2.2. Apêndice 18: Segundo dia na creche	200
8.2.3. Apêndice 19: Uma manhã no Lar	202
8.2.4. Apêndice 20: Segunda manhã no Lar	203
8.2.5. Apêndice 21: Primeira atividade intergeracional	204
8.2.6. Apêndice 22: Segunda atividade intergeracional	207
8.2.7. Apêndice 23: Terceira atividade intergeracional	209
8.3. Apêndice 24: Breve interpretação dos dados recolhidos	212
8.4. Apêndice 25: Sugestões de atividades	213
8.4.1. Apêndice 26: Combatendo Muros	214
8.4.2. Apêndice 27: O Brilho da Geração	215
8.4.3. Apêndice 28: Sorrindo Juntos	216
8.5. Apêndice 29: Grelha de avaliação (idosos)	218
8.5.1. Combatendo Muros	218
8.5.2. O Brilho da Geração	219
8.5.3. Sorrindo juntos	219

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

RS – Relações Sociais

RI – Relações Intergeracionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

DI – Desenvolvimento Infantil

s/p - Sem página

s.d- Sem data

RIA- Relações Intergeracionais-afetivas

Sr.- Senhor

Dn.- Dona



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação surge no âmbito do Mestrado em Educação: Especialização em Administração de Organizações Educativas, da Escola Superior de Educação do Porto, tendo como tema as Relações intergeracionais-afetivas.

Ao longo dos tempos, temos vindo a denotar uma alteração abismal no sistema demográfico, transformação essa, que nos demonstram os grandes desafios que as sociedades atravessam (Fernandes, 2001). O mercado do trabalho tornou-se mais inseguro, mantemos a desigualdade de género, desenvolveram-se os métodos contraceptivos, o que levou à diminuição da fecundidade e denotou-se um aumento da esperança média de vida, associado aos apoios, à segurança, a melhores condições económicas e sociais (Pinto, 2006; Cunha, Vilar, Wall, Lavinha & Pereira, 2016; Santana & Nogueira, 2001).

O envelhecimento das sociedades vai aumentando, as pessoas não têm muito tempo para se dedicar às relações sociais devido à azáfama do dia-a-dia (Teiga, 2012). O tempo perde-se, as pessoas mal se conhecem (quase como um passeio de uma estrada, onde se cruzam por mero acaso), a visão sobre o conceito de família e nupcialidade veio a alterar-se e a repercutir-se na forma como as pessoas se comportam (Fernandes, 2001).

Avanços, retrocessos, estagnações marcam a nossa história, nem tudo é negativo, nem tudo é positivo, mas importa continuar o caminho da luta para o desenvolvimento de uma vida cada vez melhor, cada vez mais feliz. E é sobretudo a relação das pessoas, nomeadamente dos mais novos e dos mais velhos, o pulsar do desenvolvimento, acabando por se assumir como “um papel de equilíbrio e dinamização social” (Costa, 2014, p.12).

Falamos em Relações intergeracionais por estas agregarem as duas faixas etárias anteriormente descritas. Dois grupos, distintos em idades, em aprendizagens e histórias de vida. Dois grupos que, temporalmente, se encontram em fases diferentes. Que olham para a vida de uma forma

completamente diferente, onde “comportam saberes específicos inerentes à sua história e à sua experiência de vida” (Costa, 2014, p.12) que serão fundamentais para construir um mundo mais justo, igualitário, harmonioso (Ramos, 2005).

Apresentam-nos duas fases da moeda bem distintas. Por um lado, a Terceira Idade, ultrapassando desafios, vê no seu decorrer mudanças que se vão refletir na velhice e na forma como se encara o processo de envelhecimento (Almeida, 2008). Os comportamentos, o corpo, os papéis sociais vão se alterando, podendo levar ao isolamento, exclusão, falta de motivação, baixa autoestima (Lopes, 2010; Stamato, 2007; Silva, Fossatti & Portella, 2007; Fachine & Trompieri, 2012).

São filhos da vida, dos sorrisos e das perdas, de histórias e memórias, acarretam consigo colheitas “do que se aprendeu e viveu, de quanto se fez e foi alcançado, do quanto se sofreu e se suportou” (Fernandes, 2000, p.24, citado em Silva, 2012, p.6). São as histórias dos nossos antepassados que tanto podem ajudar alguém a crescer (Silva & Correa, 2014) pois, tal como nos refere Dumazedier (1992, p.9, citado em Carvalho, 2012, p.85) “as velhas gerações continuam a ter a função de transmissão de conhecimentos às novas gerações”.

Na vertente das crianças, estas relações darão frutos de conhecimentos e aprendizagens que levarão para vida. Uma história antiga, um sorriso, uma canção dos nossos antepassados, fazem-nos compreender tempos antigos, imaginar histórias e vidas dos nossos pais ainda novos e aprender os valores da luta de uma vida tão cheia de altos e baixos.

A criança aprende através da interação, da imitação, do toque, das palavras partilhadas, do contacto com outras pessoas (Dias & Correia, 2012; Dias, 2014). E, tal como nos resume Queiroz, Maciel e Branco (2006, p.170) é no ambiente da cultura que se constroem os significados, se (re)criam modelos de participação, pois partem das tradições, das ideias e dos valores desse grupo, com destino “ao desenvolvimento de típicas categorias de pensamento e de recursos de expressão”.

Pronunciamos a afetividade por ser a base de sentimentos de tolerância, respeito ao outro, solidariedade, compreensão, amor (Medeiros, 2017; Araújo, Oliveira & Camargo, 2005; Pinto, 2008). Sentimentos estes de crucial relevância principalmente numa sociedade marcada pelo capitalismo, consumo e competitividade (Medeiros, 2017). E tal como menciona Costa (2017, s/p) “pequenos gestos como um sorriso, uma escuta ativa e uma atitude respeitosa” são como combustíveis para o enfrentar dos problemas da vida, para uma maior solidariedade e companheirismo (Rabecini & Parra, 2015). São um impulsionador de “crescimento da autoestima, autonomia e autoconfiança” (Silva, 2015, p.7) uma vez que, são as pessoas de quem gostamos, com quem nos identificamos, aquelas com que nos relacionamos mais (Reginatto, 2013, p.2).

Com base nesta momentânea reflexão, onde procuramos advertir para as mudanças na sociedade e nas próprias pessoas, emerge a pergunta de partida orientada para a prática de um determinado contexto, neste caso, um estudo de caso: Lar e Creche. Nestas palavras, a pergunta de partida pela qual nos propomos investigar prende-se: “Será a relação intergeracional-afetiva um caminho para o bem-estar e desenvolvimento?”

Desta forma, procuramos com a presente investigação, verificar de que forma estas relações promovem o bem-estar dos idosos e das crianças.

De seguida, apresentaremos a estruturação da presente dissertação como forma de auxiliar o leitor.

Primeiramente, procuramos fundamentar teoricamente o estudo no qual nos propomos a investigar, refletindo sobre conceitos e cruzando visões. Esta revisão da literatura se revelará importante uma vez que contribuirá “para uma melhor compreensão do fenómeno social em estudo”, permitindo situar o “estudo no contexto e, com isso, estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre o tema (...) e o problema que se pretende investigar” (Coutinho, 2013b, p.58).

Abordaremos no Capítulo I o conceito de relação afetiva pois, tal como fora analisado, estas relações partem de uma base de amor, carinho e afeto;

seguidamente no Capítulo II, recolheremos informação relacionada com as relações intergeracionais. Dada a sua importância, essa informação irá ser subdividida, para um melhor entendimento do tema. Primeiro procuraremos compreender o conceito de relações intergeracionais e posteriormente, caracterizar, o espaço intemporal das gerações, uma vez que estaremos a refletir sobre duas gerações que se encontram em momentos da vida distintos. O Capítulo III abraçará estes dois momentos refletidos anteriormente, contribuindo para a cogitação destas relações intergeracionais-afetivas na Terceira Idade e na infância.

Seguidamente, o Capítulo IV destinar-se-á ao estudo empírico, ou seja, qual a metodologia de investigação a utilizar para o estudo de caso.

Este terá como base o paradigma fenomenológico-interpretativo, com vista à compreensão das perceções que os idosos têm acerca do tema e à observação da realidade das crianças em momentos de relação com os idosos. Para que consigamos responder aos objetivos da investigação, orientamo-nos por uma abordagem qualitativa uma vez que, tal como refere Amado (2014), esta investigação vai mais além das palavras, procura compreender os significados, as crenças que as pessoas têm sobre as suas próprias ações, as suas relações com o Outro e as suas perceções acerca do contexto em que estão envolvidos.

Desta forma e tendo como base as palavras de Bogdan & Biklen (1994, p.24) “este estudo de cariz interpretativo/ qualitativo”, terá como métodos de recolha de dados a observação visto que estamos a falar de crianças em idade muito tenra e procuramos compreender como são os seus comportamentos em momentos de relação com os idosos; a entrevista semiestruturada ao presidente da instituição com vista a uma caracterização da freguesia e da instituição mais detalha, à animadora sociocultural com o intuito de compreender quais os traços psicológicos, sociais dos idosos que possam influenciar a forma como agem em momento de relação com as crianças, a Educadora de Infância com a intenção de compreender melhor as crianças e a entrevista semiestruturada aos próprios idosos como forma de estabelecer

com estes uma relação de maior proximidade e empatia e a análise documental.

Como forma de análise dos dados obtidos ao longo da investigação recorremo-nos à técnica de análise de conteúdo (Amado, 2014). Tal como referenciado por Vala (1986, p.104, citado em Amado, 2014, p.304) esta técnica tem como finalidade “efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas”. Ainda na sua continuidade, esta forma de análise procura ir “mais longe do que a mera descrição dos “conteúdos manifestos”, procura a interpretação de dados subjetivos como gestos, posturas, etc. (idem, 2014, p.304)

O Capítulo V resumir-se-á à apresentação e análise dos dados recolhidos em contexto que segundo Miles e Huberman (1984, p.24, citado em Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005, p.118) se define como a “estruturação de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões”. Será “a relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica” que dará sentido à interpretação (Coutinho, 2013b, p.222). É nesta fase que o investigador conseguirá responder à sua questão de partida uma vez que será o culminar dos dados recolhidos em contexto e a literatura revista, precisando de “ir mais além da leitura dos dados”, integrando-os num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido” (Gil, 2008, p.178).

As considerações finais, espaço onde se apresentará o plano de ação, serão ostentadas no Capítulo VI. Um momento de reflexão, sobre todo o percurso realizado até ao momento onde a inferência é “derivada dos resultados, fraquezas no estudo” (Bento, 2011, p.31). Será neste ponto que procuraremos incluir um plano de ação, tal como referido a supra, que vise um conjunto de atividades, recursos, objetivos e devidas avaliações.

Por fim, o sétimo capítulo alardeará as referências bibliográficas do quadro teórico utilizado revelando-se também uma forma de ajudar o leitor em relação a bibliografia relevante (Bento, 2011).

## 1. **CAPITULO I – AFETIVIDADE**

Findada a parte introdutória à investigação, partiremos neste momento para a revisão da literatura que nos ajudará na compreensão da problemática em estudo. Neste seguimento, interessa-nos compreender primeiramente, o conceito de afetividade e a forma como este poderá impulsionar as relações sociais.

### 1.1. **ESTUDO DO CONCEITO**

O estudo deste conceito leva-nos para uma ambiguidade de definições tornando-nos incapazes de apresentar uma abordagem específica, clara e única que transmita toda a abrangência e complexidade da palavra afetividade.

Porém, diferentes autores, refletem sobre uma premissa comum: o facto de acompanhar o indivíduo desde o seu nascimento até à sua morte (Araújo, Oliveira & Camargo, 2005; Bezerra, 2006; Turatti, Pessolato & Silva, 2011; Pinto, 2007; Cidade, 2009; Leite & Paula, 2014). “Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor” (Antunes, 2006, p.5 citado em Brust, 2009, p.24). Por outro lado, na velhice esta será uma forma de narrar a história dos nossos afetos, “permeando encontros e desencontros, alegrias e tristezas, realizações e frustrações” (Néri, 2001, p.134, citado em Sehn & Carrér, 2014, p.21).

Segundo Codo & Gazzotti (1999, pp.48-59, citados em Bezerra, 2006, p.21) a afetividade é o “conjunto de fenómenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões” sendo complementado por Pinto (2008) com os resultados valorativos tais como o amor, alegria, tristeza.

Também Mahoney e Almeida (2005, citados em Cacheffo, 2011) ressaltam esta concepção de um ser que influencia e é influenciado tendo por base sensações agradáveis ou desagradáveis, que nortearão a maneira “como as pessoas vêm as situações e como se manifestam a seu respeito” (Reginato, 2013, p.4). “Pequenos gestos como um sorriso, uma escuta ativa e uma atitude respeitosa” (Costa, 2017, s/p) são combustíveis para o enfrentar de problemas na vida, para uma maior solidariedade e companheirismo (Rabecini & Parra, 2015).

Diferentes teóricos, em perspectivas desenvolvimentalistas, abordam a questão da afetividade como é o caso de Piaget, Vygotsky e Henri Wallon. Estes defendem que a afetividade não se apresenta como um conceito isolado do indivíduo, uma vez que, é influenciado por diferentes conceitos (Cacheffo, 2011; Santos & Ortega, 2012; Souza, 2011b; Cidade, 2009).

Na perspectiva de Piaget, a afetividade ocorre juntamente com a cognição, sendo que esta primeira “impulsiona o desenvolvimento cognitivo e fortalece as estruturas da atividade intelectual, ou seja, a inteligência” (Cacheffo, 2011, p.5). Nas suas palavras alude para a indiscutibilidade acerca da junção dos conceitos uma vez que “sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência” (Piaget, 1962/1994, p.129, citado em Souza, 2011b, p.249). Na sua linha, também os valores são um fator primordial salientando que estes “surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito” (Arantes, 2003, p.10).

Também o psicólogo Vygotsky abordou a relação entre afetividade e cognição, ressaltando para a questão das emoções como influenciadoras no processo (Arantes, 2003). Defende a importância da linguagem por se revelar uma forma de exprimir o peso da cultura que nos rodeia, pois, a “forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos” (Arantes, 2003, pp.10-11)

Por sua vez, Henri Wallon aponta-nos para a junção de três fatores: afetivo, motor e cognitivo. Na linha deste pensamento de Wallon, Mahoney, (2000, p.15, citado em Silva, 2015, p.5) refere que “qualquer atividade motora tem ressonâncias afectivas e cognitivas; toda disposição afectiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afectivas e motoras” que se apresentam influenciadas pelo meio social. Ainda na sua visão, salienta para a questão da afetividade em primeira ordem, porque “é ela, através da emoção que é uma impressão corporal de um estado interno, que faz a comunicação, intercâmbio entre os indivíduos, e provoca as primeiras representações, figurações e que, adquirem consistência nos movimentos” (Bezerra, 2006, p.24). Resumido por Galvão (1995, citado em Leite & Paula, 2014, s/p) “as emoções são uma forma de expressão da afectividade e propiciam assim a comunicação social”.

Com a referência a estes três grandes teóricos, procurou-se demonstrar a ambiguidade do conceito que fora referido anteriormente. Um conceito que não apresenta uma definição concreta e que não pode ser dissociado do indivíduo e tudo o que este representa na sociedade e o que esta representa nele. Estamos em constante interação com as diferentes pessoas sendo que, existindo afeto, carinho, amor, proximidade com o “Outro” torna-se mais fácil enfrentar problemas pessoais e do quotidiano.

## **1.2.AFETIVIDADE COMO IMPULSIONADORA DE RELAÇÕES SOCIAIS**

Abarcada a questão do conceito geral de afetividade, procuramos neste subponto refletir acerca da sua contribuição no seio das relações sociais (RS). Este terá como propósito uma reflexão sucinta como parte introdutória do que iremos abordar mais aprofundadamente no capítulo III.

“Vivemos num tempo de incertezas, que gera insegurança sobre a vida comunitária e, portanto, é preciso mais do que nunca entender e fortalecer as

maneiras pelas quais as pessoas podem sobreviver”, aprender e crescer (Juliano & Yunes, 2014, p.146). Desta forma, conscientes da abordagem sistêmica, compreendemos o indivíduo como um ser social, em constante interação com o meio ambiente e seus pares, evoluindo e influenciando-se reciprocamente (Costa & Matos, 2008). Tal como alude as palavras de Janet (1929, p.266, citado em Góes, 2000, p.118) “nós nos inventamos graças à sociedade que nos fez e que pode igualmente nos desfazer”.

Tendo em conta as palavras antecedentes, as RS consistem no

[...] comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade. (Weber, 1921/1991, p.16 citado em, Coutinho, 2013a, s/p)

Ainda nesta linha, Meneses e Sarriera (2005, p.54) referem que a base destas relações são fontes de “reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência e da ação”. Os indivíduos estabelecem uma proximidade maior com pessoas com as quais se identificam, porém nunca se desfazem da subjetividade de cada um, sendo esta uma situação peculiar a cada indivíduo que tem como influência o caminho e a história pessoal, mas também, de uma forma mais ampla, a própria humanidade (Loos & Sant’Ana, 2007).

Esta necessidade, do indivíduo ser social e estar em sociedade, é apresentado no artigo intitulado “O garoto selvagem: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano” (Pereira & Galuch, 2012), no qual os autores nos apresentam vivamente o valor das relações sociais para o crescimento do ser humano. Nele, referem o caso de uma criança, conhecida por criança selvagem, que cresceu isolada do mundo social, sem interações, sem “métodos particulares para desenvolver suas

capacidades humanas”, que não sabia falar, andar, conviver, refletir, associar palavras a objetos, não apresentava significados às situações, que apenas procurou sobreviver às condições pelas quais havia sido exposta em idade precoce (Idem, 2012, p.555).

Nogueira (2001) fala-nos acerca do peso das RS logo após o nascimento de uma criança, nomeadamente na relação bebé-mãe. Estas relações de apego “transmitem sensações de segurança e conforto na presença do outro, favorecem o desenvolvimento cognitivo, o autoconceito e as habilidades sociais da criança” (p.12). No caso da criança selvagem, mesmo havendo especulação de alguma relação com os pais, esta fora suprimida quando se viu, ao longo de vários anos, com a ausência total de contacto com seres humanos (Pereira & Galuch, 2012). Tal como refere Leontiev (1978, p.261, citado em Nunes & Filho, 2016, p. 232) “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”.

São díspares os motivos que levam a pessoa a relacionar-se com os outros, podendo estes ser relações de natureza “familiar, conjugal, de amizade, companheirismo, vizinhança, profissional ou religiosa, entre outras” (Nogueira, 2001, p.13). Por exemplo, no caso de um bebé, a relação advém principalmente da necessidade de sobrevivência e de respostas afetivas dos pais; quando se está doente e há uma necessidade de ir ao médico; quando temos que realizar um trabalho com alguém (idem, 2001).

Desta forma, falar de afetividade nas RS é falar de amor, de carinho, de entrega a alguém que consideramos como importante para as nossas vidas, é “como algo que se tem ou constrói pelo outro sem esperar nada em troca (Medeiros, 2017, p.1171). É “fazer aflorar sentimentos de tolerância, de respeito a si próprio e ao próximo”, principalmente, numa sociedade marcada pelo capitalismo, pelo consumo e pela competição (Medeiros, 2017, p.1167). O “afeto, indiscutivelmente, está entre as necessidades que precisamos suprir para a garantia da sobrevivência, da vivência e da convivência humana” (Luz, 2014, p.7). Complementarmente é através destas relações que, trabalhamos

questões relacionadas com o “desenvolvimento, socialização e construção de indivíduos críticos, autônomos e capazes de lidar com as adversidades do cotidiano” (Medeiros, 2017, p.1168).

Transportando este tema para as experiências pessoais, percebemos que, são as pessoas com as quais nos identificamos, de quem gostamos mais, que nos fazem ficar mais próximas delas, ao invés daquelas com as quais não nos identificamos e das quais não gostamos. Com estas primeiras, procuramos estar mais vezes com elas, partilhar conhecimento, experiências.

Tal como nos refere Araújo, Oliveira & Camargo (2005, p.15) a “nossa vida afetiva é composta de dois afetos básicos: o amor e o ódio” sendo estes os impulsionadores dos nossos pensamentos e ações. São eles que nos levam a aproximar e a comunicar com alguém. Nesta lógica, segundo Galvão (1995, citado Leite & Paula, 2014, s/p) “as emoções são uma forma de expressão da afetividade e propiciam assim a comunicação social”.

Em torno do capítulo dedicado à afetividade e às relações sociais é visível a grandiosidade do ser humano. Não somos apenas uma pessoa com sentimentos, ou com relações. Somos tudo isso e muito mais. Somos a mistura de emoções, sentimentos, pensamentos e ações. Somos a influência da vida e das pessoas que nos circundam. Somos um todo num mundo tão grande que é a humanidade. Somos os sorrisos e as lágrimas derramadas num corpo só. Somos os sentimentos à flor da pele que nos fazem relacionar com os outros, que nos fazem aproximar e distanciar de quem amamos e de quem odiamos. E a afetividade vai muito além de sorrisos e elogios: é a escuta, é o impor de limites, é a repreensão, é a partilha de experiências e momentos, é a identificação a alguém, é o que nos faz ficar e nunca mais querer sair (Araújo, Oliveira & Camargo, 2005; Leite & Paula, 2014; Capelatto, 2012). É o que queremos manter junto a nós, auxiliando nos bons e nos maus momentos da vida. É a “base da vida”, é o que nos impulsiona a relacionar com os outros (Rossini, 2004, p.16 citado em, Araújo, Oliveira & Camargo, 2005, p.14).

## 2. **CAPÍTULO II- RELAÇÕES INTERGERACIONAIS**

O destino deste caminho será a compreensão do conceito de relações intergeracionais (RI) e, uma vez que, estamos a falar sobre duas gerações bem distintas, procuraremos a apreensão do processo de envelhecimento e, por outro lado, a reflexão sobre a concessão de infância.

### 2.1. **ESTUDO DO CONCEITO**

O conceito intergeracional remete-nos para a confraternização “entre duas ou mais pessoas que estão em diferentes fases da sua vida, que se reconhecem e identificam, mas que são diversas e comportam saberes específicos inerentes à sua história e à sua experiência de vida” (Costa, 2014, p.12).

Desta forma, aludimos para a consciência da importância da compreensão do conceito de Relações Sociais para o tema. Porém, uma vez que já fora refletido no capítulo anterior, partiremos na ótica do estudo do conceito propriamente dito.

Neste seguimento, nas palavras de Lopes (2008, p.25, citado em Canejo, 2018, p.29), as relações intergeracionais são “o termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações”, com idades e estádios de desenvolvimento diferentes, que possibilitam o encontro de experiências e contribuem “para a unidade dentro da multiplicidade” (Oliveira, 2011, p. 4).

Também Sequeira (2014, p.14) reflete em torno deste assunto, referindo que estas podem ser “relações entre avós e netos, relações familiares que envolvem mais que uma geração, avó, mãe e filha, relações de trabalho ou de amigos que podem ter idades diferentes, uns com 30 anos, outros com 50”.

Importa salientar que, quando falamos de RI não temos só por base a relação entre idosos/crianças, “embora se associe comumente o termo a jovens e idosos, pode-se classificar de intergeracional qualquer tipo de relação entre qualquer geração” (Monteiro, 2015, p.41). Contudo, no presente estudo importa o enfoque nas relações entre primeira geração e a terceira idade por ser o objetivo específico do mesmo.

Neste termo estão subjacentes diferentes gerações, “portadoras de memória familiar e colectiva, de discursos e representações, participando na perpetuação de valores e na construção de novas identidades e trajectórias individuais e grupais” que contribuirão para um mundo mais rico, mais harmonioso e menos conflituoso (Ramos, 2005, p.200). Ou seja, diferentes pessoas, do ponto de vista psicológico, sociológico, etário, com experiências e vivências diversificadas podem “constituir um contributo positivo para a vida de todos e de cada um, acreditando que o todo é maior que a soma das partes” (Costa, 2014, p.12).

O artigo intitulado “Elaboração de Programas Intergeracionais: o desenho do perfil comunitário”, redigido por Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2015) corrobora-nos a importância destas relações no seio educacional. É através deste que, diferentes estudos da Unesco comprovaram que, relativamente às crianças/jovens, estes beneficiariam em questões relacionadas com a cooperação, comunicação, compreensão do processo de envelhecimento, tolerância, história cultural. Por outro lado, na ótica dos idosos, estes apresentavam sinais de “melhoria da autoestima; melhoria da saúde, comportamento menos solitário, aumento da memória” (pp.35-36).

Neste seguimento, Branco (2014) relata também a importância das RI no sentido de “renovação do apreço pelas suas experiências, reintegração na vida familiar e comunitária, amizade com os jovens” (p.13).

Numa perspetiva mais ampla, podemos olhar para este conceito como “trabalhador” de estereótipos e problemas sociais. Por exemplo, ao “valorizarmos interações que fomentem o respeito, a dignidade, a autonomia e a solidariedade (Palmeirão, 2007) estaremos a desmontar o paradigma de

*velhice velha* (antiquado, usado, gasto)” e a contribuir para uma sociedade mais justa e mais atenta às diferenças (Marquês, 2009, p.1874).

Nos tempos que correm “tornou-se evidente o desenvolvimento de um preconceito estereotipado para com o idoso e uma idolatração da juventude que veio constranger a relação jovem/idoso” (Monteiro, 2015, p.41). Tal como nos relata Souza (2016) na sua experiência relativa às RI, o ideal de idoso envolto de sapiência e experiências, hoje em dia se manifesta com repugnância, medo, sendo mesmo “comparado a um monstro que a criança tem que temer” (p.132). Também sob o mesmo parecer, Poltronieri, Costa, Costa e Soares (2015, p.294) apresentam-nos o sistema de valores a que, nos dias de hoje, nos vemos agregados e que elegem “a juventude como uma fase ideal, supervalorizada, que deve ser alcançada de qualquer maneira”.

Outro autor que também ressalva esta importância é Tavares (2010, p.23), que considera as RI como um motor de ajuda para “quebrar estereótipos relacionados com a velhice, pois há crianças que não têm contacto com pessoas mais velhas, não vendo o envelhecimento como uma etapa normal da vida, criando-se preconceitos e estereótipos”. Desta forma, este conceito poder-se-á apresentar como um condutor minimizante para “a segregação e o preconceito etário”, tal como cita Tarallo (2015, p.45).

Em breves palavras foi aludida a positividade destas relações para cada interveniente e numa perspetiva mais ampla, porém, será no capítulo III que, de forma mais extensa e focada, refletiremos sobre estas questões.

Terminamos este ponto com uma questão que se revela primordial atendendo à globalidade deste tema de relações, a questão da intersubjetividade de cada indivíduo defendida por Ruschel e Castro (1998).

Desde o capítulo anterior que apresentamos a importância das relações para o desenvolvimento do indivíduo, pelas vastas aprendizagens que podem retirar delas. Não vivemos isolados no mundo, encontramos-nos em constante interação com o outro (Costa & Matos, 2008), e se podermos cruzar duas gerações diferentes, com vivências e histórias de vidas diferentes, o

crescimento se revelará muito mais bonito, dinâmico e com uma maior consciência da realidade.

Entre estas relações abordamos a socialização visto que, “o ser humano, desde que nasce, não apenas está sujeito a influências da sociedade de que participa e ajuda a construir, como também a influencia” (Moragas, 1997, p.101, citado em Costa, 2014, p.13).

Ruschel e Castro (1998, s/p) introduzem outro conceito neste meio, a intersubjetividade uma vez que, apesar da relação com o Outro devemos ter consciência de quem nós somos, do que representamos e o que queremos para nós. Relacionar-se com alguém não significa dar o lugar a essa pessoa, ou renunciar a nossa existência ou participação no mundo. “Ele é o meu Tu somente na relação, pois fora dela ele não existe, assim como o Eu não existe a não ser na relação” (Buber, 1977, p.55 citado em Ruschel & Castro, 1998, s/p).

Nós crescemos com base da relação com o outro, somos parte integrante de um mundo tão vasto como a sociedade, mas é também a partir desta que criamos o nosso próprio *eu*. Nas palavras de Souza (2011a) “a aproximação possível a ser feita, então, é a de uma teoria da formação do “eu” que tenha este caráter processual e ressalte a presença do outro, isto é, uma teoria intersubjetiva da formação” (p.48).

## **2.2. ESPAÇO INTEMPORAL DAS GERAÇÕES**

Como temos vindo a mencionar, as relações intergeracionais pressupõem a existência da relação entre duas ou mais pessoas pelo que, na presente investigação interessa o enfoque na primeira e terceira geração.

Desta forma, a emergência deste subponto procura refletir teoricamente acerca das gerações que, a nível temporal, se encontram em fases diferentes. De um lado da balança a criança, desejosa de conhecimento, que começou a dar os seus primeiros passos neste mundo tão desconhecido. Do outro lado,

uma faixa etária que já percorreu todo um caminho, trazendo consigo pegadas de sorrisos, lágrimas, momentos, memórias, experiências.

Num mesmo espaço, diferentes pessoas, com idades diferentes transportam consigo diferentes histórias. Resta-nos então, tendo em conta a sua individualidade, compreender as mesmas para que, posteriormente, seja possível cruzar com os contributos das RI.

### **2.2.1. Terceira Idade**

Iniciaremos este ápice com um enquadramento em torno do idoso, com vista primeiramente à apreensão do processo de envelhecimento e, posteriormente, o conceito de velhice uma vez que, apresentam noções diferentes e revela-se mais facilitador de leitura.

De salientar, também, a preocupação de refletir, neste último, pequenos detalhes que nos demonstrem quais os ganhos e perdas, potencialidades e fragilidades que vão emergindo, principalmente nesta fase do ciclo vital.

#### **2.2.1.1 Processo de Envelhecimento**

O processo de envelhecimento caracteriza-se como “um fenómeno intrínseco a todos os seres humanos” (Carvalho, 2016, p.19) sendo, aos olhos de Assis (2005, p.1), “um processo universal, progressivo e gradual”. “Vivido de diferente modo consoante o contexto social em que as pessoas se inserem, além de sofrer influências internas e externas que se vão repercutir na velhice e na forma como se vai envelhecendo” (Almeida, 2008, p.44).

Ou seja, para além de se revelar um fenómeno comum a todos os seres humanos, é vivenciado de forma diferente, “pois cada pessoa, como ser único,

experiencia e desenvolve singularmente seu próprio processo de envelhecimento” (Neri, 2001, citado em Moreira e Nogueira, 2008, p.64).

Contudo, com base nas pesquisas de diferentes autores, tornou-se passível a referência à existência de díspares tipos de envelhecimento.

Neste seguimento, segundo Faria (2008, citado em Azevedo, 2015), o envelhecimento pode ser caracterizado em dois pontos. Por um lado, o envelhecimento primário ou senescência que se define pelas alterações “causadas pela idade, independentes das doenças e das influências do ambiente”. Por outro lado, o envelhecimento secundário ou senilidade que “consiste numa aceleração deste processo como resultado das doenças que surgem ocasionalmente, assim como, dos fatores ambientais ou doenças crônicas” (Idem, 2015, p.27).

De forma geral, podemos referir que o “envelhecimento normal implica mudanças biológicas, psicológicas e sociais que são inevitáveis e que acontecem com o passar do tempo (senescência)”, e a senilidade um potencializador e acelerador do envelhecimento normal (Ribeiro, 2007, p.19).

Patrícia António (s.d), no manual de formação para técnicos auxiliares, reflete em torno do processo de envelhecimento humano, fazendo emergir um terceiro nível, o envelhecimento terciário. Este, caracteriza-se pelas mudanças que ocorrem no indivíduo, mas de forma precipitada e intensa levando, à entrada “num estado de cansaço muito grande, de esgotamento das suas reservas energéticas e de grande desinteresse pelo ambiente que o rodeia, como se efetuasse uma verdadeira preparação para a morte” (idem, s.d, p.32). Estas têm como base experiências positivas e negativas, reações a determinados acontecimentos, que preparam (ou não) o indivíduo para o futuro (Ribeiro, 2007).

Conscientes da realidade, observamos com o desenvolver da nossa vida, alterações do nosso corpo, da nossa forma de estar, de pensar, de agir, sendo essas alterações mais visíveis quando comparamos por exemplo, a fase da adolescência com a fase da velhice. Na fase da adolescência é perceptível a força, agilidade física, enquanto na terceira idade esta se vai deteriorando. Já não

conseguimos correr tão rápido, subir umas escadas já custa... Porém, será no decorrer desta reflexão que, mais concretamente se abordarão estas questões.

Nesta perspetiva, Fonseca (2004 citado em Carvalho, 2016, p.19), alude-nos para um envelhecimento que se determina como “(...) um processo bio-psico-social de cariz individual”, que se reflete “ao nível do seu comportamento, capacidades intelectuais, na actividade física e nas interacções sociais” (Castro, 2007; Lima, 2002 citado em Lopes, 2010, p.8).

Na ótica de alterações, falaremos primeiramente, ao nível biológico que se caracteriza pelo envelhecimento orgânico, uma vez que, “cada órgão sofre modificações que diminuem o seu funcionamento durante a vida e a capacidade de auto-regulação torna-se também menos eficaz” (Cancela, 2007, p.2). Almeida (2008) apresenta-nos exemplos de declínios a este nível: por um lado, ressalva-nos acerca das modificações estruturais nomeadamente ao nível das células e dos tecidos; da composição global do corpo e do peso corporal, dos músculos, ossos e articulações e, por outro lado, das modificações ao nível do sistema cardiovascular, respiratório, reprodutor, entre outros.

Ainda nesta vertente, Stamato (2007) fala-nos das transformações que ocorrem a nível físico/biológico, nomeadamente a nível externo e que importa frisar. Este refere-se, por exemplo ao aparecimento das rugas, a pele torna-se mais flácida, a postura torna-se mais curvada, o equilíbrio mais difícil de manter, o nariz alarga tal como as orelhas se tornam maiores (Idem, 2007).

De ressaltar que, o envelhecimento físico/biológico “depende significativamente do estilo de vida que a pessoa assume desde a infância ou adolescência” (Cancela, 2007, p.3) nomeadamente, “os seus vícios, a sua alimentação, o meio onde mora e convive pode alterar e/ou desenvolver aspectos biológicos diferentes de outros seres humanos” (Rodrigues, 2012a, p.39).

A vertente psicológica, está relacionada com a capacidade de aceitarmos o processo de envelhecimento, tornando-se segundo Rodrigues (2012a), a maior dificuldade no ser humano.

As alterações são visíveis no espelho “como os cabelos grisalhos, as rugas e a pele flácida”, a subida das escadas já se revela uma tarefa difícil de concretizar (Silva, Fossatti & Portella, 2007, p.120). Os sentimentos tornam-se mais difíceis de orientar, a motivação muitas vezes substituída por desencanto “e a própria personalidade das pessoas idosas se altera porque há um desfasamento entre o ritmo e ao estilo da vida passada e o presente” (Rodrigues, 2012a, p.42).

Segundo Zimerman (2000, citado em Fachine & Trompieri, 2012, p.126) existe uma grande dificuldade na adaptação aos novos papéis sociais (entrada na reforma, estatuto de avô(ó)), “falta de motivações, baixa auto-estima, auto-imagem baixa, dificuldade de mudanças rápidas, perdas orgânicas e afetivas, suicídios, somatizações”. Para além de tudo isto, nas palavras de Carvalho (2016, p.24) estes “sentem que já não possuem objetivos de vida por já não se sentirem úteis e por não contribuírem para o desenvolvimento da sociedade”.

Cabe então ao indivíduo, a procura de encarar “esta fase da vida de forma convincente para fazer face as perdas que lhe apresentam” (Serafim, 2007, pp.12-13). Tal como nos refere, Moraes, Moraes e Lima (2010, p,70) “a pessoa idosa torna-se suficientemente sábia para aceitar a realidade, tolerar a dor ou a perda da independência biológica, pois seus dispositivos de segurança são cada vez mais eficazes na relação com o mundo”, pelo que “entender e aceitar esse processo é de grande importância para vivenciá-lo com saúde e autonomia” (Mari, Alves, Aerts & Camara, 2016, p.40).

Tal como tem vindo a ser referido, o envelhecimento humano apresenta, também, impacto a nível social, nomeadamente no seio das relações sociais. Os papéis sociais alteram-se com a entrada da reforma, com a perda de pessoas importantes como por exemplo o cônjuge, amigos de infância (Ribeiro, 2007; Lopes, 2010; Fachine & Trompieri, 2012). Rodrigues e Soares (2006, p.8) elegem algumas considerações acerca do tema referindo que, a estagnação e as perdas “levam à rutura e ao isolamento; a inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados” promove também o afastamento e a “imagem negativa do aposentado” significa para muitos um fim. Resumido, Fernandes (2001, p.39) considera que estas pessoas, “são normalmente,

identificadas com isolamento, solidão, doença, pobreza e mesmo exclusão social”.

Almeida (2008) alude-nos, também, para estas questões refletindo acerca da reforma, visto que, “na maior parte dos casos faz com que a pessoa se afaste de uma actividade profissional, o que pode conduzir a um processo de perda de personalidade, bem como a uma marginalização social” (p.63). Outro exemplo, referenciado por este, prende-se com a perda do cônjuge por ser um “acontecimento que modifica profundamente a vida familiar dos idosos” pois, há uma necessidade de (re)adaptação à perda e de aprender a continuar o seu caminho, mas sozinho (idem, 2008, pp.64).

Segundo Fachine e Trompieri (2012) o envelhecimento social altera o status do indivíduo, mas também, a forma de se relacionar com os outros, sendo que “o facto da pessoa idosa não contribuir produtivamente para a sociedade leva a que seja tratada de forma diferente, o que prejudica a sua integração social e, conseqüentemente pode levar à marginalização” (Azevedo, 2015, pp. 26-27). Complementarmente, Sousa e França (s.d), referem que estes estereótipos que emergem à imagem do idoso irão contribuir para a forma como este encara o seu processo de envelhecimento e conseqüentemente a sua qualidade de vida.

Desta forma, o indivíduo para além de se ver neste momento reformado, onde as rotinas do dia-a-dia dão entrada a uma dedicação do tempo livre, vê-se submergido em torno de preconceitos e olhares discriminatórios da sociedade em que vive. Nesse sentido, tal como referido anteriormente, “parte jovem da sociedade é valorizada, contrariamente aos idosos, que são discriminados por já não trabalharem e não contribuírem para a evolução da sociedade e por serem consumidores passivos das remunerações dos indivíduos que exercem uma atividade laboral remunerada” (Carvalho, 2016, p.40).

Importa, porém, ressaltar, que cada indivíduo é um ser único, diferencial tal como descrito no início deste ponto, sendo que cada um apresenta uma forma própria de encarar a realidade. Uns aceitam-na procurando contrariar os

efeitos negativos do envelhecimento, outros, negam-na, esperando, tal como aludido a supra, pela morte (Moreira & Nogueira, 2008).

Desta forma, entendemos como fulcral a inserção de um subponto direcionado para as conquistas/potencialidades, com vista à apreensão que, o processo de envelhecimento é um caminho que nos leva à velhice e que, embora encarada de forma negativa, existe sempre algo que podemos retirar como positivo, como um ganho e uma potencialidade.

### **2.2.1.2 Fase de conquistas**

Ressalva-se em primeira instância a realidade com que nos deparamos nos dias de hoje, uma vez que, pela “primeira vez na história, a maioria das pessoas pode esperar viver até os 60 anos e mais” (Organização Mundial da Saúde, 2015, p.5).

Uma sociedade envelhecida que adveio, em parte, “à redução das taxas de natalidade e do aumento da expectativa de vida, proporcionada pelos avanços tecnológicos em diversas áreas científicas” (Lopes, 2010, p.1). Dátilo e Cordeiro (2015, p.7) vão ainda mais longe na explicação desta realidade salientando também a “concretização de políticas públicas na área do trabalho, habitação, saúde, previdência e assistência social”, que nos demonstram as apostas que o Estado atribui a estas questões atualmente.

Ora, o viver até mais tarde permite-nos, assim, experienciar a última fase da vida, a Terceira idade, sendo esta “uma conquista daqueles que ultrapassaram os desafios da vida e conseguiram alcançar esta fase” (Oliveira, 2014, p.39). “Ela traz em si a colheita do que se aprendeu e viveu, de quanto se fez e foi alcançado, do quanto se sofreu e se suportou” (Fernandes, 2000, p.24, citado em Silva, 2012, p.6)

Neste seguimento, identificamos este conceito à pessoa que, segundo a OMS, se inicia entre os 60 e 65 anos (Cancela, 2007). Contudo, apesar de estimulado, a idade que se atinge nesta etapa, varia de múltiplos fatores,

nomeadamente, a nível biológico, psicológico e social, tal como descrito no ponto onde se abordou o processo de envelhecimento (2.2.1.1). Com base nesta pesquisa é possível comprovar que, são estes os fatores que “podem preconizar a velhice, acelerando ou retardando o aparecimento e a instalação de doenças e de sintomas característicos da idade madura” (Cancela, 2007, p.3).

Desta forma, falar de idade cronológica, é falar da idade de nascimento, ou seja, os anos que a pessoa já viveu (Silva, 2006) o que fica muito aquém da realidade pois, “não considera o percurso biográfico de cada idoso, nem as suas possibilidades vitais, tal como não tem em conta as condições pessoais e ambientais que determinam o estado global do indivíduo” (Serafim, 2007, p.31).

Segundo Fontaine (2000, citado em Azevedo, 2015) existem três tipos de idade: a biológica, psicológica e social. A biológica procura compreender o envelhecimento dos órgãos, a psicológica refere-se “às competências comportamentais que a pessoa idosa pode alterar em resposta às alterações ambientais”, abrangendo “ainda a inteligência, a memória e a motivação” e por fim, a social que nos elucida para o tipo de relações que a pessoa estabelece com o meio (idem, 2015, p.26).

Apesar de encarada de forma estereotipada, de declínios a diferentes níveis, existem bastantes aspetos positivos, tais como o sistema de valor estável, sensatez, juízo crítico, voluntariado, conhecimento, sabedoria, experiência de um caminho já construído (Silva, 2012). Complementarmente, Finato (2005, pp.4-5) refere que existem ganhos “nas áreas de fluência verbal, raciocínio estratégico, ponderamento, e ao contrário do que se pensa, ganhos emocionais”, pois segundo alguns estudos, estas pessoas, conseguem “ter maior controle sobre as suas emoções, conseguindo tornar suas experiências mais ricas e complexas”.

Estas pessoas são fruto de realidades, de sorrisos e lágrimas, de perdas e ganhos, de objetivos traçados e outros perdidos. São fruto de encontro de histórias dos mais variados tempos que atravessaram. São eles que nos

transmitem as realidades do passado. São eles que nos contam os tempos idos da nossa família em que, muitas das vezes, nem comida havia para todos. Fazem-nos sonhar e muitas vezes chorar por uma época em que tão pouco tinham, mas que tão felizes eram. São eles que nos demonstram o poder do amor e não das coisas materiais nas quais, hoje em dia, estamos encurralados. Segundo Silva e Correa (2014, p.126) eles são o “elo vivo que conecta os “antepassados” com os seus “descendentes” ”.

Vivemos para o consumismo, esquecemo-nos do poder das relações para o nosso crescimento, para o enfrentar do quotidiano. Tal como refere Sehn e Carrér (2014, p.21) falar e ouvir histórias de uma vida, “dialogar, sorrir e lembrar com alegria das experiências vividas, permitiu uma ampliação do autoconhecimento, bem como da flexibilidade e da busca pelo prazer de viver”. Os autores vão ainda mais longe referindo que, é com base nestas relações, que é possível aprofundar e desenvolver a “produtividade, a criatividade, a valorização do potencial humano e a harmonia de viver em coletividade” (p.23).

### 2.2.2. **Infância**

Concluído o enquadramento envolto da terceira idade, partiremos neste momento para uma reflexão em torno da infância, nomeadamente do seu processo de desenvolvimento. Neste ápice trazemos mais informação acerca de como a criança se desenvolve, como é que são as suas brincadeiras, como aparece a linguagem e qual a sua importância, entre outras evoluções que ocorrem nesta fase.

Ora, tal como nos indica, é a primeira fase do ciclo vital pelo que, a sua apreensão revela-se fulcral para os objetivos do estudo em questão.

### **2.2.2.1 Desenvolvimento infantil**

Denotamos as evoluções céleres que ocorrem nas crianças, num curto espaço de tempo. As mudanças são maravilhosas! Em meses, as crianças passam de não conseguir andar ao gatinhar, de pronunciar apenas alguns sons ao chamar de “mamã” e “papá”. São mudanças visíveis e admiráveis, “que nos permitem considerar que as crianças pequenas cada vez mais formam parte de nossa cultura e de nossa comunidade e que, a cada dia, vão-se tornando mais parecidas com as pessoas adultas” (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p.20).

Como parte introdutória, podemos olhar para o Desenvolvimento Infantil (DI) como um processo ativo, gradual e único de cada indivíduo, “expresso por continuidade e mudanças nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com aquisições progressivamente mais complexas nas funções da vida diária e no exercício de seu papel social”, sendo constituído pela “interação das características biopsicológicas, herdadas geneticamente, e experiências oferecidas pelo meio ambiente” (Souza & Veríssimo, 2015, p.1101). Falamos de um processo único uma vez que, tal como temos vindo a refletir ao longo do projeto, o ser humano é um ser singular, com particularidades e influências díspares, que se vão revelar fulcrais para o desenvolvimento infantil, uma vez que, conduzem a formas diferentes de crescer e desenvolver (Bassedas, Huguet & Solé, 1999).

Neste seguimento, Manfroi, Macarini e Vieira (2011), chamam-nos atenção para a perspetiva evolucionista, defendendo que, as crianças nascem com algumas capacidades nomeadamente ao nível da audição, do olfato, degustação, visão, vocalização, expressões faciais, para além do facto, de nascer com traços meramente humanos como por exemplo, os braços, as pernas, um sexo determinado e um “cérebro, que está preparado para crescer e desenvolver-se de modo espectacular” (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p.22). Estes aspetos são cruciais para a compreensão do desenvolvimento infantil visto que, encaradas como geneticamente herdadas, serão a “base para o desenvolvimento posterior de todas as outras capacidades e que lhe permitem

ter contato com o mundo e com as pessoas que o rodeiam” (Idem, 1999, p.36-37), influenciando, também, a forma de “responder às mudanças que acontecem no ambiente em que se encontra” (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2014, p.6).

Desta forma, continuaremos o enquadramento deste conceito em torno das alterações advindas de foro físico, cognitivo, psicossocial, nomeadamente desde o nascimento até aos três anos de vida, visto que, são as idades compreendidas nos indivíduos no estudo em questão.

Segundo Cheio (2016) o desenvolvimento ocorrido ao nível físico prende-se pelo crescimento do corpo e do cérebro, pelas capacidades sensoriais, pelas competências motoras e pela saúde, ou seja, “tudo aquilo que se relaciona com a capacidade de movimento do corpo humano, tanto de sua globalidade como dos segmentos corporais” (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p.31). Ao longo do tempo, é visível o aumento do corpo, o crescimento do cabelo, aumento do peso, conseguem controlar mais facilmente a cabeça, começam a gatinhar até ao momento que começam, efetivamente, a andar sozinhos e a explorar o mundo que os cerca (Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon, 2010; Bassedas, Huguet & Solé, 1999; Ribeiro, Sigaud, Rezende & Veríssimo, 2009).

Por outro lado, relativamente às modificações advindas na ótica cognitiva, estas podem ser caracterizadas como um “processo que envolve esquemas mentais, tais como inteligência, aprendizagem, memória, linguagem, factos e conceito” que serão fulcrais para a adaptação ao mundo real (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro & Gomes, 2007, p.44).

Têm como base o conhecimento, onde inicialmente a resposta tem como suporte os reflexos, progredindo-se até ao “raciocínio lógico e formal do adulto” (Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon, 2010, p.7; Eichmann, 2014). Cheio (2016) completa esta informação, salientando alguns exemplos de desenvolvimento ocorridos neste campo, nomeadamente, ao nível da memória, do raciocínio, do pensamento, da criatividade, estando “estritamente relacionadas com a capacidade de utilização da linguagem verbal” (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p.37).

Jean Piaget reflete mais aprofundadamente acerca das transformações que vão ocorrendo na criança, defendendo que, a construção do conhecimento é fruto da “interação entre sujeito e objeto” (Camargo, s.d, p.7), tendo esta um papel ativo na sua construção (Pinho, 2008). Segundo Dias e Correia (2012, p.2) a junção do indivíduo com o meio ambiente “constituem a base deste processo complexo que é um direito da criança, uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e da emancipação individual e colectiva”.

Nesta linha de pensamento, Piaget considera que, nos primeiros anos de vida, a criança não tem consciência do mundo que a cerca, sendo as suas respostas com base nos reflexos como por exemplo, “uma estimulação da palma da mão provoca, automaticamente, a reação reflexa de preensão” (Cavicchia, 2010, p.4). Interioriza neste tema, os conceitos de assimilação e acomodação pois, segundo Cró (1987, p.13, citado em Pinho, 2008, p.37) as crianças primeiro tendem a “incorporar as pessoas e as coisas na actividade própria do sujeito, portanto a assimilar o mundo exterior às estruturas já construídas, e segundo, a reajustar estas funções das transformações sofridas, portanto a acomodá-las aos objectos externos”, sendo completado por Cavicchia (2010) a construção da sua própria subjetividade.

Ora, é com o passar do tempo, que começam a ter mais noção de tempo, de causalidade resultante da própria ação, começa a haver necessidade de procura e desejo de conhecer, de arriscar, tocar, sentir, observar, mas por “experimentação ativa” (Cavicchia, 2010, p.8). Por outro lado, relativamente aos objetos, as crianças nos inícios de vida, não conseguem acompanhar a deslocação do mesmo; se for tapado por alguma coisa, não têm capacidade de retirar o objeto da frente para chegar ao pretendido (Pinho, 2008). Todavia, é através do desenvolvimento que este já acredita na “permanência do objeto, mesmo quando é escondido em sítios diferentes” (Pinho, 2008, p.39). Os acontecimentos que anteriormente eram meras ações particulares começam a constituir-se num “elo contínuo e sistemático” (Cavicchia, 2010, p.8).

Nas atividades lúdicas que desempenham começa-se, também, a verificar algumas alterações ao longo do tempo. Estas que inicialmente utilizavam o jogo

do exercício, tal com designado com Piaget, onde a excelência se manifesta por exemplo, no atirar de uma bola, de bater com o martelo diversas vezes com o intuito de observar os efeitos da ação, passando pelo jogo simbólico onde fazem brincadeiras como brincar ao faz de conta, imitar, desenhar, gosto por atividades ao ar livre (Fundação Roberto Marinho et al., s.d). Ainda na sua opinião, em conjunto com a última etapa, ocorre o jogo de construção onde “as crianças gostam de desmontar, descobrir o que tem por dentro de cada objeto, material ou brinquedo” (Fundação Roberto Marinho et al., s.d, p.105). O Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, (2014) completa este assunto, aludindo-nos para a importância da brincadeira na infância apresentando as oportunidades que surgem ao experienciamos em contextos de relações socio-afetivas pois, nele “serão explorados aspectos importantes como cooperação, autocontrole e negociação, além de estimular a imaginação e a criatividade” (p.6).

O desenvolvimento da linguagem é um dos aspectos fundamentais para o processo de desenvolvimento cognitivo uma vez que, auxiliará na forma como a criança irá aprender a pensar (Mousinho, Schimid, Pereira, Lyra, Mendes & Nóbrega, 2008). Um exemplo de evolução da linguagem prende-se pela passagem de sons imitados da garganta como o “gue” e o “que” para, a proliferação do “au-au”, na tentativa de referir os “diferentes animais, demonstrando-nos a “importância da estreita ligação entre o desenvolvimento da fala e o do pensamento, uma vez que os significados das palavras são determinados por ambos” (Bastos, 2014, p.58, citado por Delchiaro, Gumiero, Silva, Park, Soares & Santos, 2017, p.68).

De salientar que a comunicação vai além da expressão sonora pois, desde dos primeiros tempos de vida que a criança expressa as suas necessidades através do choro, do sorriso investindo, desta forma, numa comunicação com alguém. Ora, é com o passar do tempo que, passam de expressões, para a produção de sons, estruturação de sílabas e posteriormente de frases (Mousinho, Schmid, Pereira, Lyra, Mendes & Nóbrega, 2008).

Ainda neste campo (e fazendo ressalva para a sua importância para todo o tema do desenvolvimento infantil), é necessário evidenciar o poder e a importância das relações sociais pois, segundo Bissoli (2014, p.833) “no e pelo diálogo estabelecemos relações capazes de tornar nossas as palavras de outrem, desenvolvendo e ampliando a nossa consciência a respeito do mundo”. É no seio das relações que as crianças “estão expostas a formas de pensamento, sentimentos e comportamentos que contêm todo o tipo de ideias implícitas sobre o que significa ser-se “gente” numa determinada cultura” (Conselho Nacional de Educação, 2008, pp. 39-40). Importa então focar a importância dos adultos em utilizar as palavras completas ao invés dos diminutivos, frases mais ricas pois “quanto mais ricas forem as oportunidades de diálogo com as crianças, tanto maiores serão as possibilidades de complexificação da linguagem oral e do pensamento infantil” (Bissoli, 2014, p.837).

Completamos este ponto, com referência à importância da estimulação da afetividade e da envolvimento desta na vida das crianças pois, serão uma forma de gerar relações consistentes, promotoras de autonomia e necessárias para a compreensão da vida em sociedade, da presença do Outro, da sua importância pessoal e “futuramente na sociedade” (Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, 2014, p.6). Para além disto, será neste seio que a criança também começará a ter consciência de si e do mundo, da necessidade de tomar decisões, se sentirá segura, protegida, amada (Dias & Correia, 2012).

Por fim, relativamente às alterações na esfera psicossocial, estão subjacentes a forma como a criança reage em contacto com alguém sendo caracterizado, segundo Cheio (2016, p.19), como “o modo do indivíduo sentir, reagir e de se comportar” aquando o convívio com os outros. Nesta linha, segundo Ribeiro, Sigaud, Rezende e Veríssimo (2009), a criança, a partir do primeiro mês de vida, interage com outro ser humano apenas sorrindo pois, ainda não diferencia ninguém. Tal como menciona Matta (2001, citado por Dias, Correia & Marcelino, 2013, p.5) o sorriso e o choro de uma criança, de seis

a oito semanas, é uma forma de conseguir a atenção e de interagir com os seus pais pois, ainda não possui a designada linguagem verbal.

Contudo, é com o passar do tempo, que ela se vai tornando seletiva, compreendendo de quem gosta e de quem não gosta, quem cuida dele, quem dá afeto e carinho, sendo a figura do cuidador, o elo mais forte com quem estabelece relações afetivas, dependendo, contudo, da qualidade dessa relação (Ribeiro, Sigaud, Rezende & Veríssimo, 2009). “Nesta relação dual reside o primeiro fator de aprendizagem da criança: o carinho da mãe, a sua afeição, disponibilidade e encorajamento tornam-se pilares de uma aprendizagem segura e feliz” (Dias e Correia, 2012, p.3).

É por volta dos dois anos de vida que a criança começa a ter necessidade de ser autónoma, levando a que o vínculo de dependência que estabelecia com a figura cuidadora vá reduzindo. Neste momento, esta começa a ter consciência de si, a formar a sua personalidade e a compreender que é um ser humano como os outros, com um corpo e vontades próprias. Uma ressalva neste momento, é a dificuldade em partilhar, querendo fazer as brincadeiras normalmente sozinha, apesar de gostar da companhia das outras crianças, revelando alguma dificuldade no relacionamento (Dias, Correia & Marcelino, 2013; Ribeiro, Sigaud, Rezende & Veríssimo, 2009).

O egocentrismo é visível também nesta fase (Fundação Roberto Marinho et al., s.d). Falamos deste conceito uma vez que, a criança encontra-se “concentrada em si mesma, não conseguindo colocar-se no lugar do outro o que resulta na dificuldade de partilha de objetos, recorrendo a uma linguagem tipicamente egocêntrica vivenciada em atividades de jogo simbólico” (Costa, 2012, p.14). Piaget completa esta ideia referindo que esta “não percebe a existência dos outros, ou uma vontade diferente da dela, nem o que é certo ou errado, pois o ponto de vista próprio é julgado como sendo o único possível” (Sasso & Morais, 2013, p.32). Aqui entra o egocentrismo, que caracteriza a criança nos seus primeiros anos de vida. Ribeiro, Sigaud, Rezende e Veríssimo (2009) apresentam-nos um exemplo de egocentrismo nomeadamente quando uma criança é mordida. Esta ao ser mordida “associa a mordida a dor; se ele

morder, a associação se faz com o seu prazer de morder”, não compreendendo que pode doer à outra pessoa (Idem, 2009, p.71).

Terminamos este ponto, focando o fator cultural que tão relevante é nesta fase e principalmente, na esfera psicossocial uma vez que, desde o início as crianças “nascem e desenvolvem-se num ambiente rico em expectativas, regras, atitudes, crenças, valores, tradições e modos de realizar diferentes tarefas” (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro & Gomes, 2007, p.49). Ao longo do tempo, vamos compreendendo a cultura a que pertencemos, construindo valores e normas compostas por eles, tendo acesso ao “conhecimento acumulado, assim a cultura material e intelectual é repassada de geração em geração” (Camargo, s.d, p.9). Tal como nos refere Queiroz, Maciel & Branco (2006, p.170) “é no contexto da cultura que se dá a construção social, de significados, com base nas tradições, ideias e valores do grupo cultural que cria e recria padrões de participação, dando origem ao desenvolvimento de típicas categorias de pensamento e de recursos de expressão”.

### **2.2.2.2 Caminho de descobertas**

Olhamos para esta faixa etária (tal como todas as outras) de coração cheio porque presenteiam-nos formas distintas de vislumbrar a vida.

Podemos dizer que a criança aprende vivendo as situações, sentindo, observando, agarrando, cheirando, imitando, estando em contacto com os outros pares (Dias & Correia, 2012). O seu desenvolvimento apresenta uma velocidade veloz, em qualquer área estudada anteriormente, pelo que, necessita “da interação com adultos e pares para que o seu desenvolvimento ocorra de forma harmoniosa” (Dias, 2014, p.500).

E, apesar de os apresentarmos diferencialmente, todos os campos de desenvolvimento aparecem interligados: o aumento físico possibilita a exploração física do ambiente; o desenvolvimento cognitivo assenta na sua

forma de olhar o mundo, de o compreender, de o viver e conseqüentemente na construção do seu próprio self e a área social, o contacto com os outros, a interacção que vivemos com os outros e nos formamos a partir deles (Papalia, Olds & Feldman, 2001)

São como um “navegador ocupado” onde tudo é uma descoberta e uma aprendizagem (Kail,2004) pois, tal como resume Dias e Correia (2012, p.8) elas “aprendem a ver, a ouvir, a cheirar, a saborear, a tocar, a andar, a explorar o seu corpo, a controlar os esfíncteres, a brincar, a falar, a manipular objetos, a resolver problemas “.

E é no mar de brincadeiras, que estes pequenos exploradores aprendem e crescem, que começam a conhecer o Mundo que as rodeia, conhecer diferentes pessoas, regras sociais, relações que lhes permitirão “crescer a nível social, linguístico, cognitivo, emocional e motor” (Matos, 2014, p.53). Ainda sob esta temática, Ferra (2013) alude-nos para esta ser uma forma de as crianças se expressarem e refletirem acerca das relações sociais e dos seus papéis, “podendo assim, criar oportunidades de as modificar, transformar e reinterpretar” (p.15). Compreendendo desta forma, que “brincar é tão importante para a criança, como a alimentação e o repouso, contribuindo assim para o seu desenvolvimento, uma vez que possibilita o “despertar” das suas capacidades e potencialidades” (Marques, 2017, p.19).

Eles são o futuro da sociedade, são a inocência e o novo, são o brilho nos seus olhares a cada descoberta e obstáculo alcançado. E tal como a mítica metáfora nos refere, eles são “as flores de um jardim que necessitam de ser regadas para florir”.

### **3. CAPÍTULO III- RELAÇÕES INTERGERACIONAIS-AFETIVAS: CONTRIBUTOS**

Concluídos os dois capítulos antecedentes que procuravam compreender o conceito de afetividade, relações intergeracionais e mais concretamente, as duas faixas etárias em questão, seguimos neste momento, para um enquadramento envolto dos contributos destas relações, ou seja, relações intergeracionais-afetivas, tanto para a terceira idade como para a infância.

Todavia, com vista à não repetição de informação, iniciaremos esta ápice com uma reflexão em torno dos contributos comuns destas relações para ambas as faixas etárias.

#### **3.1. CONTRIBUTOS EM COMUM**

Neste seguimento, olhamos para estas conexões como contribuidoras do desenvolvimento social, tornado as sociedades mais “justas, dignas e solidárias” (Rodrigues, 2012b, p.51) uma vez que, havendo partilha, convívio e reflexão, as pessoas compreenderão e respeitarão as diferenças existentes no mundo, favorecendo desta forma o “ambiente social e cultural” (Oliveira, 2018, p.29).

Segundo Camden (2007, citado em Vieira, 2010, p.33) “a promoção do contacto e cooperação entre pessoas de diferentes gerações ajuda a construir comunidades locais coesas, permite a co-aprendizagem e estimula a inclusão social, a responsabilidade, a cidadania participativa e o respeito mútuo” e estimula a atitudes solidárias e cidadãs (França, Silva & Barreto, 2010, p.524). Patrício (2014) completa este enquadramento elencando, também, pontos referentes aos benefícios que as pessoas obtêm quando se encontram num

ambiente intergeracional, nomeadamente ao nível da consciência da realidade e da herança cultural, da inclusão e coesão grupal, o desenvolvimento de sentimentos de pertença, fortalecimento da cultura, (re)construção das redes sociais, aumento de experiências de vida, construção e desenvolvimento da personalidade, melhoria das competências sociais, relacionais.

Estas relações auxiliam, também, em questões sociais, nomeadamente em “contextos específicos, como o bullying, a delinquência infantil, os sem-abrigo e o abuso de idosos, contribui para a evolução das sociedades (Pinto et al., 2010, citado em Fernandes 2014a, p.13). Com o mesmo ideal, Branco (2014) alerta-nos para estas questões, referindo-se a estas conexões como apaziguadoras de dilemas que poderão emergir com o desenvolver da vida dos jovens como é o caso da droga, violência e dos comportamentos antissociais (p.13). Nesta linha de pensamento, poderemos olhar para este conceito de relações intergeracionais-afetivas como um benévolo caminho para a mudança de mentalidades e comportamentos perante o Outro, mas também, como uma conscientização da realidade que nos cerca.

Também Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2015), aludem-nos sobre a importância destas relações intergeracionais para a superação de questões relacionadas com estereótipos e preconceitos referentes às idades que serão fulcrais para o desenvolvimento social e pessoal. Tal como foi abordado nos capítulos anteriores, em muitas situações as pessoas idosas veem a terceira idade como o final, não aceitando o lugar em que se encontram, e as crianças como uma situação precária e frágil da vida (Souza, 2016). Desta forma, estas conexões de gerações, poderão apoiar o olhar para esta fase de forma positiva, “despertando a interajuda e a proximidade, na partilha de aprendizagens e reforçando laços” (Oliveira, 2018, p.27).

Falamos na base da afetividade por se revelar essencial “para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo com as cerca” (Silva, 2015, p.7) pois “abraçar, beijar e falar espontaneamente (...) cultiva a afetividade e rompe com os laços de solidão (...) criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção” (Reginatto, 2013, p.5). Ainda nesta

perspetiva, relacionar afetividade nas relações são fazer “aflorar sentimentos de tolerância, respeito a si e ao próximo “(Medeiros, 2017, p.1167), é a “socialização, formação, ensino e aprendizagem” (Oliveira, 2018, p.24), é o colocar no lugar do outro, procurando compreender o que está a sentir, a pensar e assim, “compreender melhor as suas atitudes” (Araújo, Oliveira & Camargo, 2005, p.28).

Nas palavras de Tarallo (2015, p.51) “a qualidade dos vínculos afetivos, relacionais e comunicacionais entre as gerações “contribuiu para sentimentos como bem-estar, segurança, conforto, pertença, tornando-as mais afetivas. Ainda na sua visão, esta confraternização contribui, também, “para a produção de papéis e representações sociais, reforçando a coesão e a integração intergeracional” (p.51).

Findados os aspetos similares, seguiremos o caminho com vista à reflexão dos contributos, mas de forma individual. Importa, porém, salientar que apesar de apresentarmos como contributos específicos de cada faixa etária, não nos devemos esquecer que somos todos diferentes, formas de aprender diferentes pelo que, estes contributos podem também variar de pessoa para pessoa, mesmo estando na mesma etapa de vida.

### **3.2.TERCEIRA IDADE VERSUS INFÂNCIA**

Comprendemos com base nas diferentes pesquisas o declínio de diversas habilidades, nomeadamente no campo físico e cognitivo, onde o equilíbrio se torna mais difícil de estabelecer, a força começa a ficar mais fraca (Stamato, 2007) e a motivação em muitos casos é substituída pela desilusão (Rodrigues, 2012a), não aceitando muitas das vezes a sua própria condição de vida pois consideram que já não são úteis para a sociedade (Carvalho, 2016).

Desta forma, sentir-se amado e valorizado, transmitindo histórias de uma vida, alegrias e tristezas das experiências vividas (Sehn & Carrér, 2014) permite

ao idoso, refletir sobre o seu percurso, sobre a sua situação de vida; permite relembrar marcos e assim trabalhar a memória; permite compreender a sua importância na vida das crianças e assim instruir-se a tolerá-las; permite compreender que nem todo é mágoa por já não ter a habilidade que tinha mas que a sua sabedoria pode contribuir para ajudar alguém (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015). Tal como nos apresenta Papalia e Feldman (2013, p.623) as pessoas mais velhas envolvidas de apoio emocional tendem em manter a satisfação de vida, “em face do estresse e de traumas como a perda do cônjuge ou de um filho, uma doença altamente letal ou acidente”.

Da lembrança do seu caminho poderá surgir a aceitação da própria vida (Rodrigues, 2012b) e assim, melhorar a autoestima; a saúde; o comportamento solitário; uma “ligeira redução de sintomas depressivos; e reforço das habilidades para resolver problemas” (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015, p.36). Tal como podemos comprovar na pesquisa de Schmidt (2007, citado em Tarallo, 2015, p.48) os idosos, em contacto com pessoas mais novas, apresentam alterações ao nível das aprendizagens e dos comportamentos, tornando-se mais flexíveis, amorosos e pacientes “no que tange às relações humanas”.

Pelo caminho do diálogo, da reflexão e da partilha, “legam ideias, esperanças e expectativas, padrões e opiniões” (Palmeirão & Menezes, 2009, p.24) renovam o apreço das suas memórias (Branco, 2014) e investem nas relações interpessoais (Senh & Carrér, 2014), originando a intensificação do suporte social, o bem-estar, a autonomia, o autoconceito e aumentando “o senso de controle sobre o ambiente e sobre a própria vida” (Rabelo & Neri, 2014, p.143).

Transpassam valores morais e éticos, a cultura e o património (França, Silva & Barreto, 2010), como é o exemplo das canções folclóricas, das lengalengas, das rimas e histórias antigas (Patrício, 2014) e podem aprender novos conhecimentos como o uso das tecnologias (Rodrigues, 2012b), por exemplo “a internet, o computador e o telemóvel”, para além se de revelar um espaço que permite a “vivência de diversos modos de pensar, de agir e sentir e, assim,

possibilitar a renovação de novas opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas” (Carvalho, 2007, p.55).

Outro ponto referido por Sequeira (2014) prende-se pelo estímulo físico uma vez que, ao estarem em contacto com as crianças vêm-se “obrigadas” a mexer-se; a baixar-se, a sair da zona de conforto e a compreender que este é um talho de” linguagem que comunica a sua própria história” (Camilo, 2014, p.256) “O diálogo e a ação comunicativa que permeia a discussão e vivência da corporeidade e da cultura corporal são fundamentais no estabelecimento de acordos, consensos” (idem, 2014, pp.256-257).

Também Patrício (2014) elege-nos outros conceitos bastantes fulcrais para o idoso, nomeadamente ao nível do bom humor, do desenvolvimento da criatividade, da motivação para participar em atividades que permitam a estimulação cognitiva e a psicomotricidade, na diversão que permite o sorriso e a felicidade, no conhecimento sobre outra faixa etária e o aumento da vitalidade.

“Envelhecer não é sinónimo de estagnação, pelo contrário, pode ser uma fase bastante ativa e produtiva ao nível do desenvolvimento pessoal e social”, contudo, é necessário que se criem condições e soluções para que tal aconteça (Fernandes, 2014b, p.29).

Por fim, na ótica da infância, podemos referir que é no seio da sociedade que estas nascem e se constroem como sujeitos, moldando a sua personalidade, e se afirmando como atores sociais (Sarmiento, 2005). Tal como referido por Turatti, Pessolato e Silva (2011, p.140) “nós agimos sobre o mundo e ainda, ao longo da vida convivemos com pessoas com as quais estabelecemos relações que podem ser tão significativas para a construção da personalidade”.

Aprendem através da interação, da ação, do mexer e do sentir, do viver e do ouvir (Post & Hohmann, 2004) pelo que vivenciar a afetividade é falar de amor, de carinho que serão fundamentais para a compreensão do mundo que a rodeia, “atribuindo valores a si mesmas e ao próximo” (Medeiros, 2017, p.1177). Tal como todos os seres humanos, necessitam de se sentir amadas e aceites pelo próximo para que tenham êxito nas diversas atividades (Araújo,

Oliveira & Camargo, 2005) pois, “se a criança está feliz, ela aprende, ela faz” (Turatti, Pessolato & Silva, 2011, p.140). Nas palavras de D.W.Winnicott (1987, pp.62-63, citado em Post & Hohmann, 2004, p.37) uma criança quando é abraçada muitas vezes e recebe amor desenvolve a “confiança num mundo amigável, mas, ainda mais importante, por terem sido abraçadas com amor são capazes de progredir rapidamente no seu crescimento emocional”.

Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2015) salientam os contributos destas relações tais como a compreensão e valorização das histórias das pessoas como um caminho pela qual todos passarão; desenvolverá atitudes positivas para com o idoso e compreenderá que esta etapa não se revela tão dura e frágil; permitirá a tolerância, respeito pelas limitações dos outros; “aprendizagens tão variadas como artesanato, jogos tradicionais, história cultural, habilidades de artes céticas e de horticultura” (p.36). Permitirá ainda, “abrir a mente e estimular a aprendizagem da vida e das relações humanas”, desenvolver a confiança nelas próprias incrementando o “sentimento de valia pessoal (Patrício, 2014, pp. 99-111).

É a integração de diferentes dinâmicas de lazer que auxiliará as crianças a enfrentar problemas do quotidiano, como a droga, a violência e a conduta antissocial e a enfrentar mudanças sociais pois, veem-se em contacto com diferentes realidades, diferentes histórias, auxiliando na reflexão do que é estipulado como eticamente correto e incorreto na sociedade em que crescemos (Fernandes, 2014a; Oliveira, 2018; Souza, 2016).

São os mais velhos que pronunciarão as crónicas dos nossos antepassados, as tradições da nossa cultura, histórias ricas em sentimentos, emoções e valores como o respeito pelo outro, a importância da família, o poder do amor e da saudade (Sequeira, 2014; Carvalho, 2007). Eles fazem a ponte entre o passado e o presente o que permitirá à criança a refletir sobre as mudanças que têm vindo ocorrer no mundo, fazem-nas pensar e construir o seu próprio caminho, preparam-nas para crescer e compreender que o caminho as fará passar por diversas fases da vida (Patrício, 2014; Oliveira, 2018). Ora, educam

a ser, a fazer, a conhecer, aprender a viver em sociedade, a ser feliz (Souza, 2016). Como regar/cuidar de uma planta para ela começar a florir.

## **4. CAPÍTULO IV - ESTUDO EMPÍRICO**

Nos capítulos anteriores, procuramos compreender o mapa conceptual que servirá de suporte para o estudo em questão. Encontramo-nos, neste momento, na investigação propriamente dita, ou seja, algo que se procura conhecer (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Este é um momento que permitirá ao leitor a compreensão de como o estudo foi conduzido, possibilitando, ao mesmo, avaliar a “propriedade dos seus métodos e a fidelidade e validade dos seus resultados” (Bento, 2011, p.28).

### **4.1. PROBLEMA**

#### **4.1.1. Problema e sua justificação**

Entre parenteses salientamos a importância da delimitação do problema, uma vez que será uma forma de centrar a investigação numa área em concreto, de organizar e delimitar o estudo e um guia para o caminho da revisão da literatura, reduzindo a possibilidade de desvios derivada ao grande acesso de informação (Coutinho, 2013b). Conduzirá a novos conhecimentos onde “a

relevância da prática do problema está nos benefícios que podem decorrer da sua solução” (Gil, 2008, p.35).

Vivemos numa era de constantes mudanças e desafios, causadoras da necessidade de uma (re)adaptação constante das sociedades. Estas realidades refletem-se no ser humano como forma de incerteza, medo e instabilidade podendo levar, por vezes, à estagnação do seu crescimento devido à pressão com que nos defrontamos constantemente. Sob um outro prisma, pode também impulsionar para um mundo mais igualitário, justo, solidário, criativo e dinâmico desafiando o indivíduo a “estabelecer relações consigo e com o mundo e a superar as suas limitações” (Lima & Coelho, 2011, p.6).

Fernandes (2001, p.42) revela o caminho direcionado “para uma sociedade diferente da que conhecemos até agora e onde os padrões institucionais de atuação terão que se adequar às mudanças indelévels proporcionadas pela revolução silenciosa do sistema demográfico”. A “revolução silenciosa” referida por Fernandes (2001) demonstram-nos um dos desafios com que o mundo contemporâneo se defronta, o envelhecimento demográfico,” resultado da diminuição da fecundidade e do aumento da esperança de vida, ou seja, a passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambas são baixas, originando o estreitamento da base da pirâmide de idades” (Pinto, 2006, p.78). O primeiro ponto primeiramente salientado emerge devido às inseguranças no trabalho, à desigualdade de género, à conceção de métodos contraceptivos, ao progresso das “condições higiénico-sanitárias”, à entrada tardia no mercado de trabalho, à emancipação das mulheres, como referem Cunha et al., (2016, pp. 73-79). O segundo, surge por questões relacionadas com o desenvolvimento da qualidade de vida, ou seja, mais apoios, mais segurança, mais tratamentos médicos, melhores condições económicas e sociais, entre outros (Santana & Nogueira, 2001).

Com base no que fora descrito anteriormente, surge então uma necessidade das diferentes gerações, num futuro próximo, olharem para si e para as comunidades que as rodeiam com base na cooperação, solidariedade e no respeito pela diferença, com vista ao colmatar das necessidades vigentes e ao

potenciar de novas aprendizagens (Teiga, 2012). É sobretudo, a relação dos mais novos e dos mais velhos o pulsar do desenvolvimento das sociedades, “assumindo assim, regra geral, um papel de equilíbrio e dinamização social” (Costa, 2014, p.12).

Tal como alude a metáfora “juntos somos mais fortes”, a relação intergeracional-afetiva proporciona às sociedades a junção da sabedoria dos idosos pela sua vasta experiência e vivência e, a irreverência das crianças, pelo seu caminho ainda a percorrer, ainda tão novos e tão sedentos de aprendizagem. O “tudo é novo e tudo foi um caminho percorrido” são marcas de quem já percorreu a maior parte do seu caminho e quem ainda está agora a começar a dar os seus primeiros passos. Cruzando caminhos, as potencialidades e os benefícios poderão sobrepor a realidade por vezes prometedora. Segundo Novaes, 1997 (p.55), “a criança e o idoso talvez se reúnam em uma dimensão intemporal do ser, à qual elas pertencem por direito, um por não haver ainda saído dela e o outro por tê-la reencontrado”.

A realidade por vezes é dura para quem já construiu a sua casa com os passos do caminho. A não-aceitação do lugar onde se encontra, a inserção numa Estrutura Residencial para Idosos, a perda de capacidades físicas, psicológicas são exemplos de situações que poderão levar a que se sinta isolado e frustrado. Cabe então à sociedade, estabelecer linhas de apoio, auxiliando na aceitação, na superação das dificuldades e no relembrar da importância que estes têm para o desenvolvimento da sociedade. Como referido por Dumazedier (1992, p.9, citado em Carvalho, 2012, p.85) “as velhas gerações continuam a ter a função de transmissão de conhecimentos às novas gerações”. Claro está que, não é só quando a realidade é dura que estas linhas de apoio, relações de proximidade e valorização social devem existir, mas sim, em todos os momentos da vida.

Esta partilha de momentos e sorrisos, juntamente com outras gerações, serão uma forma de reviver velhos tempos, histórias, canções e de transmitir às gerações vindouras conhecimentos de um passado, não muito distante, mas diferente da realidade atual.

Na vertente das crianças, estas relações intergeracionais-afetivas darão frutos de conhecimentos, aprendizagens que levarão para a vida. Haverá sempre uma história por contar, um sorriso por compartilhar, uma canção dos antepassados dos idosos que transparecerão nas suas vidas. Seres que estão a traçar os seus caminhos, a começar a dar os seus primeiros passos, podendo também oferecer aos idosos conhecimento pois estes “ora são levados a revirar o fundo da alma, avivando práticas esquecidas, memórias apagadas, conhecimentos relegados para trás... ora são levados por mãos infantis a conhecer novos brinquedos, outros hábitos, maneiras diferentes, programas nunca experimentados” (Oliveira, 2003, p.6, citado em Carvalho, 2012, p.86). Em muitos casos, a pessoa idosa não tem conhecimento como se faz uma chamada telefónica por exemplo, havendo possibilidade de vir a ser uma criança a ensinar-lhe a utilização do telemóvel.

Desta forma, também este tipo de relações abarcará a existência de um diálogo, de uma aceitação e valorização da diferença e da partilha de amor, afeto e carinho. É neste campo, que olhamos para afetividade como essencial, por se revelar um promotor de motivação para o desenvolvimento humano, pois é através desta, “que nos identificamos e nos relacionamos com outras pessoas” (Reginatto, 2013, p.2). Um impulsionador de “crescimento da autoestima, autonomia e autoconfiança” formando pessoas mais “felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que as cerca” (Silva, 2015, p.7).

Ora, em prol da reflexão transmitida anteriormente, relativa às mudanças ocorridas ao longo dos anos, às potencialidades e benefícios que as relações podem trazer consigo, emerge a pergunta de partida orientada para a prática de um determinado contexto, neste caso, um estudo de caso: Lar e Creche. Como tal, a pergunta de partida pela qual nos propomos a investigar será: “Será a relação intergeracional-afetiva um caminho para o bem-estar e desenvolvimento dos que dela usufruem?”

#### 4.1.2. Questões de partida

Com base na questão de partida (Será a relação intergeracional-afetiva um caminho para o bem-estar e desenvolvimento?), delineamos um conjunto de questões, a seguir apresentadas, que nos permitirão orientar o nosso caminho, levando-nos posteriormente à elaboração do objetivo geral e dos objetivos específicos.

Desta forma, as questões de partida são:

Qual o significado concreto de relações intergeracionais-afetivas?

O afeto é importante para o nosso crescimento?

Qual a importância das relações intergeracionais-afetivas para o desenvolvimento humano?

O que pensam os idosos em relação à importância do contacto social, nomeadamente com as crianças?

Qual a postura dos idosos e das crianças quando estão em contacto uns com os outros?

Será uma relação calorosa? Amiga? De carinho? Ou simplesmente é apenas mais uma pessoa naquele espaço?

Existem vários momentos que possibilitem as relações entre estas duas faixas etárias?

#### 4.2. OBJETIVOS

Este ponto é dividido em dois momentos. O primeiro é relativo ao objetivo geral que procura uma visão mais abrangente e global do tópico. O segundo corresponde aos objetivos específicos que se apresentam de forma mais concreta, permitindo, “de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplica este a situações particulares” (Prodanov & Freitas, 2013, p.124).

#### **4.2.1. Objetivo geral**

Verificar de que forma as relações intergeracionais-afetivas promovem o bem-estar e o desenvolvimento dos idosos e das crianças.

#### **4.2.2. Objetivos específicos**

- Compreender o conceito de relações intergeracionais-afetivas,
- Deduzir de que forma, as relações intergeracionais-afetivas, contribuem para o bem-estar dos idosos e das crianças;
- Clarificar de que forma, as relações intergeracionais-afetivas, contribuem para o desenvolvimento das crianças e dos idosos;
- Descobrir as percepções dos idosos, do Presidente, da Animadora Sociocultural e da Educadora de Infância, em relação à temática estudada;
- Analisar a realidade das crianças e dos idosos em momentos de relação social.

### **4.3. OPÇÕES METODOLÓGICAS**

#### **4.3.1. Paradigma fenomenológico-interpretativo**

Com o desígnio de responder ao problema visado pela investigação e aos respetivos objetivos delineados precedentemente, entendemos como

primordial, a utilização do paradigma fenomenológico-interpretativo (Amado, 2014).

Não considerando a realidade como algo estável e ociosa, o Paradigma fenomenológico-interpretativo credencia que não existe uma única realidade, mas um conjunto de interpretações, visões e comunicações que, variam de pessoa para pessoa (Gil, 2008). Uma verdade complexa, que depende da compreensão que os seres humanos, colocam nas suas intenções e significações, aquando o contacto “com os outros e com os contextos em que e com que interagem” (Amado, 2014, p.41). Uma vez que, comportamentos semelhantes, na ótica física, podem representar “significados diferentes e mutantes de uma perspectiva social, como é o caso dos comportamentos que manifestam identidade social, o papel ou o estatuto dos actores” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p.39).

A teoria ecológica idealizada por Bronfrenbrenner, enfatiza-nos “as particularidades do desenvolvimento vivenciadas pelo homem, que cresce num contexto definido, deixando de lado os déficits encontrados em função da comparação com outros seres humanos em desenvolvimento em contextos culturalmente diferentes” (Santos, 2013, p.12). Relata a influência do contexto para a criação de significações, dividindo conforme o grau de proximidade com o indivíduo, contudo, apenas referenciaremos dois desses quatro sistemas uma vez que são os grupos que maior proximidade estabelece com o indivíduo (Benetti, Vieira, Crepaldi & Schneider, 2013).

Numa visão micro, a instituição e as suas ideologias e as próprias pessoas que se relacionam no dia-a-dia, que as ajudam nas tarefas diárias, as acompanham nas atividades propostas, uma vez que se destina ao “cenário imediato que contém a pessoa em desenvolvimento, caracterizado por contextos onde os indivíduos podem facilmente envolver-se numa interação face-a-face” (Fonseca, 2007, p.280, citado por, Santos, 2013, p.14). Numa perspectiva meso, falamos de influências de foro social e cultural, nomeadamente o ambiente em que está inserida a própria instituição visto que, tal como refletiremos no ponto 4.4, o contexto influenciou e influencia a

forma como foi idealizada e a forma como esta trabalha no dia-a-dia. Perspetiva esta que, segundo Leão, Sousa e Castro (2015, p.342), “refere-se às inter-relações entre dois ou mais microssistemas em que a pessoa está envolvida e participa de forma ativa”.

No que diz respeito à investigação, elegemos uma abordagem qualitativa uma vez que, procuramos compreender as perceções dos Idosos, Presidente e Técnicos e observar as atitudes dos idosos e das crianças em momentos de relação. Tal como nos enfatiza Ohman (2005, citado em Silva, 2016, p.59) esta pesquisa “centra-se nas experiências vividas pelas pessoas estudadas, na forma como percebem às suas experiências, nos seus sentimentos e as atitudes e enfatiza o comportamento humano e a interação social”. Portanto, “se a ação humana é intencional, pensam, há que interpretar e compreender os seus significados num dado contexto social” (Coutinho, 2013b, p.18).

Não procura dados concretos, passíveis de enumerar, intensificar, mas sim, na compreensão de fenómenos, numa realidade, encarada como “socialmente construída” (Bogdan & Biklen, 1994, p.54; Amado, 2014). Visto que, tal como nos refere Minayo, (2006, p.23, citado em Moreira, 2016, p.64) “um trabalho de investigação que, ao levar em conta os níveis mais profundos das relações sociais, não pode operacionalizá-los em números e variáveis, critérios usualmente aceites para emitir juízo de verdade no campo intelectual”.

O estudo em questão, não visa encontrar dados calculáveis, mas compreender de que forma, estas relações intergeracionais-afetivas poderão se revelar benéficas para o bem-estar e desenvolvimento das pessoas em questão. A observação das suas interações, dos seus comportamentos e dos seus pensamentos, nos permitirá refletir sobre a importância que as pessoas podem ter para o nosso desenvolvimento. Crescemos e aprendemos uns com os outros, vivemos histórias e realidades diferentes e por vezes, encontramos-nos em estados de espíritos que não nos possibilitam continuar a viver de forma feliz. E, se nos podemos apoiar uns aos outros porque não o fazer? A vida é uma estrada comprida, com troços por desvendar e caminhos que já foram

avistados no horizonte, porque não continuar a jornada feliz e ajudar quem ainda agora começou a mover-se?

Ainda sob este assunto, consideramos como pertinente a apresentação das características desta abordagem, com o intuito de um conhecimento mais aprofundado dos procedimentos que estaremos a utilizar. Desta forma, segundo Freitas e Jabbour (2011, p.9), o investigador é o instrumento primordial, o ambiente a origem direta dos dados e “o principal objetivo é a interpretação do fenómeno objeto de estudo”.

É conhecido o facto de toda e qualquer classificação se reger por um conjunto de critérios e, com base no objetivo geral podemos qualificar a nossa pesquisa, como uma pesquisa exploratória uma vez que procura, principalmente “o aprimoramento de ideias ou a descobertas de intuições” (Gil, 2002, p.41)

Relativamente aos procedimentos, ou seja, quanto às técnicas utilizadas para operacionalizar os objetivos circunscrevidos, optamos por um estudo de caso visto que, “toma por objeto um fenómeno contemporâneo situado no contexto da vida real” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p.170; Gil, 2002). Todavia, será no ponto 4.3.2, do capítulo IV, que mais aprofundadamente caracterizaremos esta técnica e justificaremos o facto de este estudo se realizar num Lar e Creche.

#### **4.3.2. Estudo de caso**

Amado (2014) define o estudo de caso como um estudo que procura conhecer mais profundamente um ou mais fenómenos no quotidiano, com vista à reflexão sobre a perspetiva dos participantes envolvidos. Caracteriza-se “por ser um método abrangente que contempla desde o planeamento do projeto de pesquisa, com a definição de seus componentes, até as técnicas de

coleta de dados e as abordagens específicas para análise de dados” (Silva & Mercês, 2018, p.1264).

Na opinião de Yin (2001, p.23, citado em Moreira, 2016, p.65) este tipo de investigação admite a análise de um acontecimento atual “dentro da realidade da sociedade, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos, sendo que os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “porque””. Tem como impulsionador o quadro teórico, que se revela como orientador de questões e proposições, “reúne uma gama de informações obtidas por meio de diversas técnicas de levantamento de dados e evidências” (Martins, 2008, citado por Freitas & Jabbour, 2011, p.11).

A razão deste trabalho se realizar num Lar e Creche prende-se pelo facto de ser uma organização que agrega, no mesmo espaço, duas faixas etárias bem distintas. Ora, se olharmos para este espaço enquanto organização, prestação de serviço, apoio e desenvolvimento, onde para muitos é como uma segunda casa ou mesmo, como a sua casa, deparamo-nos com a necessidade de nos sentirmos felizes, confortáveis, seguros pois é o contexto onde passamos a maior parte do tempo dos nossos dias. Nesta lógica torna-se necessário que as pessoas se conheçam, se relacionem, aprendam umas com as outras, que vivam e não apenas sobrevivam. É nele que diferentes histórias, sorrisos, momentos, experiências se cruzam. Resta então às instituições procurarem retirar as maiores potencialidades deste mundo cheio de riquezas, melhorando e gratificando caminhos percorridos e ainda por percorrer.

#### 4.4. LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES

##### 4.4.1. Local de estudo

Situada na zona norte de Portugal e contemplada por magníficas paisagens verdejantes devido à sua ruralidade, inicia-se a história desta instituição <sup>1</sup>. À organização cognominaremos de “Sorrisos Conjuntos” pois, no mesmo espaço encontramos vários sorrisos, de vários feitios e traços. Cada um conta uma história e uma vida diferente e, no mesmo espaço, ainda continuam a escrever as linhas do seu caminho.

Sofrendo “dos males dessa ruralidade”, foram as palavras do presidente aquando a entrevista semiestruturada (ver apêndice 1 e apêndice 2) que demonstram que sua localização não se revela a mais vantajosa, porém, também não dita o seu caminho.

Na narrativa da sua freguesia, viu seu povo sair. Facto possível de escutar das palavras do dirigente quando referiu o fecho de 5 escolas primárias e, neste momento, apenas uma funcionar e que já esteve em risco de fechar devido ao número deficitário de alunos (ver apêndice 2). De acordo com os censos de 2011 (Ine, 2012) houve uma diminuição da população residente de 154 pessoas. As pessoas procuram “novos horizontes” e a realidade é que alguns acabam por não voltar (ver apêndice 2).

“Ninguém acreditava no projeto”, mas a crença e a convicção de quem lutou não deixou o plano escrito apenas em linhas e em 2009 as primeiras pedras se começaram a lançar (ver apêndice 2).

---

<sup>1</sup> A pedido do presidente da instituição o nome da mesma será salvaguardado pelo que será atribuído um nome fictício.

Ora, emergida através da Casa do Povo da aldeia, a estrutura dos “Sorrisos Conjuntos”, Lar e creche, tomou a sua vida em 2011. Oferece nos seus serviços vários apoios, nomeadamente o serviço de apoio domiciliário (SAD), o Banco alimentar, a Fisioterapia (Site da instituição). Na sua luta diária conta com a presença de 60 utentes, 12 crianças e cerca de 50 postos de trabalho que no seu número quatro são enfermeiros, uma psicóloga, um médico voluntário, um fisioterapeuta, uma animadora sociocultural e uma educadora de infância (ver apêndice 2).

O nascer desta estrutura teve como alavanca vários motivos, nomeadamente, a emigração que a povoação tem vindo a sofrer ao longo dos anos pois as pessoas procuram novos caminhos de vida; a emigração das pessoas mais velhas que, por motivos de saúde e de idade, não tendo ninguém que pudesse tomar conta deles, tinham que sair do seu “pinhão natal”, tal como intitulado pelo Presidente da instituição sobre as pessoas nascidas e crescidas na terra, e a baixa natalidade existente na aldeia que deu origem à construção da creche (ver apêndice 2).

Primaram pela diferença, admitindo para trabalhar grávidas, sendo consciência do dirigente, a importância deste fator para que estas perdessem “o medo de avançar nessa fase da vida pois, é a fase mais importante que o ser humano tem. A função reprodutora é o que dá razão à própria razão da vida” (ver apêndice 2).

Desta forma, observamos então o ciclo da vida: a creche para os mais novos ficarem para que os pais possam trabalhar, postos de trabalho para os jovens/adultos e conseqüentemente, um lar para que os idosos possam viver a última etapa da vida (ver apêndice 2).

Um caminho promissor e não estagnado, pois procuram, atualmente, apostar na área da saúde e do bem-estar. Devido ao número de idosos e ao espaço reduzido, visam aumentar a fisioterapia e dar atenção àqueles “que mais sofrem, criar também um espaço para os cuidados intermédios”, que funcione “como uma clínica” que ofereça apoio e serviços adequados à condição de saúde apresentada pela pessoa (ver apêndice 2).

#### 4.4.2. Participantes

Finda a caracterização do local de estudo, procederemos à descrição relativa aos utentes e às crianças da creche. Ressalva-se que, devido ao elevado número de idosos, será apresentada uma amostra, definida com base num conjunto de critérios de exclusão apresentada posteriormente. Será, também, realizada uma caracterização leviana face aos idosos em geral e seguidamente, uma descrição mais específica e detalhada da amostra de idosos e das crianças da creche.

Desta forma, com base nessa observação e da leitura dos processos individuais, foram selecionados um conjunto de critérios de exclusão que nos conduziram a uma amostra de nove idosos. Essas normas apresentavam os seguintes tópicos: capacidade cognitiva debilitada, discurso incoerente e irracional, interação social desajustado/inadequada, a não participação em nenhuma atividade do dia-a-dia-da instituição, surdez, mudo.

Contudo, envolvendo-nos numa lógica racional, partiremos da breve caracterização dos idosos, afinando para os idosos da amostra previamente definida.

Neste seguimento, compreendida a leitura dos processos individuais de cada utente<sup>2</sup>, foi possível apurar que a idade dos idosos varia entre os 45 e os 103 anos, sendo maioritariamente marcados por patologias como demências mentais, Alzheimer, Esquizofrenia, Parkinsonismo. Através de visitas à instituição com o intuito de observar a vida rotineira dos utentes e a sua participação nas atividades, conseguimos compreender que as atividades são realizadas entre as 10h30 e as 12h da manhã e entre as 14h30 e as 15h30, sendo questionado quem quer participar na mesma. Foram observadas cinco atividades, as três primeiras com vista à compreensão de quais os idosos que,

---

<sup>2</sup> Autorizados pela presidência e diretora Técnica da instituição

normalmente, se mostram mais ativos, e posteriormente, duas atividades que foram, efetivamente, referidas e refletidas no presente relatório (ver apêndice 19 e 20). Estas últimas tiveram como propósito abranger quais as pessoas que regularmente costumam participar nas atividades e atentou-se que, este número varia de dinâmica para dinâmica, dependendo da predisposição dos mesmos. Para além disto, procurou-se compreender melhor a forma como as pessoas se relacionam entre si.

Ora, com o intuito de melhor compreender cada participante procedeu-se a uma entrevista semiestruturada à Animadora Sociocultural visto ser a técnica que mais tempo passa com estes e melhor os conhece (ver apêndice 5 e 6) e à observação das atividades (ver apêndice 19 e 20). Salienta-se que todos os nomes utilizados serão fictícios com vista ao salvaguardo das suas identidades.

Segundo a animadora do espaço, a amostra apresentada caracteriza-se por ser muito homogénea pois “são precisamente aqueles que são mais ativos, mais dinâmicos e que no nível mental até se encontram melhor”. Apesar de iniciar o seu discurso assim, ressalva que, “ninguém é igual a ninguém”, cada um tem a sua forma de estar e de ser, podendo mesmo até influenciar a forma como interagem com as crianças da creche, embora não saiba “até que ponto porque, às vezes, eles estão mais bem-dispostos, outros dias, mais introvertidos”, mas com as crianças as posturas costumam ser muito de receção, de sorrisos, de muita abertura (Ver apêndice 6).

Seguindo o nosso caminho, iniciaremos por compreender melhor o Senhor António<sup>3</sup>. Este, confinado à cadeira de rodas automática, vive seus dias despregando leves sorrisos e cânticos, mesmo tendo “mil e um motivos para andar revoltado” pois, seu sonho sempre passou por ter filhos, não deixa que a amargura de uma vida dura dite a forma como encara o seu presente. (ver apêndice 6 e 22). Conforme as palavras da técnica, uma das suas grandes

---

<sup>3</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios com o intuito de proceder à proteção de dados de todos os intervenientes.

paixões são as crianças e a realidade, aquando a entrevista semiestruturada ao mesmo, seus vocábulos demonstravam isso mesmo, uma vez que, se referia às crianças como “um jardim com flores, cheios de cor” (ver apêndice 14). Outra particularidade deste sabedor, é o seu gosto em contar anedotas, levando “um grupo ao sorriso facilmente” (ver apêndice 19).

A Dona Joaquina, é outra senhora muito bem-disposta, muito extrovertida, algo que se denotou aquando a observação do jogo do boccia (ver apêndice 20). Adora cantar, contar histórias de sua vida e contar anedotas, estabelecendo com o grupo uma boa relação (ver apêndice 19 e 20). Foi através da conversa estabelecida com esta e das palavras da animadora, que conseguimos compreender que esta é uma pessoa muito doce, carinhosa e que adora crianças e que, mesmo tendo motivos para um sorriso apagado, vive suas relações de forma muito calorosa e sorridente, mesmo sendo uma forma de “encobrir muita mágoa que anda ali porque ela é também uma pessoa muito frágil” (ver apêndice 6 e 9).

A Dona Rosa, é uma senhora muito introvertida, muito tímida, que normalmente não participa nas atividades propostas pela técnica, chegando mesmo a referir que já trabalhou muito ao longo da vida, que agora iria descansar (ver apêndice 6 e 19). Apesar de sua postura mais reservada, quando as crianças entram no espaço partilhado, o seu sorriso abre-se, tornando-se mais dinâmica, chegando mesmo a pedir às crianças para virem ter com ela (ver apêndice 12, 22 e 23).

A Dona Anabela, é uma senhora que acompanha muito a Dona Joaquina, gosta de participar nas atividades, mantém uma boa relação com os outros, apresenta-se uma pessoa muito calma, sossegada e de poucas palavras (ver apêndice 6, 10 e 19). Nesta ótica, temos também a Dona Felisberta. Foi através das observações e das entrevistas semiestruturadas que conseguimos compreender o gosto em participar e ajudar nos diversos afazeres do dia-a-dia, com uma postura à retaguarda, não se envolve em confusões “mesmo que não goste muito da personalidade de alguém” (ver apêndice 6, 13 e 19). Gosta muito de crianças, mas o barulho a incomoda, algo que a faz ficar sempre no

seu canto, no corredor, mesmo quando vêm as crianças. Costuma chamar e interagir com elas pois, fazem lembrar seus sobrinhos criados, mas nos jogos intergeracionais, normalmente, não costuma participar (ver apêndice 6, 13 e 19).

O Senhor João, um grande apaixonado pela sua família, revê nas crianças seus tempos antigos e com gosto interage com eles, descendo mesmo “ao mundo das crianças” (ver apêndice 6, 15, 22 e 23). Com uma postura muito tranquila e calma, normalmente não costuma participar muito nas atividades de sala, mas quando vêm as crianças “é super interativo” (ver apêndice 6, 15, 22 e 23). Também nesta linha de postura, apresentamos o Senhor Pedro que, segundo a animadora, é “muito como o senhor João, uma pessoa muito educada, não critica ninguém, não é problemático” (apêndice 6). Apesar de gostar muito de crianças, momentos que lhe traz memórias de sua família, confusão a mais acaba por o incomodar, mas mesmo assim, não se inibe de conversar e interagir um pouco com estas (apêndice 16 e 22).

Na ótica da animadora, a Dona Natália é uma pessoa que adora conversar, participar, porém, para que isso aconteça é necessário que a chamem, ficando muito sentida quando não o fazem. Com as memórias antigas em pensamento, vive os momentos com as crianças com grande satisfação, chegando mesmo a referir que estas ajudam a dar gosto pela vida, “a dar mais força” (ver apêndice 6, 11 e 22).

É sobre a Dona Eva que ditamos as caracterizações finais deste grupo. Esta senhora, com uma postura muito independente, autônoma e com um grande gosto pela costura, revela pouca interação com o grupo, encontrando-se poucas vezes junto dos mesmos. Encontrou uma nova paixão neste espaço, o seu companheiro, mas é também nas crianças que encontra a paz e o sorriso para continuar os seus passos (ver apêndice 6, 8, 19 e 23).

A outra fase da moeda, apresenta-nos a pureza e a inocência de quem começou agora a dar os seus primeiros passos e, uma vez que, falamos de crianças com idades compreendidas entre um ano e três anos, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada à Educadora de Infância (ver apêndice

4) e a observação de momentos de sala de aula (ver apêndice 17 e 18). Relativamente a este grupo, será referido pontos mais abrangentes uma vez que, procedendo-se à leitura da entrevista semiestruturada realizada, obtém-se uma compreensão bastante focada e individual de cada criança.

Segundo a técnica, este agregado pode ser dividido em duas partes, a de um ano e os de dois anos, observando-se características bastante distintas. Relativamente às crianças de um ano, denota-se um “grupo ativo, dinâmico”, com pouco gosto em partilhar, estabelecendo brincadeiras mais individuais como é o caso do Pedro e do Simão, onde grande parte das suas brincadeiras desenvolvem-se individualmente (ver apêndice 17). Ao nível da linguagem é possível de observar que se encontram em graus diferentes de desenvolvimento, algo que poderá estar relacionada com o contexto familiar e da forma como são “puxados” pelos seus cuidadores. Sobre este caso, vemos o exemplo dos irmãos Mário e Mariana que, apesar da idade, conseguem estabelecer uma conversa muito fluente, muito devido ao contexto de café. Um contexto onde se encontram uma variedade de pessoas, que na qual interagem e brincam muito com os mesmos. Por outro lado, o exemplo do Ricardo, faz nos perceber que, a falta de rotinas, de uma família que incentive e “puxe” pelo mesmo, leva a um desenvolvimento mais lento, contudo, tal como referido pela educadora, nada que por enquanto se apresente como sinal de alarme (ver apêndice 4, 17 e 18).

Relativamente ao grupo mais velho, tal como referido pela educadora e observado nos dois momentos de sala, este é um grupo mais reservado, não estabelece muitas brincadeiras com os mais novos, mas “fácil de trabalhar numa mesa, eles sentam, eles pintam, eles arrumam”, por exemplo. Algo que ainda não se verifica nos mais novos, pois apresentam alguma dificuldade em se manterem no mesmo sítio e atentos ao que está a ser realizado. Outro aspeto a referir, prende-se com o facto de, dentro deste seio, se encontrar um líder (Rui), que acaba por orientar muitas das brincadeiras que estes têm, apenas se destacando a Catarina. Nas palavras da técnica, esta “não é uma criança de muita brincadeira, ela gosta (...), estar com o adulto”, de realizar

brincadeiras muitas próximas às funções do adulto, nomeadamente trocar as fraldas, dar de comer, limpar o pó. De olhos postos, na Lara e no Duarte, ressalva-nos a forma muito desenvolvida, ao nível da linguagem, com que se encontra a primeira. Algo que leva com que corrija muitas vezes os colegas, referindo “não é CAINA, é CATARINA”. A forma tímida, lembra-nos a segunda criança, sendo que para este interagir tem que se encontrar muito bem-disposto, ou ao lado da amiga Lara, com quem estabelece muitas brincadeiras (ver apêndice 4, 17 e 18).

Ao nível da interação com os idosos, tal como referido pela educadora, este grupo demora um pouco para se ambientar ao contexto e às pessoas, muito pelo facto de os momentos de contacto serem tão pontuais este ano. Nas suas palavras “no grupo anterior, nesta fase, quando nós íamos lá, aquilo já era como se fosse a casa deles”, já não havia necessidade de fazer o comboio para se dirigirem até ao espaço pois já conheciam. Ao cabo que, este grupo “numa fase inicial eles estarão mais parados, quietos”, só após algumas insistências da educadora e o incentivo em realizar atividades é que se percebe que as crianças foram perdendo a timidez e entregando-se ao momento e à nova experiência (ver apêndice 4, 22 e 23). Todavia, apesar desta entrega ser gradual, ressalva-se umas palavras chave da especialista que tão importantes são “eles sabem que fazem parte da casa, não olham para eles como um estranho”. Palavras essas que demonstram que apesar de não os conhecerem tão bem, de não terem momentos de partilha tantas vezes, a concessão e o contacto com a figura de “idoso” não os assusta, assunto observável nos apêndices 22 e 23.

#### **4.5. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS A UTILIZAR**

Seguindo uma abordagem qualitativa abraçamos técnicas de recolha de dados que nos permitissem recolher informação pertinente e suficiente (Meirinhos & Osório, 2010). Tal como referido anteriormente, não visamos

dados quantificáveis, mas sim, informação que nos permita compreender a opinião, perspectivas e posições das pessoas sobre o tema em questão.

Desta forma, a ferramenta apurada para o efeito foi a entrevista semiestruturada ao Presidente da instituição, à Animadora Sociocultural, à Educadora de Infância e aos idosos. Nas palavras de Bogdan e Biklen (2010) a entrevista visa a recolha de dados advinda dos próprios intervenientes, possibilitando ao pesquisador “captar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade” (Meirinhos & Osório, 2010, p.62). Guiamo-nos por entrevistas semiestruturadas uma vez que, em comparação com entrevistas estruturadas “não pressupõem uma especificação verbal ou escrita do tipo de perguntas a formular nem, necessariamente, da ordem de formulação” (Meirinhos & Osório, 2010, p.63), permitindo maior liberdade “de resposta ao entrevistado” (Amado, 2014, p.208). Salientamos a importância pessoal da utilização do termo “conversa” para não se revelar, principalmente por parte dos idosos, como uma avaliação a um processo, mas sim, uma compreensão dos seus significados sobre a temática em questão e assim, transmitir ao entrevistado uma confiança necessária para que houvesse uma abertura em falar. Sabemos, por ordem, que falar com alguém que não conhecemos sobre algum assunto se revela uma tarefa difícil, principalmente sobre temas que envolvam nós próprios.

Desta forma, ao chefe do órgão máximo do espaço, tal como podemos observar no apêndice 1 (guião da entrevista semiestruturada), optamos por, primeiramente, compreender a história da instituição (missão, serviços, objetivos) e posteriormente, a opinião do mesmo sob a temática investigada (ver apêndice 2). Relativamente às técnicas de educação optamos por recolher informação referente aos idosos e às crianças, uma vez que são estas quem melhor conhece os protagonistas da nossa história e, procuramos ainda, abranger qual o significado das relações intergeracionais-afetivas para estas (Ver apêndice 3 e 4 – Guião e entrevista semiestruturada à Educadora de Infância e ver apêndice 5 e 6 – guião e entrevista semiestruturada à Animadora Sociocultural). Por fim, seguindo a amostra delineada, seguiu-se a entrevista

semiestruturada aos idosos que nos permitisse alcançar a sua opinião face às relações com as crianças da creche. Como é que as crianças podem ser importantes ou não para o bem-estar dos mais velhos e se ainda é possível aprender nesta fase do ciclo vital foram questões orientadoras para nos guiar nesta conversa (ver apêndice 7- Guião da entrevista semiestruturada aos idosos).

“Entre o mundo real e o sujeito” existe uma interação dinâmica que se revela um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números” (Silva & Menezes, 2005, p.20) sendo deste ponto que partimos para técnica de observação utilizada (ver apêndice 17 a 23). Nela aprendemos a observar, analisar e registar as interações entre as pessoas e entre as pessoas e o sistema” (Freitas & Jabbour, 2011, p.9). Nas palavras de Quivy e Campenhoudt (2003) esta técnica de recolha de dados auxilia-nos na compreensão dos comportamentos naturais, aprofundando-se para além da comunicação verbal (reações, gestos, expressões). Relativamente ao nosso projeto, procuramos num primeiro momento (apêndice 17 a 20) compreender como é que os idosos e as crianças se comportam e interagem entre si, para que, posteriormente, a observação em momentos de relação intergeracionais se revelasse mais concisa (ver apêndice 21 a 23).

#### **4.6.TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS A UTILIZAR**

Foi com base em pesquisas qualitativas que orientamos a nossa investigação, uma vez que, procurou-se através das entrevistas semiestruturadas e das observações, compreender as relações sociais existentes entre os diferentes intervenientes. Tal como refere Gaskell (2002, p. 65, citado por Câmara, 2013, p. 181) o objetivo destas é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Neste

seguimento, com vista ao tratamento de dados recolhidos, seguimo-nos pela análise de conteúdo.

A análise de conteúdo baseia-se na conjugação de diferentes “fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais)” (Silva & Fossá, 2013, p.3), interessando-se essencialmente, naquilo que se pode aprender após a sua análise e não, na narração dos conteúdos (Bardin, 2016). Desta forma, “o esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira” (Câmara, 2013, p.182). Melhor explicando, procura-se neste meio compreender a mensagem que está por de trás das palavras referidas pelo entrevistador pois “nem sempre aquilo que se está escrito é o que verdadeiramente o locutor queria dizer” (Campos, 2004, p.613).

O processo de análise circunda três etapas fundamentais, que auxiliarão a decodificar o que fora referido pelos intervenientes, observado e estudado (Mozzato & Grzybovski, 2011; Silva & Fossá, 2013; Câmara, 2013).

A primeira fase, designada como Pré-análise, é a “fase de organização”, em que o investigador procura proceder à leitura de documentos, delinear os objetivos da sua investigação, recolher dados, ou seja, preparar formalmente e na prática, o material necessário ao seu estudo (Câmara, 2013, p.183). Neste ponto, salienta-se que a seleção dos dados deve-se reger por normas de exaustividade, ou seja, a descrição detalhada do que fora referido; representatividade da amostra, onde este último deve representar a totalidade; homogeneidade; pertinência e exclusividade, ou seja, “um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria” (Santos, 2012, p.385; Silva & Fossá, 2013; Câmara, 2013; Urquiza & Marques, 2016).

A Exploração do Material reserva-se à segunda etapa (Mozzato & Grzybovski, 2011). Consiste na preparação de “operações de codificações, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registos, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias” (Silva & Fossá, 2013). Resumidamente, o investigador numa

primeira fase procede à seleção de palavras, frases relevantes para a análise, sendo por meio destas que serão selecionadas as unidades de registo e as unidades de contexto, seguido das regras de contagem/enumeração, podendo se contar “quantas vezes uma palavra aparece nas mensagens, ou, em que posição aparece” (Urquiza & Marques, 2016, p.120).

Segundo Santos (2012, p.385) as unidades de registo significam “uma unidade a se codificar” que, numa primeira fase, darão origem às categorias iniciais que apresentam as primeiras comoções relativas à realidade estudada, após a sua agregação em temas, irão compor-se em categorias intermediárias, que surgem da “subjetividade do pesquisador” e por fim, integrarão as categorias finais que apresentam como o produto final dos significados, interpretações dos dados de estudo (Silva & Fossá, 2013). Tendo como fator primordial o “corpus (qualquer material textual coletado)”, deve-se reger por regras de exclusão (cada elemento só pode ser utilizado numa categoria); homogeneidade (“uma dimensão de análise”); pertinência, objetividade e fidelidade (clareza nos objetivos) e produtividade (Mozzato & Grzybovski, 2011, p.735; Câmara, 2013, p.186).

Terminados estes afazeres, procede-se então, à fase apontada como Tratamento de dados, inferência e Interpretação, ocorrendo “nela ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006, citado em Mozzato & Grzybovski, 2011). Momento reservado à reflexão crítica, à compreensão de todo o processo de recolha de dados, tendo sempre como base a inferência uma vez que, é a relação do que fora dita, do que ficou entrelinhas e da teoria já existente que “dará sentido à interpretação” (Campos, 2004, Câmara, 2013, p.189). Salientamos a importância da inferência, que nos auxiliará na forma como analisaremos os dados recolhidos. Segundo Campos (2004) não devemos “produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou recetores” e principalmente, devemos ter em

conta que cada contexto é específico logo, não comparável a outras realidades (p.613).

## **5. CAPÍTULO V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Epilogado todo o processo de recolha de informação, o nosso destino prende-se agora na análise e discussão dos resultados.

Uma questão de partida fez mover todos os nossos interesses, estudar teorias e recolher informação junto de quem vive estas realidades. Partimos de relatos reais, momentos de partilha entre gerações que nos demonstram o quão grandioso é o ser humano. Somos mais do que simples corpos a deambular pelo mundo, somos um conjunto de perceções e opiniões, de emoções, de histórias de vidas que tanto moldam a nossa personalidade. Somos um mundo tão vasto e a humanidade necessita de solidariedade, de partilha, de amor para ser feliz pois, tal como nos relata Costa e Matos (2008), não vivemos isolados no mundo, somos fruto de relações dos mais diversos feitios e formas, influenciámos e somos influenciados pelos outros. E foi deste brilho pessoal sobre o ser humano que surgiu a nossa questão de partida: será a relação intergeracional-afetiva um caminho para o bem-estar e desenvolvimento?

Ora, com o intuito de responder à questão a qual nos propusemos a perseguir, dividimos os nossos afazeres por dois grandes grupos: as entrevistas semiestruturadas e as observações. No primeiro bloco de recolha de informação procedemos à entrevista ao Presidente da instituição com o intuito de compreender a história e os objetivos da organização; à Animadora Sociocultural que, para além de compreender a sua perceção relativa à

temática nos auxiliasse na compreensão dos intervenientes idosos; à Educadora de Infância com o mesmo desígnio da técnica anterior, mas na ótica dos idosos e por fim, a recolha junto de 9 idosos. Por outro lado, a observação de rotinas diárias nos idosos e das crianças individualmente e de atividades intergeracionais.

Desta forma, com o desígnio de cumprir a Análise de Conteúdo teorizada a supra, esquematizamos num quadro (ver quadro abaixo- Quadro Análise de Conteúdo) as devidas categorias e subcategorias, as Unidades de Registo e Unidades de Contexto, facilitando aos leitores e aos próprios investigadores a sua análise. Ora, como é possível observar no esquema, a nossa análise focou-se em duas grandes categorias (Relações Sociais 1-; Experiências de Vida 2-), mas apesar da sua categorização, compreendemos que estes temas se cruzam entre si, influenciando-se mutuamente (assunto a ser discutido posteriormente).

Quadro Análise de Conteúdo

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
1.	A) Afetividade	Crianças é sinónimo de amor/ flores/ felicidade/beleza Relações com base em sorrisos/ abraços/ apertos de mãos/ toques no rosto/	<i>Vontade de os agarrar (D.E.)</i> <i>Coitadinhos dos meus meninos (D.R)</i> <i>Como um jardim cheio de flores (S.A)</i> <i>Sorriso (D.F)</i> <i>É o ser do nosso viver (S.A)</i> <i>São rosinhas a florir (D.J)</i> <i>O amor é muito bonito para mim (D.A)</i> <i>Sentir amor é ter o coração cheio (S.A)</i>

Relações Sociais	B) Benefícios pessoais	<i>Lembranças do passado/ Bem-estar interior/ Estimulação cognitiva</i>	<i>Trazem-nos recordações boas (...) aquelas crianças serão o futuro de um dia” (D.J.) Traz-nos recordações de quando a gente criou os nossos (...) não tínhamos aquilo que eles têm agora (D.N). Naquela altura quando uma criança recebia uma roupinha nova ... era uma alegria (D.J) Não era fácil, mas também não deixava de ser menos feliz (D.N)</i>
	C) Aprendizagens pessoais	<i>Aprendizagens assentes no respeito, educação, valorização, relacionamento, combate aos estigmas negativos, combate á exclusão social e ao isolamento social. Preparação para a vida futura</i>	<i>A convivência é essencial para não nos sentirmos sozinhos (D.E) Aprender a valorizar (D.J.) Estão a dar-nos mais força (D.N.) Ajuda (...) não estar isolada (D.F) Ensinar-lhes a comportar-se com as pessoas idosas (S.A) Ajudam afastar pensamentos negativos (S.A.) A nós, adultos, também desenvolve (...) há pessoas,</i>

		<p><i>(crianças) e força para a vida presente (idosos)</i></p>	<p><i>por exemplo que não sabem se relacionar (S.P)</i></p> <p><i>Vai contrariar exatamente esse afastamento (entre gerações) (A.SC.)</i></p> <p><i>Combater o estigma negativo (A.SC.)</i></p> <p><i>Podemos ensinar que eles estão a crescer para a vida (S.J)</i></p> <p><i>Ajudam os idosos a perceber que também tiveram uma vida (E.I)</i></p> <p><i>Educação (D.A.)</i></p> <p><i>Uns a reviver o passado, outros aprender sobre o futuro ( P.)</i></p>
<p>2. Experiências de Vida</p>	<p>D) Aprendizagens pessoais</p>	<p>Força. Maior amor é a família.</p>	<p><i>Ensinou-me a ser mulher (D.A)</i></p> <p><i>Ensina-nos a viver, a sobreviver (D.F)</i></p> <p><i>São das situações reais que mais aprendemos (D.F)</i></p> <p><i>Nós aprendemos com a vida (S.A)</i></p> <p><i>A minha maior riqueza é a minha mulher e os meus filhos (S.J)</i></p> <p><i>A vida ensinou-me muito (S.P)</i></p>

	E) Riqueza dos conhecimentos adquiridos para a transmissão ao Outro	<i>Ensinamentos advindos das aprendizagens pessoais passíveis de ser transmitidos às gerações mais novas. Preparação para o futuro pelas palavras de quem já por lá passou.</i>	<i>Aprender a valorizar (D.J) ensinou-me a ser mulher (...) pequenas palavras mas ... grandes de sentido (D.A Ensinar o que a gente passou (...) porque não tem nada a ver (S.A.)) Ensinar que estão a crescer para a vida ... essa fase não é fácil (S.J.)</i>
--	--	---	---

Quadro adaptado de Cardoso, Teixeira, Spilker, Silva e Oliveira (2011).

Na análise do quadro apresentado anteriormente) observamos a existência da Categoria 1 (Relações Sociais) que nos permitirá refletir acerca da importância destas para os intervenientes. Cogitação esta, que nos permitiu dividir as Categorias em três subcategorias: A) Afetividade; B) Benefícios pessoais e C) Aprendizagens pessoais. Histórias e experiências de vidas reais que tanto fizeram crescer quem as viveu e que podem ajudar a crescer quem as ouve e nesta lógica, o emergir de uma segunda categoria denominada de Experiências de vida, que tem como subcategoria as Aprendizagens Pessoais (D) e Riqueza dos Conhecimentos adquiridos para a transmissão ao Outro (E).

Relativamente a esta sinopse, foi elaborada uma breve interpretação dos dados (ver apêndice 24) para que nos auxiliasse na confeção deste capítulo. Uma sistematização de ideias gerais que, por si só, também permitirão ao leitor se familiarizar mais facilmente com os temas tratados.

## 5.1. RELAÇÕES SOCIAIS (CATEGORIA 1)

Ao longo deste caminho, compreendemos o Ser Humano como um ser social, que se vai construindo no decorrer da vida uma vez que, tal como referem Jacques, Nunes, Bernardes e Guareschi (2008), “ser humano significa, de fato, tornar-se humano, conquistar-se” (p.6). Não vive sozinho no mundo, constrói-se com ele, mas nunca esquece a sua subjetividade, individualidade (Costa & Matos, 2008; Jacques, Nunes, Bernardes & Guareschi, 2008; Zanella, Filho & Abella, 2003; Loos & Sant’Ana, 2007).

Neste seio de contactos focalizamos a afetividade (subcategoria A). Uma expressão do que sentimos, do quanto amamos e do quanto odiamos, palavras e gestos de partilha, de carinho e compreensão, momentos de alegria e tristeza, de apoio e força, de tolerância, de respeito a si e ao próximo (Senh & Carrér, 2014; Bezerra, 2006; Pinto, 2008; Medeiros, 2017; Araújo, Oliveira & Camargo, 2005; Leite & Paula, 2014; Capelatto, 2012). Muitas vezes, são “pequenos gestos como um sorriso, uma escuta ativa e uma atitude respeitosa” (Costa, 2017, s/p).

Com o pensamento nesta base teórica, analisamos diversos marcos afetivos tanto observáveis nos momentos de relação, como narrados e demonstrados nas palavras dos intervenientes.

Segundo os participantes, o amor e o afeto são sentimentos de verdadeira importância para as suas vidas, pois “toda a gente gosta de se sentir amada e amar” (D.F<sup>4</sup>). Sentir amor de e por alguém, faz com que não estejam sozinhos (D.E), é como “ter o coração cheio” (S.A), “ter carinho... é ser feliz” (S.P). E um dos aspetos observados nestes momentos de relações intergeracionais, foi a postura afetiva dos idosos face às crianças. Foram salas cheias de sorrisos e movimentos (apêndice 22 e 23), pessoas que mal conseguiam movimentar-se,

---

<sup>4</sup> Iniciais dos nomes fictícios das entrevistas semiestruturadas realizadas aos participantes

mas que, através das palavras como fora o caso do Senhor António que, mesmo confinado a uma cadeira de rodas automática, acompanhava cada passo do seu “jardim com flores, cheios de cor”. Nas suas palavras, as crianças são o melhor do mundo, “são a coisa mais linda que nós temos” (S.A) e mesmo que, alguém o venha visitar ao Lar, se estiver com as crianças não as deixa (ver apêndice 14). Observou-se mudanças de posturas, como exemplificável pela Dona Rosa que, normalmente é uma pessoa reservada, introvertida, que não costuma participar nas atividades diárias do Lar, tal como referido pela animadora sociocultural, mas quando está com as crianças seu sorriso ilumina-se, brinca com as crianças, atira a bola, refere palavras de cuidado e atenção “coitadinhos dos meus meninos” / “que coisinha mais riquinha” (ver apêndice 6,12 e 22). Fazem-lhes lembrar que a vida não dura para sempre e que o passado já lá vai (D.J.), mas são sementes, ainda tão novas, que serão os “homens de amanhã e as mulheres de amanhã” (S.J.), que para crescerem “precisam de ser regados” (S.A.). Relatam que viver estes momentos com eles é bonito porque trazem consigo a “felicidade” (D.A.) o “mimo”, como se fossem “rosinhas a florir” (D.J.); trazem os sorrisos e as mãos no peito (D.N.), o “cuidado para não te magoares”, os abraços mais puros, os beijos mais sentidos e as palavras mais saudosas (ver apêndice 22). Apesar de entradas envergonhadas, a Educadora de Infância (ver apêndice 4) salienta a pureza e a inocência da criança, “ela toca, ela beija, ela brinca”, não sente “nojo”, porém o facto de não estabelecerem contactos diários, leva com que estas não se sintam confortáveis logo no início, sentimento controverso ao observado no segundo e terceiro momento de interação (apêndice 22). Quando estes chegaram à sala dos utentes se espalharam, saltando, pulando, atirando as bolas aos utentes e esperando que estes as voltasse a devolver, agarrando no andarilho da Dona Natália e empurrando-o, o bater de palmas conjuntos, as gargalhadas advindas dos gestos da Catarina de chorar, o aperto de mão a todos os utentes do João e o momento entre o Pedro e o Senhor Mário (utente que não se classifica para a amostra, mas que se revela um excelente exemplo de amor e afeto) em que o primeiro “eufórico dava gargalhadas altas, pulava em cima do sofá e o idoso

fazia mover o seu corpo para trás e para a frente, fazendo acompanhar com o som das suas palmas” (apêndice 22 e 23). Ressalvamos entre estes dois momentos a postura da Lara que, apesar de no segundo momento de interação não estabelecer qualquer contacto com os idosos, o que a levou a passar o tempo parada no meio da sala a olhar para os colegas, no terceiro dia essa atitude já não se revelou tão notória, permanecendo atenta e respeitosa em relação à leitura da utente, respondendo devidamente às perguntas que lhes eram feitas (apêndice 22 e 23).

Os Benefícios Pessoais, pertence à subcategoria B) e apresenta-se como um ponto respeitante ao bem-estar dos intervenientes, mas que não acarreta consigo aprendizagens e novos saberes. Nos vocábulos de Llobet et al. (2011, citado em Azevedo, 2015, p.41)”um indivíduo possui um elevado nível de bem-estar subjetivo quando se encontra satisfeito com a vida e vive de uma forma positiva”.

Conhecemos, antecipadamente, as fragilidades associadas à Terceira Idade (ponto 2.2.1.1), delicadezas essas relacionadas com aspetos biológicos, que se caracterizam pelo envelhecimento orgânico; as transformações físicas, onde exemplos como a força e o equilíbrio se vão desvanecendo; as sociais, com as mudanças de papéis sociais e a perdas de pessoas próximas, por exemplo, e a vertente psicológica, que muitas vezes está relacionada com a capacidade de aceitarmos ou não o processo de envelhecimento (Ribeiro, 2007; Cancela, 2007; Almeida, 2008; Stamato, 2007; Rodrigues, 2012a; Silva, Fossatti & Portella, 2007; Fachine & Trompieri, 2012). Aspetos que vêm contribuir para um turbilhão de sentimentos no idoso, pois contemos que, estes já ultrapassaram muitas perdas e vitórias ao longo da vida, já sorriram e choraram, já tiveram forças para correr atrás de uma bola ou nos recreios das escolas e neste momento, necessitam de ajuda até para se levantarem de uma cadeira, ou até mesmo nem dela conseguem sair. Somam muitos ganhos, mas muitas fragilidades também, será que terão força para continuar a lutar? Será que, depois de perderem os pais, alguns até os filhos, conseguem continuar a ser felizes? Será que estas crianças conseguem contribuir para o seu bem-

estar? Importa, todavia, aludir que cada individuo é um ser único, com formas de viver e de pensar diferentes, com formas de encarar as realidades diferentes (Almeida, 2008).

Desta forma, com base nos relatos dos intervenientes, nas observações retiradas em momentos de contacto intergeracional conseguimos responder que eles são felizes com as crianças, sentem-se bem com elas, trazem-lhes aqueles aconchegos e apertos de coração por tanto fazerem recordar seus antepassados, “fazem-nos pensar em coisas boas... é bonito... é bom” (D.J.), o “ter alguém que nos possa ouvir as nossas histórias antigas (...) é muito bom” (D.A.), ressaltando que, só o facto de as crianças se encontrarem no mesmo espaço, leva a que o “dia corra melhor” (D.N.). Nas palavras da Animadora Sociocultural, o ambiente torna-se mais vivo, “há um movimento que os faz ficar mais animados” e “mais motivados”, “a energia é outra”, sendo notório também nas atividades realizadas posteriormente às dinâmicas intergeracionais, “como eles já estão alerta, parece que as atividades correm melhor” (A.SC.)

Traz à memória sonhos realizados, momentos vivenciados e partilhados na sua infância (D.J.), lembra-lhes aqueles momentos em que se contavam as “histórias à lareira” (D.J.). Os tempos não eram fáceis e os rendimentos também não eram elevados, mas mesmo assim, a força e a luta fez com que conseguissem colocar oito filhos na escola (S.J.); recordam os cozinhados feitos pelo jeito de sua mãe que, até o seu gosto o faz sonhar (S.A.). Viviam com tão pouco onde não dava, simplesmente, “porque não tinha”, mas “não deixava ser menos feliz” (D.N.). Não tinham quase nada, isso era certo, mas se dava tanto valor às coisas que tinham, “fosse da própria pessoa, fosse no que fosse” (D.J.). Às vezes nem comida tinham para levar para a escola, hoje a fatura nos leva a deitar fora (D.J.). Refletem sobre tempos que não voltam, mas que tanto moldaram seus rostos e os deixam tão saudosos (D.F.). Olham para elas com a nostalgia de ver seus filhos, “quando os meus eram da idade destes era uma alegria” (D.R.) e quando estavam doentes, tinham de andar a pé pela serra, “que demorava quase três horas” (D.N.). Narram que a casa é feita por pessoas

e têm consciência que aquela não é a sua casa, mas se estiverem ocupadas e felizes, sentem-se bem nesse sítio (D.F.). Facto é, barulho a mais também incomoda (S.P e D.F.), o que faz com muitas vezes a utente não venha para o mesmo espaço que os mais novos, mesmo relembrando os tempos que criou seus sobrinhos.

Ouvimos relatos de lengalengas, de histórias contadas às lareiras em serão familiares, observamos o poder das palavras, o poder da saudade e dos tempos antigos. Palavras e brilhos no olhar, sorrisos envergonhados e carregados de memórias. Eles são fruto dessas recordações, são a moldagem desses acontecimentos. Se calhar não entendemos verdadeiramente o que lhes vai nas almas quando em suas palavras fazem suar suspiros e olhos rasos de água; se calhar não apreendemos o verdadeiro significado da palavra saudade e o quanto ela aperta o coração; se calhar mesmo através da descrição destes relatos não conseguimos transmitir aos nossos leitores a carga emocional que cada um trazia consigo. Eles não relembram estes momentos com tristeza, bem pelo contrário, a felicidade está-lhes cravada nos rostos e sorrisos; se calhar nunca ninguém vai conseguir transmitir em palavras o valor da saudade e do amor e se calhar é por causa disso que elas têm tanto significado para estes Seres Humanos. Elas são vividas, sentidas.

Fazemos esta pequena reflexão para demonstrar que, para além destes intervenientes expressarem palavras de bem-estar, estão, inconscientemente, a trabalhar suas memórias visto que, de entre as alterações cognitivas afetadas, a concentração, o raciocínio intuitivo, a memória e a atenção, a memória é a transformação cognitiva que mais afeta a população idosa (Gonçalves, 2012), assunto refutado pelo Presidente aquando a entrevista semiestruturada, “o gravador daquela altura estava mais fresco (...) os neurónios estavam mais exercitados” e memorizavam com mais força (P). Ainda no que concerne a este ponto, aludimos para a importância da estimulação cognitiva que permitirá ao idoso “o desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias para controlar e regular os nossos pensamentos, emoções e ações” e, por sua vez, “capacidade de controlar a raiva, os impulsos, os medos”, levando desta forma,

a um bem-estar psicológico (Lousa, 2016, p.5). Na vertente das crianças, nas palavras da Educadora de Infância, denota-se que voltam às suas rotinas “mais ativos e mais eufóricos”, observaram-se momentos de bem-estar e felicidade, de partilha de brincadeiras que tanto deixaram a sorrir quem os partilhava. Uns atiravam a bola sorrindo (Rui), outros corriam para cumprimentar quem estava presente na sala (João), outro batiam palmas (Pedro), a Catarina empurrava o andarilho, o Santiago (apesar de considerado pela Educadora de Infância, mais reservado, pela sua falta de rotina na creche) atirava a bola e apanhava outra para atirar. É através destes exemplos que procuramos transmitir o remoinho de sensações que flutuavam no espaço (ver apêndice 22 e 23). São os sorrisos, são os afetos, as corridas, as gargalhadas, os gestos, os movimentos que dão brilho a quem vive estes momentos. Falamos de afetividade, porque sem ela “não haveria interesses, nem necessidades, nem motivação” (Piaget, 1962/1994, p.129, citado em Souza, 2011b, p.249), falamos de bem-estar porque são as pessoas que mais amamos que queremos junto a nós pois, quando o idoso não quer “o que acontece é que o idoso retira-se” (E.I). Ressalvamos neste marco, uma reflexão de uma idosa quando refere que as crianças estão a dar força (D.N.), apesar de ser unitária encaminha-nos para um benefício de colossal importância pois, tal como conjeturado anteriormente, estas relações podem se revelar como motores para o encarar problemas na vida” (Rabecini & Parra, 2015). Um sorriso, um carinho, um gesto de ternura cria a motivação que precisamos para continuar a lutar na vida? Mesmo depois de percorrer uma estrada tão comprida? Esta utente diz-nos que sim e, mesmo que não seja geral, estas palavras demonstram-nos, claramente o poder da afetividade, o poder do amor e do carinho para a vida.

A subcategoria C) intitula-se Aprendizagens Pessoais e procura analisar se, efetivamente, os intervenientes adquirem discências novas em momentos de relações intergeracionais. Teorizamos estas ligações como um caminho importante para a vida de todos, “acreditando que o todo é maior do que a soma das partes” (Costa, 2014, p.12).

Pronunciamos teoricamente contributos positivos para as faixas etárias em questão nomeadamente, ao nível do respeito pela diferença uma vez que, tal como temos vindo a refletir, somos todos diferentes, com histórias e experiências de vida diferentes, com personalidades tão dispares que tanto nos exemplificam a grandiosidade do Ser Humano e esta desigualdade foi notória no ponto 4.4.2 (Participantes) onde nos relata, num número tão reduzido a cor de personalidades e pessoas que vivem e partilham este mundo connosco (Oliveira, 2018). Aludimos sobre a possibilidade de tornar comunidades mais coesas, inclusivas, responsáveis, participativas e respeitosas, mais conscientes do mundo em que vivemos (França, Silva & Barreto, 2010; Patrício, 2014). É nestes momentos de relação que o ser humano encontra uma melhor compreensão para com as atitudes do Outro (Araújo, Oliveira & Camargo, 2005), combate questões relacionadas com a exclusão e a solidão, pois “abraçar, beijar e falar espontaneamente (...) cultiva a afetividade e rompe com os laços de solidão” (Reginatto, 2013, p.5). Partimos de conceitos de ajuda, partilha, coesão grupal, solidariedade, de cooperação, tolerância tão importantes para o desenvolvimento individual de cada um, vivemos em conjunto novas experiências (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015; Patrício, 2014). Poderíamos considerar pequenos detalhes devido à sua dimensão frásica, mas refletimos acerca dos seus conteúdos porque nos encaminham para a nossa vida, para a nossa humanidade. Encaminham-nos para que possamos viver felizes, de bem connosco e com os outros. Encaminham-nos para a afetividade, para a aprendizagem e para o bem-estar. Englobam todos os conceitos que temos vindo a ponderar, todas as subcategorias que temos vindo a refletir uma vez que, na realidade elas se encontram todas no mesmo espaço, se cruzam e influenciam, pois, para nos sentirmos bem connosco devemos-nos amar e relacionar com o outro, também significa amar, ou pelo menos, ser tolerante o suficiente para perceber que somos todos diferentes e que nos devemos respeitar acima de tudo, assunto que, por sua vez, auxilia a novas aprendizagens. E nesta encruzilhada que é a nossa vida, deparamo-nos com a felicidade, um “estado emocional positivo,

com sentimentos de bem-estar e de prazer, associados à percepção de sucesso e à compreensão coerente e lúcida do mundo” (Ferraz, Tavares & Zilberman, 2007, p.234).

Em jeito de ressalva, consciencializamos para a dificuldade em analisar em terreno novas aprendizagens, que não sejam as relatadas nas entrevistas semiestruturadas, pois, para tal haveria a necessidade de observar mais momentos de relação intergeracional e assim, perceber se, efetivamente, houve mudança de comportamentos nos intervenientes. Salieta-se assim, a recolha de informação junto dos idosos, técnicos e Presidente.

Evidenciamos, também, que nesta subcategoria se recorre à categoria 2 (Experiências de Vida) porque compreendeu-se que, através da análise das entrevistas semiestruturadas, as palavras de ensinamentos dos intervenientes, inconscientemente, têm por base aquilo que já viveram, ou seja, a experiência de vida que já possuem.

Nesta continuidade, nas palavras da Animadora Sociocultural para haver laços fortes de amizade e partilha “tem que haver atividades de forma contínua, porque quando não estamos muitas vezes com uma pessoa não vamos criar um laço tão forte como a pessoa que estamos mais frequentemente”. Este facto é exemplificativo com os vocábulos da Educadora de Infância que, atenta uma grande diferença em comparação ao grupo anterior. Recorda as suas crianças do ano passado, referindo que “nesta fase, quando nós íamos lá, aquilo já era como se fosse a casa deles (...) se eu fosse, como eu fazia no ano passado, todas as sextas-feiras religiosamente eu ia lá ... a criança estaria muito mais predisposta, mais à vontade e já sabia o que havia de fazer” (E.I.). Salieta a importância das rotinas na vida de uma criança, principalmente nesta etapa da vida, uma vez que “se eles saírem da rotina, eles próprios ficam ... mais agitados” (E.I.). Com a mesma posição, Eichmann (2014) pronunciam-nos sobre os benefícios das rotinas, no sentido de transmitir segurança e conforto à vida da criança, auxiliando na prevenção de “acontecimentos, a confiar nos adultos que lhes prestam cuidados, a reduzir a ansiedade, ajudando-as a lidar com as transições e ganhando um

comportamento responsáveis” (p.40). Contudo, revela-se difícil criar rotinas quando falamos em momentos de relações intergeracionais devido ao ano difícil que viveram por causa das viroses. Tema que levou ao adiar, por diversas vezes, de atividades, resultando nas poucas atividades realizadas, “fomos adiando, adiando, adiando e acabamos por não realizar tantas como queríamos” (A.SC).

Na continuidade da análise, observou-se uma divisão de opiniões face à possibilidade de aprendizagem nesta terceira fase da vida. No pendulo da palavra sim (possibilidade de aprendizagem) a Dona Eva fala-nos em provérbio, salientando que “a velha chorava não era porque morria, era porque quanto mais cá andava, mais aprendia” Acredita que, estas relações são uma fonte de bem-estar e aprendizagem, referindo que são convívios essenciais “para não nos sentirmos sozinhos. Os nossos familiares e amigos vão começando a morrer e nós acabamos por ficar cada vez mais sozinhos”, que nos transporta para umas das aprendizagens referidas anteriormente, o combate ao isolamento. Depois de uma vida cheia de altos e baixo, perdas e ganhos e de grandes transformações, muitas vezes a estagnação e a perda levam a sentimentos de tristeza e desmotivação, desapego, negatividade face ao seu novo papel social (Rodrigues & Soares, 2006; Ribeiro, 2007, Lopes, 2010; Fachine & Trompieri, 2012). Completa o seu olhar, na possibilidade de aprender a ter paz e a se sentir feliz e “a fazê-los felizes a eles” (D.E.). Sob o balanço da sua vida, relata que os tempos estão muito diferentes, mas que estes convívios são uma boa forma de aprender “também sobre esta nova época”, “tenhamos sempre vontade de aprender” (D.E). Não demonstrou grande enfoque nas aprendizagens das crianças porque “coitadinhos aturam-nos” mas lemas como aprender a conviver com a terceira idade e o respeito não deixou de referir. E é sob esta oportunidade de aprender a diferença dos antepassados com a atualidade que, a Dona Natália nos fala. Acredita que a primeira faixa etária lhe pode ensinar “porque a gente no nosso tempo, a gente não tinha nada disto” e “coitadinhos (...) podemos ensinar algumas coisas sobre a vida... ensinar a estar mais educadinhos, mais quetinhos” (D.N.)

Com a mesma opinião, relata-nos a Dona Anabela. Confirma o facto de poder aprender na sua idade, mas, muitas das vezes, a motivação não é a sua aliada. Fala-nos da afetividade como uma boa forma de aprendizagem e consequentemente de motivação, pois o “amor é muito bom” para si (D.A.). Olha para estas em jeito nostálgico, e são termos como o sorrir, o amar e o carinho que considera importantes salientar. Acredita que do outro lado da moeda, muitas aprendizagens podem retirar quando estão com os idosos, estabilizando suas palavras na “educação, o saber estar com alguém” (D.A.).

O Senhor Pedro, vai mais longe na sua reflexão, referindo que estas conexões para além do mimo, trazem frutos de aprendizagens porque “os adultos, alguns sabem muitos, outros não tanto e quando estão com eles pode ser que até aprendam alguma coisa” (...) visto que, “há pessoas, por exemplo, que não sabem se relacionar” (S.P.)

Em linha contraditória, examinamos as narrativas da Dona Joaquina, Dona Felisberta e do Senhor João. Completos de nostalgia e memórias falam dos seus familiares e os brilhos nos olhos não nos deixa equivocar. Acreditam que nesta idade nada mais há aprender, “as idades são diferentes e a vontade também” (D.J.) e depois de tantas memórias passadas “a gente já aprendeu tudo” (D.F.), apesar desta última considerar uma ínfima hipótese de aprender “às vezes basta olharmos para elas a fazer alguma coisa diferente e aprendemos, mas é muito difícil” (D.F.). Nas palavras do Senhor João, já não pode aprender nada desta idade, mas tem “pena de não aprender” (S.J.) porém, umas das aprendizagens que mais podem retirar é que “eles estão a crescer para a vida” e que têm de “tomar as suas próprias decisões”.

Como ótica de aprendizagem, o Senhor António e a Dona Rosa acreditam que as crianças ainda são muito pequeninas para aprender, mas é “sempre bom eles virem, conviver com a gente, passar um bocadinho do dia” (contributos benéficos) (S.A.)

No que tange às aprendizagens pessoais, também o dirigente da instituição e as técnicas refletem, considerando que desvantagens não encontram. Referido pelo Presidente, a fase do berço é um momento extraordinário e “se

a gente puder melhorar esse berço, com certeza estaremos a dar um enriquecimento muito grande para que ele possa crescer com valores extremamente positivos e não ver a pessoa na terceira idade de forma estereotipada, fazendo corroboração com as palavras de Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2015) quando defendem que estas relações desenvolverão posturas positivas para com o idoso, compreendendo, tolerando e respeitando as suas limitações. Ainda sob esta perspectiva resume seu discurso a conceitos de solidariedade, amizade, admiração, “no sentido de não olhar para o idoso como um objeto que está ali a mais, mas como uma pessoa de valores, experiências e histórias de vida muito enriquecedoras também para o crescimento delas” (P.).

Teóricos como D.W.Winnicott (1987, pp.62-63, citado em Post & Homann, 2004, p.37) relatam que uma criança quando recebe afetos, desenvolve sentimentos de confiança, principalmente, “por terem sido abraçadas com amor, são capazes de progredir rapidamente no seu crescimento emocional”, sendo na base destas relações que se desenvolverão relações de afetividade, conceitos de partilha, “de aprender a dar a bola, a receber, o toma lá dá cá”(E.I.). Aspectos observáveis nos momentos de relação intergeracionais vividos (ver apêndice 22), onde as crianças, na sua pura inocência, lançavam as bolas aos utentes, recebiam, corriam, abraçavam, cumprimentavam. Para além destes pontos, a Educadora de Infância alude-nos para o desenvolvimento da diferença que já fora referido anteriormente, sendo notório da sua parte que, “através deste toque, é que eles tocam e olham para as mãos deles. Ou seja, eles vêm a diferença (...) só não sabem transmitir o que querem dizer” (E.I.)

Também a Animadora Sociocultural, consciencializa-nos para as questões das mudanças de mentalidades que temos vindo a sentir na sociedade pois, “cada vez mais, as famílias estão a mudar o conceito, cada vez mais o idoso antes de ser o conselheiro é o chega para o lado, há um afastamento muito grande das gerações” e estas relações vêm combater, exatamente, estes ruturas, trás consigo a luta contra “o estigma negativo que a própria sociedade tem em relação aos mais velhos”, onde muitas vezes se coliga o

envelhecimento “à doença, à incapacidade. Nas palavras de Carvalho (2016, p.43) os “estereótipos criados à volta da condição dos idosos impedem e prejudicam o fluir da sua vida, negando o seu bem-estar e impedindo que estes reconheçam as suas próprias potencialidades”. Lógico está que, o facto de as crianças estarem em contacto com eles, já vão começando a ver que não é bem assim, que eles não são o monstro que muitas vezes se fala” (A.S.C.). Termos estes que tanto contribuem para o despertar da interajuda e da proximidade entre gerações e para o reforço de laços” (Oliveira, 2018).

## **5.2. EXPERIÊNCIAS DE VIDA (CATEGORIA 2)**

No presente subtítulo, orientamo-nos com base nas Experiências Pessoais que, os idosos tiveram ao longo de suas vidas. Marcos importantes que tanto fizeram suas vozes se escutarem nos instantes das entrevistas. Uma categoria que procura compreender de que forma o trajeto de vida trouxe aprendizagens pessoais ao indivíduo idoso (subcategoria D) e de que forma, esses conhecimentos, advindos da experiência, podem ser transmitidas às gerações vindouras como aprendizagens significativas (subcategoria E).

Apoiamo-nos em diferentes questões com o intuito de obtermos uma perspectiva mais coesa da opinião dos intervenientes. Tal como referido anteriormente, quando os idosos foram questionados sobre a possibilidade de ensinar aos mais novos e o que podem ensinar (referente à subcategoria C) alguns destes basearam a suas palavras nas experiências de vida, dando-nos possibilidade de transporte para a presente Categoria 2.- Experiências de Vida.

Desta forma, partiremos da subcategoria D), Aprendizagens pessoais. Quando questionados sobre se a vida foi uma boa professora e em que sentido os ajudou a crescer, apenas um entrevistado não respondeu diretamente à questão, a Dona Rosa. No seu discurso deambulam palavras de luta, de uma vida difícil, onde sozinha criou os seus cinco filhos. Sentimentos de revolta e

nostalgia, saudade e de certa tristeza pela situação que passou, poucos dias antes da entrevista, com sua filha. “Começou a berrar comigo...diz que nunca lhe dei amor (...) deixa-me um bocado triste”. Perturbação essa que acabou por moldar a nossa entrevista, focando o seu discurso entre o que viveu com os filhos e o seu gosto pelas crianças, não dando abertura para a questionar além desses assuntos.

Sob este parecer de luta de uma vida, temos o exemplo do Senhor João e a Dona Natália que referem que a vida nunca foi fácil. Recordam a luta perante as dificuldades para colocar seus oito filhos a estudar (S.J.), e quando quase nada tinham (D.N.) mas isso não a impediu de dar uma boa educação aos seus filhos e “ensinar tudo o que podia e sabia” aos mesmos (D.N.). Também a Dona Eva, relata-nos uma história de perda do seu cônjuge, acreditando que tudo é possível pois, foi com 78 anos que encontrou o seu novo amor (D.E.) e que, o importante de tudo, é continuar a batalhar. “A vida continua, ela só anda para a frente, não podemos parar”.

A Dona Felisberta acredita que “são nas situações reais que mais aprendemos” sendo que, uma das aprendizagens que mais retirou da vida, foi a viver e a sobreviver (D.F.). Nesta linha de ensinamentos fala-nos a Dona Anabela, refere que a vida a ensinou a ser mulher, a amar e a trabalhar.

A Dona Joaquina foi a utente que mais vagueou sobre o seu caminho traçado. Leva-nos para paisagens familiar partilhadas, para os momentos em que tão pouco tinham à mesa e para o quanto se valorizava o que tão pouco tinham, salientando “naquele tempo dava-se valor a tudo, a tudo, fosse da própria pessoa, fosse no que fosse” (D.J.).

Analisadas estas unidades de contexto, denotou-se que, apesar de referirem as histórias de vida como importantes nos seus percursos de vida, quando questionadas sobre as aprendizagens resultantes das mesmas, não se prolongam nas suas reflexões, mantêm-se em respostas rápidas e curtas. Sem exceção, todos nos falamos de uma vida de contenda, em que viviam com pouco, mas que mesmo assim os fizera ser felizes e vingar na existência. Sempre procuraram dar tudo o que podiam aos seus filhos, lutaram para que nunca

lhes faltasse nada. E será que os poucos brinquedos que tinham nos seus tempos de juventude, as histórias à volta da lareira, a vida do campo, ensinou-lhes a sobreviver, a lutar, a nunca desistir dos seus sonhos? Ensinou-lhes que, com tão poucas peças materiais se pode na mesma ser feliz? Hoje, olhamos para trás e deparamos que tantas questões ficaram por responder, que muitas dificuldades se sentiam nas palavras dos entrevistados, não pela tristeza, mas pela saudade de um tempo que não volta mais. Mas mesmo assim, observamos que eles são fruto dos seus caminhos, são os filhos das suas histórias e memórias.

Ora, será que são estes caminhos, estas histórias que as gerações vindouras devem escutar? É desta questão que iniciamos a análise da subcategoria E), que se intitula “Riqueza dos conhecimentos adquiridos para a transmissão ao Outro”. Mais uma vez, ressalvamos que esta análise parte das perceções dos idosos, uma vez que, não existiram pontos a observar nos momentos de relação intergeracional, devido ao escasso tempo e, nem as crianças da creche, encontram-se capacitadas para responder a questões tão abrangentes, devido às suas idades.

Desta forma, através da leitura das entrevistas semiestruturadas, denotou-se que apenas quatro idosos responderam quando questionadas sobre a experiência de vida como fator importante para o crescimento das crianças.

No que toca aos restantes intervenientes, a exemplo da Dona Eva observou-se que, quando questionada se a vida foi uma boa professora, esta reportou para as fases da vida, para a necessidade de continuar a aprender, não abrangendo a classe mais nova. Nesta perspetiva, temos a Dona Felisberta que, delineia conceitos como aprendizagens pessoais advindas da sua experiência de vida, mas sem fazer ressalva como importantes para as crianças da creche. A Dona Natália, transportou suas palavras refletindo ao longo da sua vida, respondendo que a vida “não é que tenha sido uma boa professora, porque ela não foi fácil, mas ensinei tudo o que podia e sabia aos meus filhos” (D.N.), não alargando a sua reflexão às crianças da creche. Relativamente, ao Senhor Pedro quando questionado sobre a vida, referiu a sua importância na ótica pessoal,

mas mais uma vez, sem fazer alusão às crianças da creche. Por fim, a entrevista da Dona Rosa, é um exemplo de como uma carga emocional negativa pode afetar-nos, observando-se ao longo da mesma uma necessidade enorme de fazer alusão aos filhos, não esclarecendo muito das suas respostas face às crianças da creche. Conduzida de uma forma diferente, com o intuito de procurar uma maior abertura à mesma, o que levou a questões como “se a experiência de vida pode ser uma boa professora” não fossem questionadas, pois poderiam levar a um aumento da carga emocional negativa (D.R.).

Na vertente dos entrevistados que responderam, analisou-se que, tal como tinha sido refletido a supra, a Dona Joaquina foi a entrevistada que mais deambulou na sua história de vida. Falou-nos acerca das dificuldades que passou, do pouco que tinham ao nível de comida, de brinquedos. Lembra o tempo que chegava “à escola só com um bocadinho de pão” e de quando era isso que comida o dia todo. Tem consciência de que não “eram todas assim, mas havia famílias (...) com muitas dificuldades, salientando que umas das coisas que se deviam ensinar às crianças era a valorizar pois “naquela altura quando uma criança recebia uma roupinha nova, para elas era uma alegria”. Alude-nos para a questão dos objetos materiais, pois “quando uma criança apanhava um brinquedo diferente, uma bonequinha diferente, um carrinho diferente eles davam muito valor àquilo e tinham uma estima diferente. Hoje são capazes de amontoar brinquedos e não ligar nenhuma” (D.J.).

Sob o parecer de uma “infância difícil” fala-nos o Senhor António. Nunca passou fome, mas também a fartura não era muita, considerando que uma das coisas que se deve ensinar aos mais novos é ensinar aquilo pela qual passaram. Considera que à geração vindoura deve-se “ensinar a comer o bom e o fraco! De tudo! E saber o bem e o mal de tudo! Nem sempre calha bem, nem sempre calha mal. É tudo uma aprendizagem” (S.A.).

Nas palavras da Dona Anabela (D.A.) a vida ensinou-lhe alguns conceitos que devem ser transmitidos aos mais novos, “sem dúvida”. Conceitos estes, analisados anteriormente, que podem ser “pequenas em palavras, mas

imensas... grande de sentido”. Uma vida de luta, de aprendizagem ao nível da maturação feminina, do amor e do trabalho.

Ouvimos das palavras do Senhor João uma opinião diferente. Observa as crianças como o futuro da sociedade e, tal como os restantes idosos, reflete acerca da vida difícil que teve de travar. Fala-nos sobre os seus maiores prazeres da vida, mas observa na questão sobre a experiência de vida como um importante fator de ensino às crianças. Na sua opinião, um dos pontos a instruir é “que estão a crescer para vida...para a vida deles de quando forem adultos e essa fase não é fácil” (S.J.).

Através desta análise realizada às entrevistas dos idosos, foi possível observar e sentir a grandiosidade da palavra saudade. Saudades, pois falamos de um tempo que tão pouco tinham, de um tempo que se sobrevivia da agricultura que pouco rentável era. E assim, agregamos também nesta subcategoria a afetividade, uma vez que, falamos destes tempos com lágrimas nos olhos, não recordam estes momentos com tristeza, mas com saudade e sobrevivência. Viveram com pouco, a comida mal chegava para o dia na escola, os brinquedos eram escassos, alguns pais tinham que sair da beira dos seus filhos para procurar rendimentos outros sítios, mas sobreviviam. Lutaram!

Olhamos para os tempos que correm com facilitismo, consumismo, competição, tal como refletido no enquadramento teórico. Atualmente, temos acesso a toda a informação que necessitamos, temos a roupa e os telemóveis que queremos. Tudo está à nossa disponibilidade! Tudo tão fácil que muitas das vezes nem sair do sofá necessitamos. Será que estamos a educar para o conformismo? Para a dependência das tecnologias e a esquecer o mundo das relações verdadeiras? Muito possivelmente porque hoje já não vivemos sem um telemóvel, sem uma televisão, sem uma roupa para sair à noite e outra para ir para a escola.

A sociedade necessita das gerações que já passaram e sobreviveram com pouco. Necessita que ensinem os mais novos a valorizar aquilo que têm porque eles sempre tiveram tão pouco e sempre foram tão felizes. Seríamos hipócritas

se disséssemos que tudo é um mar de rosas, não foi e certamente, nesta idade que se encontram (terceira idade) não é. Falaram-nos dos desafios que ultrapassaram, da luta que tiveram que enfrentar diariamente para ajudar seus pais e seus filhos. Observamos as suas dificuldades nesta fase de vida, as pernas já não têm a mesma força, a audição é difícil, declínios que teorizamos anteriormente.

Eles acreditam que são estes alguns dos aspetos, advindos das experiências de vidas, que têm a transmitir aos mais novos. Passaram por essas fases e já nos falam partindo da experiência.

No ponto 4.4.2 (participantes) executou-se uma análise mais detalhada de cada participante e compreendeu-se que, apesar de possuírem características tão díspares, a boa disposição referida pela animadora sociocultural nos momentos intergeracionais, é sentida quando procedemos à observação destas relações. Observamos utentes que, são um exemplo como o Senhor António, cuja postura se mantém uniforme mesmo quando está com as crianças pois, mesmo com companhia não se priva de viver mais momentos com os mais novos. Por outro lado, a Dona Rosa apresenta-se como uma pessoa que não gosta muito de se envolver nas atividades diárias do Lar, sendo referido pela técnica a sua timidez e a sua forma introvertida de estar. Contudo, quando está com as crianças, observou-se completamente o oposto. Ela sorria, brincava com eles, estabelecendo diálogos, principalmente, de afetividade como por exemplo “que coisinha mais riquinha” (ver apêndice 22). Na vertente das crianças salientamos, por exemplo o caso do Ricardo uma vez que, tal como referido pela Educadora de Infância, é uma criança que, só acompanha as rotinas da creche no período da tarde, referindo mesmo que a nível de contacto com os utentes, “fecha-se por completo”. Contudo, na segunda atividade intergeracional observada, estabeleceu contacto com os idosos de forma muito leviana e despreocupada, fazendo atirar a bola por diversas vezes ao mesmo (ver apêndice 22).

Compreendemos que estes comportamentos foram muito diminutos de observar, pelo que a junção desta informação poder-se-á revelar escassa visto

que, simplesmente, naquele momento poderiam se sentir à vontade para se relacionar com uma pessoa que não se enquadra na sua rotina diária. Não falamos em certezas, falamos em exemplos do que nos foram transmitidos e do pouco que fora observado.

Abraçamos a grandiosidade do Ser Humano, mas, também, a sua complexidade pois nem sempre, conseguimos obter respostas claras sobre o que foi questionado, assunto este, visível quando se analisam as entrevistas aplicadas aos idosos.

Desta forma observou-se, que as dinâmicas intergeracionais-afetivas apenas revelaram conceitos de bem-estar e afetividade nos intervenientes, não sendo evidente aprendizagens efetivas. Pequenos gestos, palavras de carinho, nos demonstram o quanto, pequenos momentos, podem beneficiar e contribuir para a vida de uma pessoa. Não podemos referir observações de aprendizagens pessoais, devido aos poucos momentos de relação.

### **5.3. PLANO DE AÇÃO**

Com o desígnio de promover relações intergeracionais-afetivas que visem o bem-estar e o desenvolvimento do idoso e da criança é fulcral a elaboração de um plano de ação organizado por três fases (ver quadro abaixo). Este quadro possibilitar-nos-á uma maior organização da forma como poderíamos dinamizar um conjunto de atividades, com uma ordem lógica.

Quadro 2- Plano de Ação

Fases	Calendário	Objetivos	Intervenientes
Combatendo Muros	Setembro Outubro Novembro Dezembro	Desenvolver sentimentos de confiança, proximidade, empatia; respeito; Promover de convívios de lazer e diversão; Estimular relações de ajuda e de apoio; Combater estereótipos e preconceitos referentes à idade; Conscienciar para o espaço pessoal e do Outro.	Idosos que se encontrem com capacidades cognitivas, sociais e capazes de comunicação verbal; Crianças do 1 aos 3 anos.
O Brilho da Geração	Janeiro Fevereiro Março Abril	Promover a partilha de saberes, conhecimentos e valores; Conscienciar para a diferença entre os tempos antigos e a atualidade; Promover de convívios de lazer e diversão;	
Sorrindo Juntos	Maio Junho Julho	Realizar convívios de lazer e diversão que promovam a estimulação cognitiva,	

		sensorial e motora dos diferentes intervenientes.	
--	--	---	--

Consciencializamos para o facto deste plano ser idealizado para uma intervenção focada no bem-estar e no desenvolvimento de intervenientes Lar e Creche. Desta forma, ressalvamos a questão relativa aos idosos pois, para que possam transmitir conhecimentos, saberes, devem estar conscientes da realidade e, com capacidades cognitivas, sociais e linguagem acessível para que o ambiente se revela favorável aos propósitos do plano. Porém, temos consciência da existência de benefícios dos relacionamentos intergeracionais com pessoas acamadas, com demências, desde que não coloquem em risco a participação dos diferentes participantes.

Esta planificação idealiza encontros, pelo menos, de uma a duas vezes semanais, de acordo com as possibilidades das tutelas e, salva rara exceção, alteráveis a dias comemorativos como o Dia de Carnaval, Dia de Magusto, Dia de Reis, entre outros. Dias festivos onde se podem rentabilizar em momentos de convívio, de promoção de novos saberes e estimulações nas diversas esferas.

Desta forma, o objetivo do nosso plano de ação, encontra-se dividido em três fases: Combatendo Muros, O Brilho da Geração e Sorrindo Juntos, tendo como iniciação em setembro e término em julho. Esta calendarização prende-se pelo início do período letivo e termina em julho por ser a época antecedente às férias, uma vez que muitas famílias se encontram de férias, levando a que muitas crianças não se encontrem na instituição.

Na 1ª fase, pretende-se promover atividades que visem o conhecimento intergrupar, combater estereótipos e preconceitos passíveis de existir, estimular sentimentos de confiança, proximidade, empatia, respeito, apoio, ajuda para que, tanto as crianças e os idosos, retirem o melhor partido destas relações sociais (Combatendo Muros). Esta etapa surge da observação em contexto real da situação que se passa com algumas crianças quando chegavam

à sala dos idosos. Estes demonstravam-se desconfortáveis no espaço, não fazendo qualquer tentativa de estabelecer contacto com a figura idosa. Situação esta que levava ao não aproveitamento dos benefícios destas relações. É com base nesta reflexão que surge este ponto que procura que os intervenientes sintam o espaço como “seu”, dentro das suas zonas de conforto para que desfrutem verdadeiramente do que estão a viver.

Numa segunda fase, designada como “O brilho da geração” pretende-se organizar um conjunto de atividades que promovam a transmissão de saberes, conhecimentos e valores advindos das experiências de vida. Uma leitura de histórias antigas, a aprendizagem de uma música antiga são exemplos de dinâmicas interessantes a realizar. Estes exercícios revelam-se fulcrais pelas inúmeras razões que temos vindo a refletir ao longo do relatório, tanto no enquadramento teórico como na análise de conteúdo realizada com base nas observações feitas dos momentos de relações intergeracionais. A exemplo destes benefícios podemos referir as palavras de três intervenientes: o saber valorizar (tal como referido pela Dona Joaquina); o saber partilhar (Educadora de infância), o aprender “amar e a trabalhar” (Dona Felisberta). Conceitos definidos em “pequenas palavras, mas imensas...grandes em sentido” (Dona Anabela).

Por fim, “Sorrindo juntos” representa a terceira fase. Este, podendo englobar os objetivos das duas fases anteriores, procura organizar um conjunto de dinâmicas que estimulem as diversas esferas de desenvolvimento (cognitivo, motor, social, sensorial), tão importantes para o crescimento individual de cada interveniente.

Neste seguimento, no apêndice 25, encontram-se apresentadas sugestões de atividades possíveis de realizar em momentos de relação intergeracional, que divididas nas três fases deram origem aos apêndices 26, 27 e 28. Estas englobam nas suas descrições a duração, os materiais, o processo de desenvolvimento necessários e observações que se revelem essenciais para que a intervenção se desenrole o mais completo possível. Salientamos neste momento que, o espírito dos intervenientes e a própria disposição dos mesmos

pela sala se revela fulcral para que os objetivos sejam atingidos pois, tal como foi possível observar através da leitura do diário das observações intergeracionais houve uma discrepância da primeira dinâmica para a segunda (ver apêndice 21 e 22). Num primeiro momento (apêndice 21) como a atenção das crianças se focou nos brinquedos disponíveis e havia uma distância entre idosos e estes, a relação revelou-se deficitária e escassos benefícios se retirou da mesma. No exemplo do segundo momento (apêndice 22) como procurou-se focalizar a atenção das crianças na relação com os idosos, como o espaço que se encontravam era mais promissor para a conexão, os benefícios surgiram de forma leve, saudável e afetiva. Aspetos a ter em conta nos momentos de relações intergeracionais.

O momento da avaliação é crucial para compreendermos se os objetivos estão a ser cumpridos ou não, sendo que “deve estar presente em todo o esboço de uma intervenção” (Serrano, 2008, p.81). Este “não deve ser um fim em si mesmo, mas sim um meio para melhorar sistematicamente o processo sociocultural e para se fazer um uso mais adequado dos recursos disponíveis, materiais e de pessoas (accountability) e para alterar, se necessário, o decorrer da acção”. (Serrano, 2008, p. 81).

Desta forma, não tendo como finalidade a apresentação final de dados quantificáveis, elaboramos três grelhas de avaliação que atendessem aos objetivos delineados (ver apêndice 29). Estas grelhas têm como destinatários os idosos, que tendo capacidade cognitiva, ainda se encontram capazes de refletir acerca do caminho que o plano segue. Contudo, esta avaliação deve ser respondida pelo próprio responsável das atividades uma vez que, os participantes, sentindo-se entrevistados podem inferir numa resposta enganadora dos seus sentimentos, por sentirem que estão a ser avaliados. Desta forma, as entrevistas devem ser realizadas em forma de conversas informais. Importa referir que, estes momentos devem ser realizados no fim do término de cada fase. No que toca às crianças, e uma vez que estas possuem idades compreendidas entre 1 e 3 anos, a linguagem e a capacidade reflexiva ainda se encontram em desenvolvimento pelo que, qualquer pergunta que se

pretenda fazer sobre o tema aos mesmos se revela inexecutável, logo esta avaliação deve ser realizada pelo responsável pela condução das atividades, elaborando um registo diário sobre o observável nas dinâmicas.

Julgamos que a elaboração de um plano que cõnjugue os objetivos pretendidos, com uma boa adequação das atividades às necessidades e especificidades se revela uma tarefa árdua. Todos os contextos têm as suas necessidades e especificidades, logo deve-se procurar ajustar as dinâmicas às realidades para que, os intervenientes possam retirar o máximo benefício da mesma. E o momento da avaliação permite-nos, assim, compreender se o caminho está a ser traçado e conseguido, ou se os objetivos não têm sido cumpridos.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Encontramo-nos na etapa final do nosso relatório e, é neste momento, que refletimos acerca de todo o caminho percorrido.

Uma estrada que nos fez conter o quão maravilhoso pode ser o ser humano pois, somos tão diferentes uns dos outros. Nossos interesses, gostos, motivações são tão ambíguos... Os sorrisos, as forças dos corpos são díspares e, num mundo tão grande, questionamos se podemos crescer e ser felizes juntos.

Motivamo-nos pelo desejo de compreender se as relações entre idosos e as crianças da creche, de um determinado contexto, podem-se revelar um caminho para o bem-estar e para o desenvolvimento e, acreditamos que concluímos uma parte do nosso objetivo. Consciencializamos para uma parte pois, compreendemos que as dinâmicas intergeracionais observadas apenas nos davam respostas no sentido do bem-estar. Vários teóricos nos elucidam para uma barcagem de aprendizagens que se podem retirar nestes instantes

de relações sociais, palavras foram referidas pelos idosos, definidos previamente pela amostra, mas a observação de tão escassos momentos não nos permitiu seguir neste caminho de compreender a possibilidade de retirar novos saberes.

Acreditamos que, na ótica do bem-estar, conseguimos encontrar um consenso. Os nossos inquiridos, demonstram felicidade seja nos gestos observados, nas palavras proferidas em jeito de preocupação, sejam nos olhos que brilhavam quando seus caminhos se cruzavam com outras gerações. Observamos um nicho de emoções, sentimentos e demonstrações afetivas que, extraíndo-nos na vertente de pesquisadores (principalmente) nos deixam de corações esperançosos. Expressam esperança pela possibilidade de um mundo melhor, pela possibilidade de encontrar nestas duas gerações o poder de equilibrar a humanidade pois, trazemos nelas o poder de valores, saberes, tradições dos nossos antepassados, que muito ultrapassam as nossas zonas de conforto. Eles correram atrás para dar o melhor aos seus filhos, sobreviveram quando tão pouco tinham, mas mesmo assim foram e são felizes. Por outro lado, observamos nas crianças a pureza, despida de preconceitos, racismos, conformismos de, ainda tão pouco, conhecerem o mundo.

Desta forma, lembrando os objetivos específicos, verificamos o cumprimento de quatro objetivos nomeadamente, a compreensão do conceito de relações intergeracionais-afetivas e a sua importância para o bem-estar dos idosos e das crianças, as percepções dos diferentes intervenientes e a observação da realidade em momentos de relação social, ficando por concluir, a temática referente ao desenvolvimento dos mesmos. Motivo explicado anteriormente.

Há uma necessidade de aceitar que estamos a atravessar uma transformação social, assunto não questionável uma vez que, ergueram-se “novos saberes, hábitos e comportamentos, assim como novas representações e simbolizações do individual, do coletivo e do social que afetaram e continuam afetando de maneira assombrosa todas as esferas da vida cotidiana dos indivíduos” (D’Aurea-Tardeli, 2009, p.1). O mundo encontra-se em mudança e

de realçar seu valor, mas aos nossos olhos entramos, também, num apuro de valores. Tudo é vivido com muita superficialidade e a “pensar naquilo que o “eu” pode retirar da situação, a pensar nos benefícios que cada momento nos oferece (...). Em vez de pensarmos no que podemos dar ao outro, da beleza da vida e das amizades, do bom das relações, da grandeza da família” (Lima, 2016, p.10). Todos temos peso neste caminho. Todos podemos ajudar a construir um mundo melhor, mais justo, solidário! Defendemos como nosso dever porque também nós fazemos parte desta sociedade. “Basta que nos sintamos verdadeiramente membros de uma sociedade, que perante os direitos e deveres que nos são delegados, sejamos capazes de atuar e dar o nosso contributo para a construção de um caminho de valores” (Lima, 2016, p. 17).

E começar a trabalhar a partir destas relações intergeracionais que investigamos poderá ser um ponto de partida. Cremos que a estrada é longa e se calhar, estaremos a cuidar uma gota num oceano tão vasto que é a humanidade, mas e se todos investirmos neste futuro que também é o nosso, o mundo não ficará mais rico?

Foi com base nesta reflexão que, surgiu o nosso título do projeto “Por baixo de um Céu estrelado: um estudo de caso intergeracional relacional”. Consideramos como estrelas as pessoas. O brilho que elas possuem mesmo quando se encontram no escuro da noite. Elas brilham mais, principalmente, quando se encontram todas juntas. E iluminam, mais o escuro do céu também quando se encontram unidas. Poderiam cintilar sozinhas, é facto, mas será que brilham da mesma maneira quando apoiadas pelas outras? Será que uma pessoa pode ser verdadeiramente feliz sozinha neste momento? Continuará a brilhar o seu sorriso? Cremos que não porque o simples “beijar, abraçar e falar espontaneamente (..) cultiva a afetividade e rompe com os laços de solidão (...) criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção” (Reginatto, 2013, p.5).

Vários constrangimentos encontramos neste percurso, principalmente neste momento em que fazemos uma reflexão final. Construir um trabalho nunca será fácil pois, falamos de um processo bastante complexo e difícil de

percorrer. Desta forma um dos constrangimentos que encontramos prende-se pelo estudo de caso se revelar tão curto, pois o facto de haver tão poucos momentos de relações intergeracionais-afetivas condicionou o caminho. Por outro lado, o facto de estarmos tão envolvidos no trabalho leva-nos, a que muitas vezes, tenhamos dificuldades em perceber que existem mais hipóteses, focando-nos apenas num caminho. Contudo, tal como em tudo na nossa vida, tudo é uma aprendizagem e aprendemos, principalmente, a partir das dificuldades. Elas ensinam-nos a subir cada degrau e a olhar para trás com mais clareza, e com a certeza que crescemos.

Em reflexão final e pessoal, olhamos neste preciso momento para todo o percurso realizado de forma carinhosa e calorosa pois, apesar de não conseguirmos cumprir a questão relativa ao desenvolvimento e de encontrarmos constrangimentos pelo caminho, compreendemos como um significativo trilho para a apreensão da condição humana. Somos mais que um conjunto de corpos a deambular pelo mundo, somos mais que um combinado de estrelas a brilharem isoladas. Somos um conjunto de aspirações, gostos, interesses, sonhos, saberes e conhecimentos diferentes que juntos podem brilhar e crescer. Vamos sonhar juntos! O mundo é demasiado grande e os sonhos também nunca serão demasiado grandes. Basta acreditar que juntos podemos ser UM!

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J. (2014). A investigação em educação e seus paradigmas. In J. Amado (Coord.). Manual de investigação em educação (2º ed.) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Bardin, L. (2016). Análise de Conteúdo (1º ed). (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Bento, A. (2011). As Etapas do Processo de Investigação: do título às referências bibliográficas. Funchal.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C. (2013b). Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática (2ºed.). Coimbra: Almedina
- Costa, M., & Matos, P. (2008). Abordagem sistémica do conflito. Lisboa: Universidade Aberta
- Cunha, V., Vilar, D., Wall, K., Lavinha, J., Pereira, P. T. (2016). A(s) problemática(s) da natalidade em Portugal: uma questão social,

económica e política. Lisboa (1º ed.). Imprensa de Ciências Sociais.

Dátilo, G. & Cordeiro, A. (2015). Envelhecimento Humano: diferentes olhares. São Paulo: Cultura Académica

Gil, A. (2008). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (6º ed.) São Paulo: Atlas.

Gil, A. (2002). Como Elaborar Projetos de Pesquisa (4ºed.). São Paulo: Atlas.

Kail, R. (2004). A criança. São Paulo: Prentice Hall

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005). Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas (2ºed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas. Lisboa: Instituto Piaget.

Novaes, M. (1997). Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias (2º ed.). Rio de Janeiro: NAU.

Papalia, D. & Feldman, R. (2013). Desenvolvimento Humano (12ºed.) Mc GrawHill.

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). O Mundo da Criança. Lisboa: McGraw-Hill.

Post, J. & Hohmann, M. (2004). Educação de bebés em infantários (2ºed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico (2ªed.). Brasil: Universidade FEEVALE.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais (2ªed.). Lisboa: Gradiva.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). Manual de investigação em Ciências Sociais (3ªed.). Lisboa: Gradiva.

Serrano, G. (2008). Elaboração de projetos sociais. Casos práticos. Porto Editora.

Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Porto Editora

## 8. WEBGRAFIA

Almeida, A. (2008). A Pessoa Idosa Institucionalizada em Lares: Aspectos e contextos da Qualidade de Vida. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Retirado a 14 de janeiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Tese%20final%20II%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Tese%20final%20II%20(1).pdf).

António, P. (s.d). O processo de envelhecimento humano: particularidades nas Pessoas com deficiência mental. Manual de formação para técnicos auxiliares. Retirado a 15 de janeiro de 2019 de <http://www.elosocial.org/wp-content/uploads/2017/01/envelhecimento-humano.pdf>.

Arantes, V. (2003). Afetividade e Cognição: rompendo a Dicotomia na Educação. *Videtur*, 23(1), p.5-16. Retirado a 16 de novembro de 2018 de [http://www.miniweb.com.br/Ciencias/Artigos/afet\\_cognicao.pdf](http://www.miniweb.com.br/Ciencias/Artigos/afet_cognicao.pdf).

Araújo, A., Oliveira, L., & Camargo, R. (2005). Afetividade: os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. Trabalho apresentado ao Centro Universitário, da Faculdade de Ciências da Educação, Brasília, Brasil. Retirado a 25 de novembro de 2018 de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6577/1/40250997.pdf>.

Assis, M. (2005). Envelhecimento ativo e promoção da saúde: reflexão para as ações educativas dos idosos. *Revista APS*, 8 (1), pp.15-24. Retirado a 14 de janeiro de 2019 de <http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Envelhecimento.pdf>.

Azevedo, M. (2015). Envelhecimento ativo e a qualidade de vida: uma revisão integrativa. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, Portugal. Retirado a 15 de janeiro de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10776/1/marta%2020%20de%20abril%20-%20tese%20final%20-%20pdf.pdf>.

Bassedas, E., Huguet, T. & Solé, I. (1999). Desenvolvimento e aprendizagem na etapa de 0 a 6 anos (Cap.1). In: *Aprender e ensinar na Educação Infantil*". Porto Alegre: Artmed. Retirado a 20 de janeiro de 2019 de [http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/B/BASSEDAS\\_Eulalia/Aprender\\_Ensinar\\_Educacao\\_Infantil/Liberado/Cap\\_01.pdf](http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/B/BASSEDAS_Eulalia/Aprender_Ensinar_Educacao_Infantil/Liberado/Cap_01.pdf).

Benetti, I., Vieira, M., Crepaldi, M. & Schneider, D. (2013). Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia*, 9(16), pp.89-99. Retirado a 3 de junho 2019 de <file:///D:/Lara/Disserta%C3%A7%C3%A3o/CP.%20IV%20-investiga%C3%A7%C3%A3o/Benetti,%20Vieira,%20Crepaldi%20e%20Schneider%202013.pdf>.

- Bezerra, R. (2006). Afetividade como condição para aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. *Revista Didática Sistêmica*, 4, pp.20-26. Retirado a 13 de novembro de 2018 de <https://periodicos.furg.br/redis/article/view/1219/515>.
- Bissoli, M. (2014). O desenvolvimento da linguagem oral da criança: contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a prática pedagógica na creche. *Perspectiva*, Florianópolis, 32 (3), pp.829-854. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/34869-132873-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/34869-132873-1-PB%20(1).pdf).
- Branco, C. (2014). Relações intergeracionais no combate à exclusão social: Avaliação de necessidades numa perspectiva multi-informante. Dissertação apresentada à Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado a 2 de janeiro de 2019 de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9051/1/Tese%20Carla%20Branco.pdf>.
- Brust, J. (2009). A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Trabalho de conclusão do curso apresentado à Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Retirado a 14 de novembro de 2018 de <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>.
- Cacheffo, V. (2011). A afetividade nas produções do GT 20 (Psicologia da Educação) da ANPED. Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Retirado a 16 de novembro de 2018 de <https://www.yumpu.com/pt/document/read/42866488/a-afetividade-nas-produaaes-do-gt-20-psicologia-da->.
- Câmara, R. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2),

- pp.179-191. Retirado a 10 de setembro de 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>.
- Camargo, P. (s.d). Desenvolvimento Infantil e Processos de Aprendizagem e Ensino: alguns olhares e contribuições. Educar e Sorrir. Retirado a 25 de janeiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/1355920212artigo\\_pedagogas%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/1355920212artigo_pedagogas%20(5).pdf).
- Camilo, C. (2014). As possibilidades de atuação da educação física na educação de jovens e adultos para a relação intergeracional na educação dos direitos humanos. Motrivivência, 26 (43), pp.245-261. Retirado a 25 de fevereiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/30670-120525-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/30670-120525-1-PB%20(1).pdf).
- Campos, C. (2004). MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm, 57 (5), pp.611-4. Retirado a 10 de setembro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>,
- Cancela, D. (2007). O processo de envelhecimento. O portal dos Psicólogos. Retirado a 15 de janeiro de 2019 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>.
- Canejo, M. (2018). Os contributos das Relações Intergeracionais na Formação Pessoal e Social da Criança. Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação Jean Piaget do Campus Universitário de Almada, Almada, Portugal. Retirado a 2 de janeiro de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23876/1/Mafalda%20Canejo%20-%20ESE.pdf>.
- Capelatto, I. (2012). Educação com afetividade. Fundação educar DPASCHOAL. Retirado a 20 de dezembro de 2018 de [http://www.voluntariado.org.br/sms/files/col\\_faca\\_parte\\_11.pdf](http://www.voluntariado.org.br/sms/files/col_faca_parte_11.pdf).

- Cardoso, A., Teixeira, E., Spilker, M., Silva, M. & Oliveira, N. (2011). Análise de Conteúdo de uma Entrevista Semi-Estruturada. Retirado a 25 de setembro de 2019 de <http://mpelearning.pbworks.com/f/MICO.pdf>.
- Carvalho, M. (2012). Relações intergeracionais: Alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. Revista portal de divulgação, 28, Ano III. Retirado a 2 de novembro de 2018 de <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revistanova/index.php/revistaportal/article/viewFile/321/321>
- Carvalho, M. (2007). Grupo intergeracional: o espaço de diálogo entre gerações. In O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais (pp.52-69) Retirado a 25 de fevereiro de 2019 de [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11345/11345\\_5.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11345/11345_5.PDF).
- Carvalho, N. (2016). A importância da realização de atividades no processo do envelhecimento ativo de idosos Institucionalizados. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Braga Portugal. Retirado a 14 de janeiro de 2019 de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20844/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20de%20Nat%C3%A9rcia%20Manuela%20Oliveira%20Carvalho.pdf>.
- Cavicchia, D. (2010). O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, Brasil. Retirado a 25 de janeiro de 2019 de <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>.
- Cheio, C. (2016). Promoção do Desenvolvimento Infantil. Relatório de Estágio apresentado à Escola de Enfermagem, do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal. Retirado a 20 de janeiro de 2019 de

[file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/RELAT%C3%93RIO%20CL%C3%81UDIA%20pdf%20FINAL%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/RELAT%C3%93RIO%20CL%C3%81UDIA%20pdf%20FINAL%20(2).pdf).

Cidade, S. (2009). A afetividade na Prática Pedagógica. Revista de Psicologia, 7, pp.1981-1179. Retirado em 13 de novembro de 2018 de <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/129/129>.

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014). Estudo nº1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca\\_feliz/Treinamento\\_Multiplicadores\\_Coordenadores/IMPACTO\\_DESENVOLVIMENTO\\_PRIMEIRA\\_INFANCIA\\_SOBRE\\_APRENDIZAGEM.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/IMPACTO_DESENVOLVIMENTO_PRIMEIRA_INFANCIA_SOBRE_APRENDIZAGEM.pdf).

Conselho Nacional de Educação (2008). A Educação das Crianças dos 0 aos 12 Anos. Retirado a 21 de janeiro de 2019 de [http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/1\\_A\\_Educacao.pdf](http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/1_A_Educacao.pdf).

Costa, F. (2012). Representações de Egocentrismo (Jogo Simbólico e Linguagem) numa sala de 2 anos durante as atividades livres. Relatório de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação de Santa Maria, do Instituto Superior Politécnico de Gaya, Porto, Portugal. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4966/1/REL\\_FilipaCosta\\_MEPE\\_2012.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4966/1/REL_FilipaCosta_MEPE_2012.pdf).

Costa, G. (2017). O afeto que educa: afectividade na aprendizagem. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal Juiz de Fora, Brasil. Retirado a 2 de dezembro de 2018 de <http://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>.

Costa, I. (2014). Promoção das relações intergeracionais entre mulheres jovens e idosas residentes no Instituto Monsenhor Airoso. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. Retirado a 2 de janeiro de 2019 de

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18091/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20Isabel%20Costa.pdf>.

Coutinho, A. (2013a). Relações sociais dos bebés na creche: um estudo numa perspectiva sociológica. 36ª Reunião Nacional da ANPED-29 de setembro a 02 de Outubro. Goiânia. Retirado a 5 de dezembro de 2019 de [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07\\_3324\\_texto.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07_3324_texto.pdf).

D'Aurea-Tardeli, D. (2009). Adolescência, personalidade e projeto de vida solidário. Crise de valores ou valores em crise, pp.70-88. Retirado a 24 de outubro de 2019 de [https://www.researchgate.net/profile/Denise\\_D\\_Auria-Tardeli/publication/281463307\\_Crise\\_de\\_Valores\\_ou\\_Valores\\_em\\_Crise/links/55e9c76908ae65b6389b402f.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Denise_D_Auria-Tardeli/publication/281463307_Crise_de_Valores_ou_Valores_em_Crise/links/55e9c76908ae65b6389b402f.pdf).

Delchiaro, E., Gumiero, J., Silva, J., Park, S., Soares, E. & Santos, M. (2017). A Psicologia do Desenvolvimento na Educação Infantil. Revista de Estudos Aplicados em Educação, 2 (4), pp.64-83. Retirado a 23 de janeiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/4995-15884-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/4995-15884-1-PB%20(2).pdf).

Dias, I. (2014). De bebé a criança: características e interações. Rev.Eletrônica Pesquiseduca, Santos, 6 (11), pp. 488-502. Retirado a 14 de fevereiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/372-1094-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/372-1094-1-PB%20(1).pdf).

Dias, I. & Correia, S. (2012). Processos de aprendizagem dos 0 aos 3 anos. Contributos do sócio-construtivismo. Revista Ibero-americana de Educação, 60 (1), pp. 1-10. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/4418Dias%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/4418Dias%20(1).pdf).

Dias, I., Correia, S. & Marcelino, P. (2013). Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. Revista Eletrônica de Educação, 7 (3), pp.9-24. Retirado a 25 de janeiro de 2019 de <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/483/288>.

Eichmann, L. (2014). As rotinas na creche: a sua importância no desenvolvimento integral da criança dos 0 aos 3 anos. Relatório de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação, do Instituto politécnico de Portalegre, Portalegre, Portugal. Retirado a 24 de janeiro de 2019 de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6597/1/Vers%C3%A3o%20Final AS ROTINAS NA CRECHE A SUA IMPORT%C3%82NCIA NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIAN%C3%87A DOS 0 AOS 3 ANOS.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6597/1/Vers%C3%A3o%20Final%20AS%20ROTINAS%20NA%20CRECHE%20A%20SUA%20IMPORT%C3%A2NCIA%20NO%20DESENVOLVIMENTO%20INTEGRAL%20DA%20CRIAN%C3%A7A%20DOS%200%20AOS%203%20ANOS.pdf).

Fechine, B. & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. Revista Científica Internacional, 20 (1), pp.106-194. Retirado a 17 de janeiro de 2019 de <http://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica----es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf>.

Ferraz, R., Tavares, H. & Zilberman, M. (2007). Felicidade: uma revisão. Rev. Psiq. Clín 34(5); pp. 234-242. Retirado a 4 de novembro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n5/a05v34n5.pdf>.

Fernandes, A. (2014a). Relações Intergeracionais e Envelhecimento Ativo: Narrativas de vida de missionários séniores. Dissertação apresentada à Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado a 7 de janeiro de 2019 de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9054/1/TESE%20DE%20MESTRADO.pdf>.

Fernandes, A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (36), pp.39-52. Retirado em 2 de novembro de 2018, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S08736529201000200003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S08736529201000200003&lng=pt&tlng=pt)

Fernandes, D. (2014b). Aprender na (e com a) Terceira Idade. Relatório de estágio apresentado ao Instituto da Educação, da Universidade do Minho,

Braga, Portugal. Retirado a 26 de fevereiro de 2019 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34812/1/Daniela%20Alexandra%20Carvalho%20Fernandes.pdf>.

Ferra, F. (2013). Brincar na Creche e no Jardim de Infância. Relatório do Projeto de Investigação apresentado ao Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal. Retirado a 15 de março de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6481/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Pr%C3%A9-escolar%20FI%20A1via%20Ferra.pdf>.

Finato, M. (2005). A rede afetiva e social. Um estudo de caso com uma idosa. Revista linhas, 6 (1), pp.1-11. Retirado a 18 de janeiro de 2019 de <http://200.19.105.203/index.php/linhas/article/view/1259/1071>.

França, P., Silva, D, & Barreto, L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?. Revista Geriátrica, Gerontológica, 13(3), pp. 519–532. Retirado a 19 de fevereiro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a17v13n3.pdf>.

Freitas, W. & Jabbour, C. (2011). Utilizando Estudo de Caso(s) como Estratégia de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e sugestões. Estudo & debate, 18, (2), pp. 07-22. Retirado a 18 de março de 2019 de <http://univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>.

Fundação Roberto Marinho et al (s.d). Nota 10- Primeira Infância. Revista Online. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/programa\\_not\\_a10\\_primeira\\_infancia\\_0\\_a\\_3\\_anos.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/programa_not_a10_primeira_infancia_0_a_3_anos.pdf).

Góes, M. (2000). A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. Educação & Sociedade, (71), pp. 116-131. Retirado a 5 de dezembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171.pdf>.

- Gonçalves, C. (2012). Programa de estimulação cognitiva em idosos institucionalizados. O portal dos psicólogos. Retirado a 3 de novembro de 2019 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0623.pdf>.
- Ine, I. P. (2012). Censos 2011 resultados definitivos-Portugal. Lisboa-Portugal: Instituto Nacional de Estatística, IP. Retirado a 20 agosto de 2019 de [https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao).
- Jacques, M., Nunes, M., Bernardes, N. & Guareschi, P. (2008). Relações sociais e ética (ed. Online). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro. Retirado a 3 de novembro de 2019 de <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/jacques-9788599662892.pdf>.
- Juliano, M. & Yunes, M. (2014). Reflexões sobre a rede de apoio social como mecanismo de protecção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, (3), pp. 135-154. Retirado a 5 de dezembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n3/v17n3a09.pdf>.
- Leão, M., Souza, Z & Castro, M. (2015). Desenvolvimento Humano e teoria bioecológica: ensaio sobre “O contador de histórias”. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19 (2), pp.341-348. Retirado a 3 de junho de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00341.pdf>.
- Leite, A., & Paula, E. (2014). A importância das relações afetivas nas interações sociais entre adultos e crianças da educação infantil. Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Retirado a 13 de novembro de 2018 de [http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/anny\\_carol\\_lealeite.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/anny_carol_lealeite.pdf).
- Lima, F. (2016). O desafio de educar para valores no séc. Xxi. Prova apresentada ao Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa. Retirado a 24 de outubro de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20258/1/Tese.pdf>.

- Lima, P. & Coelho, V. (2011). A Arte de Envelhecer: Um Estudo Exploratório Sobre a História de Vida e o Envelhecimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1), pp. 4-19. Retirado a 2 de novembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n1/v31n1a02.pdf>
- Loos, H. & Sant'Ana, R. (2007). Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. *Educar*, Curitiba, (30), pp. 165-182. Retirado a 9 de dezembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a11n30>.
- Lopes, G. (2010). Imagens e estereótipos de idoso e envelhecimento, em idosos institucionalizados e não institucionalizados. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Retirado a 15 de janeiro de 2019 de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2500/3/Disserta%C3%A7ao.pdf>.
- Lopes, R., Nascimento, R., Souza, S., Mallet, L. & Argimon, I. (2010). Desenvolvimento Cognitivo e motor de crianças de zero a quinze meses: um estudo de revisão. *O portal dos psicólogos*. Retirado a 26 de janeiro de 2019 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0529.pdf>.
- Lousa, E. (2016). Benefícios da estimulação cognitiva em idosos: um estudo de caso. Dissertação apresentada à Escola Superior de Altos Estudos, do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal. Retirado a 3 de novembro de 2019 de <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/682/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf>.
- Luz, R. (2014). A importância da afetividade em crianças em idade pré-escolar. Relatório de mestrado apresentado à Escola Superior da Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve. Faro, Portugal. Retirado a 15 de dezembro de 2018 de

<https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8298/1/Relat%C3%B3rio%20Final%20RitaLuz.pdf>.

Manfroí, E., Macarini, S. & Vieira, M. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Bras. Crescimento e Desenvolvimento Hum.*, 21 (1), pp. 59-69. Retirado a 12 de fevereiro de 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v21n1/07.pdf>.

Mari, F., Alves, G., Aerts, D. & Camara, S. (2016). O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol*, 19 (1), pp.35-44. Retirado a 17 de janeiro de 2019 de [http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt\\_1809-9823-rbgg-19-01-00035.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt_1809-9823-rbgg-19-01-00035.pdf).

Marquês, S. (2009). Educabilidade e construção de laços intergeracionais. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia: Universidade do Minho*, p.1871-1880. Retirado a 3 de janeiro de 2019 de <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t5/t5c133.pdf>

Marques, V. (2017). Brincar: a essência da infância. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal. Retirado a 15 de março de 2019 de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23135/1/VANESSA\\_MARQUES.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23135/1/VANESSA_MARQUES.pdf).

Matos, T. (2014). Num “mundo” de descobertas e aprendizagens. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal. Retirado a 15 de março de 2019 de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13113/1/TATIANA\\_MATOS.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13113/1/TATIANA_MATOS.pdf).

Medeiros, M. (2017). O Papel da Afetividade na Relação Professor e Aluno e suas Implicações na aprendizagem. *Revista on line de Política e Gestão*

Educacional, 21 (2), pp.1165-1178. Retirado a 10 de dezembro de 2018 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/10179-30113-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/10179-30113-2-PB%20(1).pdf).

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. The case study as research strategy in education. *Eduser*, 2 (2), pp.49-65. Retirado a 5 de setembro de 2019 de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%3%a9gia%20de%20investiga%3%a7%3%a3o%20em%20educa%3%a7%3%a3o.pdf>.

Meneses, M. & Sarriera, J. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial: Social networks in psychosocial research. *Aletheia*, Canoas, (21), pp.53-67. Retirado a 8 de novembro de 2018 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942005000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000100006).

Monteiro, A. (2015). Projeto de Reabilitação da Casa das Bocas para Co-habitação Intergeracional. Relatório de Mestrado apresentado à Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, Viseu, Portugal. Retirado a 2 de dezembro de 2018 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Final%20Carolina%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Final%20Carolina%20(1).pdf).

Moraes, E., Moraes, F. & Lima, S. (2010). Características biológicas e psicológicas do desenvolvimento. *Rev Med Minas Gerais*, 20 (1), pp.67-73. Retirado a 16 de janeiro de 2019 de <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/artigos/197.pdf>.

Moreira, R. (2016). A perceção dos docentes e a visão do diretor escolar sobre o uso das TIC no ensino fundamental. Um estudo de caso. Projeto de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal. Retirado a 14 de março de 2019 de [http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/9892/1/DM\\_Regina%20Moreira\\_2016.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/9892/1/DM_Regina%20Moreira_2016.pdf).

Moreira, V. & Nogueira, F. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *PSICOL.USP*, 19 (1), pp.59-79. Retirado a 14 de janeiro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n1/v19n1a09.pdf>.

Mousinho, R., Schmid, E., Pereira, J., Lyra, L., Mendes, L. & Nóbrega, V. (2008). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, 25 (78), pp. 297-306. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n78/v25n78a12.pdf>

Mozzato, A. & Grzybovski, D. (2011). Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *ANPAD*, 15 (4), pp. 731-747. Retirado a 10 de setembro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>.

Nogueira, E. (2001). Rede de Relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Brasil. Retirado a 9 de dezembro de 2018 de [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253597/1/Nogueira\\_ElieteJussara\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253597/1/Nogueira_ElieteJussara_D.pdf).

Nunes, R. & Filho, I. (2016). Desenvolvimento Humano e Jogo de Papéis Sociais: Uma Leitura à Luz da Teoria Histórico-cultural. *Nuances: estudos sobre Educação*, 27 (2), pp.231-248. Retirado a 10 de dezembro de 2018 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/3776-16661-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/3776-16661-1-PB%20(1).pdf).

Oliveira, C. (2011). Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado a 2 de janeiro de 2019 de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3100/9/TRABALHO%20COMPLETO.pdf>

Oliveira, S. (2018). A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social. Tese de mestrado apresentada ao Instituto de Educação, da Universidade do Minho, Portugal. Retirado a 18 de fevereiro de 2019 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56031/1/tese%20final%20sara%20oliveira.pdf>.

Oliveira, S. (2014). Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção do idoso sobre a velhice em centros de convivência selecionados. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil. Retirado a 18 de janeiro de 2019 de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3629/1/Susete%20Maria%20Ramos%20Cortez%20Oliveira.pdf>.

Organização Mundial da Saúde (2015). Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Retirado a 17 de janeiro de 2019 de [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO\\_FWC\\_ALC\\_15.01\\_por.pdf?sequence=6](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6).

Palmeirão, C., & Menezes, I. (2009). A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações. A Animação Sociocultural na Terceira Idade (pp. 22–35). Chaves. Retirado a 24 de fevereiro de 2019 de [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP\\_Palmeir%C3%A3o\\_Cristina-dig3.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP_Palmeir%C3%A3o_Cristina-dig3.pdf).

Patrício, M. (2014). Aprendizagem Intergeracional com Tecnologias de Informação e Comunicação. Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado a 18 de fevereiro de 2019 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35420/1/Maria%20Raquel%20Vaz%20Patr%C3%ADcio.pdf>.

- Pereira, T. & Galuch, M. (2012). O *garoto selvagem*: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano. *Perspectiva*, Florianópolis, 30 (2), pp.553-531. Retirado a 8 de dezembro de 2018 de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/19483-89173-2-PB.pdf>.
- Pinho, A. (2008). Avaliação do desenvolvimento pessoal e social dos 0 aos 3 anos. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1011/1/2008000781.pdf>.
- Pinto, F. (2008). As muitas faces da afetividade: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do Ser Humano. *Barbarói* (aceite para publicação (abril,2008)). Retirado a 16 de novembro de 2018 de <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/232/579>.
- Pinto, F. (2007). A dimensão afetiva do sujeito psicológico: algumas definições e principais características. *Revista de Educação*, 10(10), pp.9-15. Retirado a 13 de novembro de 2018 de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/viewFile/2131/2028>.
- Pinto, A. (2006). Reflexão sobre o envelhecimento em Portugal. *Geriatrics*, 2 (11), pp.74-86. Retida a 2 de novembro de 2018 de <https://core.ac.uk/download/pdf/144023346.pdf>
- Poltronieri, C., Costa, D., Costa, J. & Soares, N. (2015). Os desafios da construção da intergeracionalidade no tempo do capital. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(4), pp. 289-309. Retirada a 6 de janeiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/29407-78011-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/29407-78011-1-SM%20(1).pdf).
- Queiroz, L., Maciel, D. & Branco, A. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, 16 (34), pp.169-179. Retirado a 25 de janeiro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>.

- Rabecini, M. & Parra, C. (2015). O Papel da Afetividade na Aprendizagem Infantil. O Portal dos Psicólogos. Retirado em 16 de novembro de 2018 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0869.pdf>
- Rabelo, D. & Neri, A. (2014). A Complexidade Emocional dos Relacionamentos Intergeracionais e a Saúde Mental dos Idosos. *Pensando Famílias*, 18 (1), pp.138-153). Retirado a 25 de fevereiro de 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a12.pdf>.
- Ramos, N. (2005). Relações e solidariedades intergeracionais na família- Dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39 (1), pp.195-216. Retirado a 3 de janeiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/NRamos\\_2005\\_Avos.pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/NRamos_2005_Avos.pdf).
- Reginato, R. (2013). A importância da afetividade no Desenvolvimento e Aprendizagem. *Revista de Educação do Ideau*, 8 (18),pp.1-12. Retirado a 2 de novembro de 2018 de [https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf).
- Ribeiro, A. (2007). Imagem da velhice em profissionais que trabalham com idosos. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Retirado a 15 de janeiro de 2019 de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3267/1/2007001187.pdf>.
- Ribeiro, M., Sigaud, C., Rezende M. & Veríssimo, M. (2009). Desenvolvimento infantil: a criança nas diferentes etapas de sua vida. In: Fujimori E, Ohara C.(organizadoras). *Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica*. Manole: São Paulo, pp. 61-90. Retirado a 25 de janeiro de 2019 de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/432964/mod\\_resource/content/0/Pediatria/desenvolvimento\\_infantil.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/432964/mod_resource/content/0/Pediatria/desenvolvimento_infantil.pdf).
- Rodrigues, A. (2012a). O Medo de Envelhecer (e o papel do gerontólogo). Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação João de

Deus, Lisboa, Portugal. Retirado a 16 de janeiro de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3567/1/MONOGRAFIAFINAL.pdf>.

Rodrigues, M. (2012b). Atividades intergeracionais: o impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. Retirado a 18 de fevereiro de 2019 de [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13657/3/Tese Intergeracionalidade.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13657/3/Tese%20Intergeracionalidade.pdf).

Rodrigues, L. & Soares, G. (2006). Velho, Idoso e Terceira Idade na sociedade contemporânea. Revista *Ágora*, Vitória, (4), pp.1-29. Retirado a 17 de janeiro de 2019 de <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>.

Ruschel, E. & Castro, O. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (3), p.0. Retirado a 7 de janeiro de 2019 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000300011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt).

Santana, P. & Nogueira, H. (2001). A esperança de vida em Portugal. *Cadernos de geografia*, 20, pp.3-13. Retirado a 2 de novembro de 2018 de <file:///C:/Users/Utilizador/Desktop/Introdução/Santana%20e%20Nogueira%202001.pdf>.

Santos, C. & Ortega, A. (2012). Relações entre aspectos Cognitivos e Afetivos em Idosas. *Revista electrónica de Psicología e Epistemologia Genéticas*, 4 (1), pp.109-148. Retirado em 18 de novembro de 2018 de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/2399-Texto%20do%20artigo-8300-1-10-20120719.pdf>.

Santos, F. (2012). Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de (Bardin, I., 2011, *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70) revista *Eletrônica de Educação*. São Carlos, 6 (1), p.383-387. Retirado a 10 de

setembro de 2019 de  
<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>.

Santos, M. (2013). A organização do ambiente educativo e a aprendizagem. Relatório de Mestrado apresentado à Faculdade de Educação e Psicologia, da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. Retirado a 3 de junho de 2019 de <file:///C:/Users/bruno/Downloads/Tese%20Maria%20de%20Fatima%20Santos.pdf>.

Sarmiento, M. (2005). Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação Sociedade*, 26(91), pp. 361–378. Retirado a 26 de fevereiro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>.

Sasso, B. & Morais, A. (2013). O Egocentrismo Infantil na Perspectiva de Piaget e Representações de Professoras. *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética*, 5 (2), pp.24-51. Retirado a 13 de fevereiro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/3571-Texto%20do%20artigo-11927-1-10-20140318%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/3571-Texto%20do%20artigo-11927-1-10-20140318%20(2).pdf).

Sehn, E., & Carrér, J. (2014). Afetividade na Terceira Idade: repensar os sentimentos, as possibilidades e as relações interpessoais. *Fragmentos de Cultura*, 24, pp.15-24. Retirado a 14 de novembro de 2018 de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/3574-10392-1-PB.pdf>.

Sequeira, M. (2014). Avós e Netos: Uma Relação Intergeracional na Perspetiva dos Avós. Uma realidade na Freguesia de Alpalhão. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, Portugal. Retirado a 2 de janeiro de 2019 de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14237/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Marlene%20Sousa%20Sequeira.pdf>.

Serafim, F. (2007). Promoção do Bem-estar global na população sénior- práticas de Intervenção e desenvolvimento de actividades físicas. Dissertação de

mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Algarve, Algarve, Portugal. Retirado a 16 de janeiro de 2019 de

<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/659/5/1.%20Envelhecimento%20e%20velhice.pdf>.

Silva, A. & Fossá, M. (2013). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da técnica para Análise de Dados Qualitativos. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, ANPAD. Retirado a 10 de setembro de 2019 de <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>.

Silva, C. & Correa, M. (2014). Trocas simbólicas entre Gerações: Avós e Netos e a Literatura Infantil. Pensando Famílias, 18 (1), pp.124-137. Retirado a 18 de janeiro de 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a11.pdf>.

Silva, C., Fossatti, A. & Portella, M. (2007). Percepção do Homem Idoso em Relação às Transformações decorrentes do processo do envelhecimento humano. Estud. Interdiscip. Envelhecer., 12, pp.111-126. Retirado a 16 de janeiro de 2019 de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4982/2851>.

Silva, E. & Menezes, E. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação (4ª ed.). Rev. atual. Florianópolis: UFSC. Pp. 0-138. Retirado a 5 de setembro de 2019 de [https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia de pesquisa e elaboracao de teses e dissertacoes 4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20de%20pesquisa%20e%20elaboracao%20de%20teses%20e%20dissertacoes%204ed.pdf).

Silva, K. (2015). A importância da afetividade no processo ensino aprendizagem. Trabalho de conclusão apresentado ao Centro de Educação, Departamento de Educação, da Universidade Estadual, Paraíba, Brasil. Retirado a 10 de novembro de 2018 de <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10449/1/PDF%20-%20Kalienne%20Fernanda%20de%20Oliveira%20Silva.pdf>.

- Silva, L. & Mercês, N. (2018). Estudo de casos múltiplos aplicado na pesquisa de enfermagem: relato de experiência. Revista Brasileira de Enfermagem, 71(3), pp. 1263-1267. Retirado a 19 de março de 2019 de [http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt\\_0034-7167-reben-71-03-1194.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1194.pdf).
- Silva, M. (2006). Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar!: racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice- Um estudo no Norte de Portugal. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade aberta, Lisboa, Portugal. Retirado a 20 de janeiro de 2019 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/788/1/LC173.pdf>.
- Silva, N. (2016). O processo de escolarização de crianças autistas no ensino regular. Um estudo de caso. Projeto de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal. Retirado a 14 de março de 2019 de [http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/9899/1/DM\\_N%C3%BAbiaSilva\\_2016.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/9899/1/DM_N%C3%BAbiaSilva_2016.pdf).
- Silva, R. (2012). Vivências afetivas na Terceira Idade num contexto institucional: II Ciclo de Estudos Em Gerontologia Social aplicada. Relatório apresentado à Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. Retirado a 22 de janeiro de 2019 de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13338/1/TESE%20COMPLETA%20RAQUEL.pdf>.
- Sousa, E. & França, E. (s.d). Percepção do idoso frente ao próprio processo de envelhecimento. Congresso Nacional de Envelhecimento Humano. Retirado a 17 de janeiro de 2019 de [http://www.editorarealize.com.br/revistas/cneh/trabalhos/TRABALHO\\_EV\\_054\\_MD4\\_SA2\\_ID1957\\_10102016234316.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/cneh/trabalhos/TRABALHO_EV_054_MD4_SA2_ID1957_10102016234316.pdf).
- Souza, A. (2016). Educação e Cuidado nas Relações Intergeracionais. Memorialidade, 25 (26), pp.119-139. Retirado a 6 de janeiro de 2019 de

<file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/1419-Texto%20do%20artigo-5361-1-10-20170324.pdf>.

Souza, G. (2011a). A importância da Intersubjetividade: Winnicott e as Ciências Sociais. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, 1 (2), pp.34-50. Retirado a 8 de janeiro de 2019 de <file:///C:/Users/Utilizador/Desktop/Souza%202011a.pdf>.

Souza, J. & Veríssimo, M. (2015). Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, 23 (6), pp.1097-1104. Retirado a 23 de janeiro de 2019 de [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt\\_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf).

Souza, M. (2011b). As Relações entre a Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (2), pp.249-254. Retirado a 16 de novembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n2/a05v27n2.pdf>.

Stamato, C. (2007). Modelo de banheiro domiciliar para idosos: uma abordagem Ergonômica. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil., Cap-3. Retirado a 10 de novembro de 2018 de : <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/acesoConteudo.php?nrseqoco=34532>.

Tarallo, R. (2015). As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(19), pp. 39-55. Retirado a 6 de janeiro de 2019 de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/26592-69566-1-SM.pdf>.

Tavares, C. (2010). Programas Intergeracionais-revisão teórica e construção de proposta de intervenção. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Retirado a 10 de janeiro de 2019 de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2511/1/Programas%20Intergeneracionais.pdf>.

- Teiga, S. (2012). As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas: Envelhecer numa sociedade não Stop—O território multigeracional de Lisboa Oriental. Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa, Portugal. Retirado a 3 de novembro de 2019 de <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2270/1/As%20rela%C3%A7%C3%B5es%20intergeracionais%20e%20as%20sociedades%20envelhecidas.pdf>.
- Turatti, M., Pessolato, A. & Silva, M. (2011). A importância da afetividade na educação da criança: the importance of the affectivity in the child education. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três corações, 9 (2), pp.129-142. Retirado a 13 de novembro de 2018 de <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/DialnetAImportanciaDaAfetividadeNaEducacaoDaCrianca-4003609.pdf>.
- Vieira, S. (2010). Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições. Projeto apresentado ao Departamento de Educação, da Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Retirado a 18 de fevereiro de 2019 de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3703/1/240600.pdf>.
- Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N. & Montero, I. (2015). Elaboração de Programas Intergeracionais: O desenho do perfil comunitário. Educação, Sociedade & Culturas, 44, pp.31-47. Retirado a 3 de janeiro de 2019 de [https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC44\\_VillasBoas.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC44_VillasBoas.pdf).
- Urquiza, M. & Marques, D. (2016). Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. Entretextos, Londrina, 16 (1), pp. 115-144. Retirado a 10 de setembro de 2019 de [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/20988-125882-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/20988-125882-1-PB%20(1).pdf).
- Zanella, A., Filho, K. & Abella, S. (2003). Relações sociais e poder em um contexto grupal. Reflexões a partir de uma atividade específica. Estudos de

Psicologia, 8 (1), pp.85-91. Retirado a 3 de novembro de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17238.pdf>

## APÊNDICES

### 8.1. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS E SEUS GUIÕES

#### 8.1.1. Apêndice 1: Guião da entrevista semiestruturada realizada ao Presidente da Instituição

Enquadramento da entrevista	<p>As entrevistas realizadas pretendem dar resposta ao problema do estudo em questão:</p> <p><b>Serão as Relações intergeracionais-afetivas um caminho para o bem-estar e desenvolvimento de quem delas usufrui?</b></p>
Tópicos a guiar o caminho  (Entrevista dividida em dois momentos: - Caracterização da instituição - Temática do relatório	<ul style="list-style-type: none"><li>• Qual a história da instituição?</li><li>• Quais os objetivos da mesma?</li><li>• Considera benéfico ou uma desvantagem esta instituição estar situada numa zona rural, ou seja, tendo em conta às características da freguesia. Porquê?</li></ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"><li>• Quais as vantagens/desvantagens de encontrarmos num mesmo espaço disparens gerações, principalmente idosos/crianças?</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Considera estas relações intergeracionais uma mais valia para o desenvolvimento do ser humano, principalmente para os idosos e as crianças?</li> </ul>
Entrevistados	Presidente do Lar
Data	5 de junho

### 8.1.2. Apêndice 2: Entrevista semiestruturada realizada ao Presidente da instituição- Senhor Julião

**Lara-** Boa tarde! Bom, antes de mais agradecer por me receber e pela disponibilidade em me ajudar.

**Presidente-** Sempre às ordens! Diz-me lá o que queres saber então.

**L-** Em primeiro eu queria conversar um bocadinho consigo sobre a história da instituição, porque é que ela se criou, idealizou, qual é o objetivo dela, qual é a sua história.

**P-** Ahm!

**L-** Pronto, estão num meio rural e estamos a falar de uma instituição bastante grande e que agora tem vindo a crescer e tem planos para crescer e queria saber um bocado dessa história.

**P-** Ah, sim senhor!

**L-** E tendo em conta que você já anda há muito tempo nestas andanças na parte social e tem conhecimentos.

**P-** Pronto! Isto é assim. Então para começar do princípio, sabes que (nome da freguesia) é uma freguesia que se integra num meio rural, que sofre dos males dessa ruralidade, que sofre dos males dessa interioridade como sofrem a maior parte das aldeias deste país. Não está numa região do litoral, está numa região intermédia, entre o interior profundo e o litoral. E sofre o fenómeno, de há uns anos para cá, da emigração, da emigração e migração por conseguinte. As pessoas foram... houve aqui momentos áureos, quando foi o tempo do volfrâmio, depois (nome da freguesia) chegou a ter uma população de quase 5mil habitantes, neste momento rondará os mil habitantes.

Ora, o que é que acontece, nos tínhamos aqui 5 escolas primárias, hoje temos uma e esteve em risco de fechar. Do ensino básico! E entretanto, nós vimos que no final da segunda guerra mundial houve uma grande saída dos filhos da terra para o brasil, muito imigrante para o brasil. Depois mais tarde veio a guerra colonial e com as guerras coloniais começaram também haver outro tipo de imigração já para a Europa e por conseguinte, logo as pessoas, os jovens iam à tropa, vinham, conheciam outros mundos, deparavam-se com outras realidades e já não se estabilizavam aqui. Chegavam e iam, pois, nessa altura até ir para a tropa, a maior parte deles nem conheciam o Porto, isto estamos a falar nos anos 60 e nos anos 70, para já não falar mais para trás.

**L-** Mas eram vila já?

**P-** Não, nunca fomos vila (restante informação retirada devido ao facto de referir e utilizar termos que demonstrem a localização geográfica da freguesia).

Mas voltando ao fenómeno da emigração! Com as guerras coloniais, que começaram nos anos 62 e por aí para cima...Angola, Moçambique, na Guiné, Cabo Verde e aquelas coisas todas...Era como te digo, os jovens, era curioso, pois a maior parte deles iam para a banda de musica para ir ao Porto nas festas, sair de (nome da freguesia), conhecer terras porque a maior parte deles ... enfim, havia muita caseirada, muitos caseiros. Os filhos dos fidalgos, esses andavam para trás e para a frente, os filhos dos agricultores com mais possibilidades já andavam a estudar, outros tinham os pais no Brasil e as mães aqui e ponham os filhos a estudar e aquela coisa toda. Mas a maior parte dos

caseiros que vinham de fora...que nós sofremos a influencia da entrada de muita gente de fora porque os filhos, digamos, aqui da terra , que eram filhos dessas casas um bocadinho mais abastadas foram estudar....Foram estudar uns para o Porto, outros para Lamego, outros para Coimbra, outros para um lado e para o outro mas nós até nessa altura eramos objeto de alguma (risos) ... de alguma análise mais crítica aqui dos nossos vizinhos (restante informação retirada devido ao facto de referir e utilizar termos que demonstrem a localização geográfica da freguesia). Tínhamos mais jovens a estudar do que propriamente dito ... e pronto! havia uma certa rivalidade que enfim, saudável até, nessas coisas. Porque houve muitos pais que ficavam aqui a trabalhar nas terras e mandavam as mulheres... alugavam as casas no Porto, em Lamego, alugavam casa num lado e noutra, onde os filhos iam estudar e depois, os filhos só vinham aqui nas férias do natal, nas férias da Páscoa, e depois só vinham nas férias do final do ano. Nas férias grandes é que vinham porque aos fins de semana não havia nada para ninguém, toda a gente fica onde estava. E depois muitos deles ainda tinham, alugavam casas do Porto com dois ou três quartos, faziam tudo para ficar num ou dois quartos e ainda alugavam quartos a outros estudantes para ajudar a pagar as rendas da casa. Havia muita ginástica naquela altura!

Mas o que é que acontece? então havia uma guerra, como eu te estava a dizer.

Começaram então a ir muita gente, esses filhos dos caseiros e essas coisas todas... começaram a ir e a conhecer e a ver que havia mais coisas do que (nome da freguesia) e os seus horizontes limitados. Começaram a ver as grandes urbes, as grandes cidades, a ter outras experiências e então dai surge, o interior... aliás não foi só (nome da freguesia), todo o interior do país é que começou a sentir esses fenómenos da imigração que os pôs à procura de novos mundos. É obvio que, foram ficando os velhos, foram ficando os velhos, forma ficando os velhos, foram ficando os velhos ah! De anos para anos! Ora o que é que acontece, nós a partir de certa altura começamos a constatar que os imigrantes vinham, compravam casas no Porto, compravam casas em Lisboa,

instalavam-se em Lisboa, instalavam-se no Porto, instalavam-se em Coimbra... instalavam-se nas zonas litorais e então, vinham buscar os pais já no final da idade, no final da vida para os levar para a beira deles para Lisboa, ou para os meter em Lares no litoral.

Começamos a ver, oh pá! Afinal nós sofremos a emigração dos mais novos e agora estamos a sofrer a emigração dos mais velhos também. Por conseguinte, breve isto (Risos) passa a ser uma aldeia deserta. Como combater isto? Então uma das formas de combater isto foi arranjar aqui alguma sustentabilidade, pelo menos para que as pessoas que fizeram a opção para ter uma vida aqui, viver aqui durante a sua vida, enfim! Fizeram esta opção! Não tivessem a necessidade no final da vida emigrar forçosamente por motivos de saúde, por motivos de não ter cá mais ninguém para tomar conta deles e, por conseguinte, ser emigrantes já no final da sua vida.

Então como suster isso? Pelo menos, vamos tentar aqui arranjar uma forma de eles não irem lá para fora e daí surgiu a ideia de criar... do Lar. Institucionalizar aqui um lar, uma instituição que .... enfim, de qualquer forma os pudesse suster aqui pelos menos para eles morrerem dentro do seu pinhão natal...a...no meio dos seus amigos, do seu habitat natural... a...continuando a usufruir das suas paisagens, das suas coisas, dos seus carinhos da natureza, dos seus carinhos dos seus animais domésticos, dos seus amigos, seus familiares e aquela coisa toda. E foi assim, que surgiu essa ideia.

Mas, entretanto, também como havia o problema da natalidade... não tínhamos crianças, não tínhamos jovens, dissemos “oh pá! Vamos juntar o útil ao agradável e vamos tentar pelo menos estabilizar aqui a população... criar aqui modos e meios para que as pessoas, enfim, sintam alguma atração pela terra e possam aqui também criar o seu agregado familiar e constituir-se aqui”.

E pronto, a ideia veio daí... Começou-se então a pensar... apareceram uns programas PAC's, através da segurança social. Houve muitas dificuldades ao princípio nisto, foi preciso mobilizar muitas vontades para isto, mas lá fomos conseguindo. E depois havia a falta de uma instituição capaz de ser o berço deste projeto e como a Casa do Povo já existia, criado em (retirado o ano pela

possibilidade de localizar a instituição e a freguesia), foi um dos pilares do projeto e na altura, um dos pilares do meio rural através, na altura, das reformas e das pensões que eram dadas através da Casa do Povo que estavam agregadas, na altura, a um sistema da Segurança social. Mas essa instituição estava meia maribunda por fatores vários, então pôs-se, na altura, essa hipótese de a Casa do Povo ser hospedeira deste projeto. Depois, congregando todas essas situações, avançou-se para o projeto via casa do Povo... teve-se de comprar terrenos, tivemos que fazer a parte burocrática toda para começar a constituir os processos para que a obra pudesse avançar.

A partir daí a obra avançou. Em 2009 (Sorrisos) começamos a ter essa movimentação. Ninguém acreditava no projeto! Na altura diziam que era um projeto megalometro.... diziam que eram um projeto extremamente ambicioso, que não tinha viabilidade... Enfim! Foram muitas as diversidades, mas lá fomos, aos bocadinhos, vencendo porque ... o conceito que a maior parte das pessoas têm ainda hoje, a começar até pelo nosso estado, pelos nossos governantes, é que o Lar é um armazém de pessoas, ou seja, um sítio terminal, onde vão lá para morrer. E nós queríamos criar aqui uma outra atitude e uma outra análise. E então criamos um lar com espaços de conforto, com espaços de bem-estar, que para nós ainda ficou muito aquém, mas de qualquer forma, já a combater um bocadinho essa ideia. Porque um lar hoje em dia deve ser visto como um espaço natural para as pessoas em determinado tempo das suas vidas... para os acolher, sentirem-se bem, sentirem-se felizes, sentirem-se de uma forma agradável dentro do lar onde se pode entrar, onde se pode sair. Porque hoje o tipo de sociedade que nós temos e em que vivemos, é muito diferentes de há 30/40/50 anos atrás. O que é que acontece, antigamente considerava-se que os lares... eles até lhe davam outro nome... os asilos... eram para os pobres, indigentes e então, quando se ouvia falar desse nome dizia-se que “não eram para mim, isso é para os pobres!”

Mas acontece que, as mulheres durante muitos anos eram domésticas. Os homens é que trabalhavam, ou seja, angariavam os fundos e as mulheres tratavam das lides domésticas, tratavam dos filhos, dos animais, dos espaços

rurais principalmente. Acontece que, com a emancipação da mulher, a mulher começou a ter o seu espaço...a ...de trabalho, o seu espaço na sociedade...depende...de angariar também para o sustento do agregado familiar. Começou a ter os seus empregos, começou a ir um para cada lado, começou-se a ter mais problemas com os filhos pois como é que vamos ter filhos, se tu vais trabalhar e eu também... e então com esta história toda, como é que se resolveu os problemas dos filhos? Com as creches.

Então começou a aparecer a creche para ter as crianças nelas e para o pai e a mãe poderem na mesma ir trabalhar. Houve uma série de medidas que se foram tomando que vieram ajudar os pais nestas fases. Mas o que é certo, é que hoje os casais têm 1/2 filhos e quanto mais tarde melhor porque é uma chatice. Então onde é que isso vai ter? Vai ter a outro lado, ou seja, vamos acabar nos mais velhos sempre. Ora o que é que acontece se (risos)... eu as vezes brinco com isto, mas no fundo é a verdade... se eu hoje coloco o meu filho na creche e o deixo crescer na creche e acompanho o crescimento dele na creche porque é que amanhã o meu filho não me pode pôr num lar e acompanhar-me num lar que é a creche dos mais velhos? Os Lares passarão a ser a creche dos mais velhos, logo eu não tenho também o direito depois, quando chegar a uma certa idade, de privar os meus filhos da sua própria vida e da vida dos filhos deles... Estás a perceber? .... Então ele tem uma boa maneira de resolver o assunto, que é a creche dos velhos... em vez de ser o Lar dos velhos, é uma creche para os mais velhos e até vai bater naquela história... de velho se volta a menino! Ora, a gente pode voltar na mesma a menino e os lares, efetivamente, podem ser vistos como uma creche, mas uma creche para pessoas mais idosas, onde eu posso entrar, onde eu posso sair, onde eu tenho a minha privacidade, onde eu tenho os meus confortos... onde eu tenho aquela coisa toda...e o meu filho se me vir numa situação dessas se calhar fica feliz... Há uma história que eu conto muitas vezes, a minha mãe deu me uma lição tremenda nessa fase da vida dela, nos últimos anos da vida dela. Ela vivia comigo, o meu pai já tinha falecido, e acontece que, quando me divorciei...oh pá! como é que vai ser isto... nos somos três irmãos... e a minha ex-mulher não

se importava de ficar com ela e ela ficou lá algum tempo, mas a partir de certa altura, já tínhamos o lar, coloquei a questão à minha mãe “olhe, isto não tem pés e cabeça, nem é entendível. Você tem três filhos porque é que haverá de estar a viver com a sua nora. Por conseguinte, ou você vem viver comigo, ou vai com os meus irmãos, ou vai viver para sua casa (pois ela tem casa própria), ou então, se quiser, vai para o lar. E até podemos fazer o seguinte, você vai passar oito dias no lar, se se der lá bem fica lá, se não se der lá bem, a gente resolve o assunto de outra maneira. Mas agora conforme está fica mal, não está bem”. E ela “Tudo bem! Não há problema nenhum”. Então veio para o lar, instalou-se, fazia na mesma a vida normal dela. Ia até ao café depois de almoço... eu ia lá leva-la e lá buscá-la ao final do dia. Passava lá as tardes todas e só vinha ao fim da tarde. Ao terceiro, quarto dia perguntei-lhe “Então? Como é que estamos? Está-se a sentir bem?” e ela “está resolvido” (Sorriso) “Está resolvido porquê? O que é que você resolveu? “Eu vou ficar no Lar” e eu disse, “Mas porquê?”, “Porque é assim: eu no lar pago, mas quero, mando e posso (Risos). Sou senhora de mim própria. E eu não tenho nenhuma necessidade de ir para tua casa, nem de ir para casa dos teus irmãos porque se eu for para lá, é uma velha que vai lá estar e depois vós tinddes de ter a fosse privacidade... vós quereis sair ao fim-de-semana, quereis ir de férias, vós quereis ir para aqui e para acolá e tinddes sempre a velha de volta de vós a chatear o juízo, de maneiras que.... Vós não tendes necessidade nenhuma disso, eu não tenho necessidade de vos estar a privar de nada das vossas vidas e como lá eu estou bem, eles tratam-me bem e quando quiseres que eu vá a tua casa, eu vou, nem que seja lá passar um dia ou dois, mas vou como convidada. E se os teus irmãos quiserem que vá a casa deles, eu vou, mas irei na mesma como convidada. Mas eu quero ficar aqui no Lar, porque aqui quem manda sou eu (gargalhadas)... e não é a velha que só estorva...” E eu fiquei a pensar naquilo...olha que raio de lição que me está aqui a dar...e com 100 anos. E efetivamente é verdade, porque apesar da idade, sempre foi uma pessoa saudável, era autónoma e conseguiu aproveitar o espaço e o conforto que o lar lhe podia dar, mas se fosse uma pessoa doente...como nós temos aqui pessoas que chegam já em estados bastantes

complicados... em que os familiares vêm cá colocá-los já numa fase terminal, em que eles, muitas vezes, não tiram muito partido do conforto e bem-estar que podemos dar. E o ideal é que as pessoas viessem para aqui numa idade ainda sóbria, que fossem capazes de ir passar a tarde ao café, passar o fim de semana ao Porto com o filho, fazer o tal vai-e-vem da vida normal. Não, vir aqui para o armazém... não é isso que queremos. Queríamos, efetivamente, que isto fosse uma casa de repouso, onde pudessem usufruir muito daquilo que lhes podemos dar e essa oferta varia das exigências deles. Conforme temos resposta para a fisioterapia, para os acamados, para aqueles que veem com oxigénios, também gostaríamos, por exemplo, de ter umas bicicletas para aqueles que conseguissem e pudessem ir passear... o aproveitar um pouco o ar puro da nossa terra e ainda fazer algum exercício físico.

Mas pronto, penso que a evolução tem esse caminho e espero, pois, as pessoas ao perceberem que efetivamente não têm necessidade de ser um peso, entre aspas, para os filhos e também os filhos não sentirem que ficam depreciados moralmente e socialmente se puserem o pai na tal creche que eu digo. Pois é tal como eu digo, mesmo estando num Lar as pessoas têm que continuar a ter a sua liberdade, tanto os velhos como em qualquer fase da vida porque todos devem ter a sua autodeterminação, a sua independência, sua liberdade. Mas claro, que tudo isto emerge em muros ainda muito duros de vergar, a começar pelas tutelas que apoiam nisto e aquela coisa toda. Ainda há muita pedra a partir, mas penso que, enfim, com a experiência que nós temos, isto poderá evoluir de uma forma ainda mais positiva, de forma a completar ainda mais o ciclo da sociedade com maior dignidade possível. E é essa a nossa luta diária... o lutar sempre com o intuito que as razões se sobreponham sempre à razão, e se a razão conseguir conquista a outra razão, saímos todos daqui (risos) razoavelmente felizes daqui.

**L-** Mas denota-se uma evolução da instituição ao longos destes anos

**P-** Sim, lá está! Nós, como eu estava a dizer, ao criarmos aqui a sustentabilidade para as nossas crianças mais velhas, também criamos aqui quase 50 postos de trabalho, ou seja, para a fase intermédia... e desses temos

quatro enfermeiros, uma psicóloga, um médico, que é voluntário. E parece que não, 50 jovens, são quase 20/30 famílias que já ficam aqui radicadas. E daí nós também temos a ideia da creche, onde já estão os filhos das nossas funcionárias... e daí nós, quando abrimos isto, demos prioridade às grávidas e toda a gente ficava admirada por aí para baixo ... diziam “eh pá! Vocês não sabem no que se vão meter”, mas, oh pá! a realidade é que devemos dar prioridade às grávidas para que elas percam o medo de avançar nessa fase da vida pois, é a fase mais importante que o ser humano tem. A função reprodutora é o que dá razão à própria razão da vida e por conseguinte nós, ao estarmos a condicionar essas razões todas, o homem passa a ser uma peça que vem aí... tirando razão à vida, tal como dizem os poetas, sem razão seria a vida. Mas essa função está também no nosso horizonte, ou seja, possibilitar que as pessoas possam partir para esses projetos de vida com uma retaguarda que está atenta a essas situações, que as ajudam.

E o ciclo completa-se, temos a creche para os mais pequeninos, temos o posto de trabalho para os jovens/adultos e depois, temos a creche para os mais velhinhos. A completar temos o rancho, com a qual se realiza também muitas dinâmicas, temos o serviço de apoio domiciliário onde estamos a procurar desenvolver um projeto que vise a realização de atividades, mais apoio... porque muitas das vezes, a realidade é que estes idosos que estão em casa, não têm quase contacto com ninguém, estão isolados e ao apostar nesta área, estamos a combater formas de exclusão existentes da nossa sociedade, temos o banco alimentar... sabemos que poderíamos ter mais, como o setor desportivo, lúdico, recreativo ... assim houvesse pessoas e disponibilidade para isso e também pessoas que possam usufruir deles.

Um dos objetivos deste momento, em termos de saúde e de bem-estar, é aumentar a fisioterapia. Chegamos à conclusão de que este espaço já é pequeno e não atende a todas as situações... e daí, nós agora estarmos a avançar num projeto para fazer um ginásio fisiátrico já com outras vertentes, como o fitness, já para os sócios que queiram vir, com massagens e tentar até fazer um protocolo com a AIRS para também, abrir o espaço a pessoas de fora

que precisem destes serviços. E então em última análise, estando atentos aqueles que mais sofrem, criar também um espaço para os cuidados continuados, que, enfim... funcionasse quase como uma clínica porque nós estamos longe de tudo, demora tanto para chegar aos hospitais, aos centros de saúde e aquela coisa toda... Então, criar aqui um espaço pelos menos em que... pronto, quando as pessoas tiverem numa situação realmente muito muito debilitada, possam ter um espaço que os ajudem, apoiem e que lhes dê uma morte com dignidade e com os cuidados a que todos os ser humanos têm direito.

Mas infelizmente, estamos à espera da abertura de programas que visem estes objetivos porque não existem muitos apoios por parte da tutela... Existem muitas verbas para tudo e para mais alguma coisa como festas, romarias, foguetórios, mas em coisas que realmente são importantes para a sociedade, pois estamos a falar da área da saúde, não. Já faz dois anos que estamos à espera de fundos comunitários para aumentar aqui este espaço, nestas vertentes que eu te disse, ginásio e cuidados continuados e o que acontece é que os apoios são zero.

Como se sabe também, a direção é constituída com voluntários... não somos voluntários à força, ninguém nos obriga a estar aqui, nem pomos isso como bandeira. Somos voluntários porque queremos, porque enfim... nos sensibilizamos com determinados tipos de realidades, comungamos com elas e estamos solidários com aqueles que precisam da solidariedade pois, hoje são eles amanhã somos nós, logo não exigimos mais do que respeito, amizade, e solidariedade de toda a envolvência. Se todos ajudarmos, contribuirmos para uma sociedade melhor, viveremos mais felizes e num mundo mais rico.

E que estejam connosco porque a gente também procurará estar com eles.

L- Relativamente à temática do meu projeto, Relações intergeracionais-afetivas, deparamos que neste espaço existe isto mesmo, a primeira fase, a creche, e a última etapa, que é a terceira idade. Acha a relação entre estes pode ser benéfica, ou seja, pode trazer bem-estar e desenvolvimento às crianças e aos idosos? Será que eles podem crescer e aprender uns com os outros?

P- Eu acho que sim! E eu vejo por mim (risos) nós vamos passando as várias etapas da vida e por vezes, elas vão passando e a gente vai as vivendo, com experiências múltiplas, mas eu às vezes ponho-me a olhar para trás (em jeito pensativo) ... eu tenho 69 anos, e olhando para trás e vendo os meus filhos, penso “oh pá! Eu não me lembro dos meus filhos a crescer porque é naquela fase que andamos mais envolvidos nas atividades profissionais e essa coisa toda... e às vezes chegava a casa e era um entra e sai, tal como as pessoas que trabalham hoje em dia. A realidade é que, estando agora aposentado e tendo mais tempo, vejo-me agora com netos e adoro ver o seu crescimento, os seus reboliços, a forma como tudo é uma descoberta e traz à memória de quando fui pai e a vida dos meus filhos. E, por conseguinte, esta afetividade que sentimos quando vemos os mais pequenos é o que sentimos aqui, porque às vezes as crianças da creche podem só vir aqui brincar um pouco e os idosos até nem interagirem muito, mas o que acontece é que, eles indo embora, depois começam na conversa uns com os outros, a recordar o tempo dos seus filhos, aquilo que eles faziam, a forma como iam crescendo e traz aquelas recordações de crianças, de quando foram pais. E estes convívios entre idades trazem estes aspetos... recordações de momentos passados, interações entre idosos e entre idosos e crianças. E os miúdos, aprendem a conviver com outras etapas da vida, a compreenderem aquilo que será os seus futuros e a respeitarem os mais velhos. Mas a gente pensa que não, mas fica-lhes alguma coisa gravada na memória porque, segundo dizem os nossos sábios e os nossos pedagogos, a maior fase da aprendizagem é até aos 3 anos de idade. É a idade em que os seres humanos marcam mais conhecimento. E se esses anos de vida tiverem experiências boas, por conseguinte, serão os alicerces para a frente. Porque o berço é uma fase extraordinária, e se a gente poder melhorar esse berço, com certeza estaremos a dar um enriquecimento muito grande para que ele possa crescer com valores extremamente positivos e não ver a pessoa na terceira idade de forma estereotipada. E desta forma ter para com ele, atitudes de respeito, solidariedade e amizade. Enfim, de admiração, de compreensão ... e no sentido de não olhar para o idoso como um objeto que está ali a mais, mas

como uma pessoa de valores, de experiências e histórias de vida muitas enriquecedoras também para o crescimento delas. Estes momentos acabarão por ser um marco de memórias para os mais pequenos e também para os mais velhos porque, apesar da memória não ser a mesma, e se calhar para alguns o que fizerem hoje amanhã já não se lembram, mas se lhes perguntar sobre memórias passadas de há 30/40 anos vão se lembrar de muita coisa, porque o gravador naquela altura estava mais fresco (risos), os neurónios estavam mais exercitados e gravou com mais força... não há dificuldade em lá ir buscar. E este jogo de memórias, de partilha de experiências só trará vantagens para ambas as partes, uns a reviver o passado outros a aprender sobre o futuro. Nós só temos a aprender uns com os outros... só temos é que criar momentos que propiciem estas aprendizagens.

Mas pronto! É isto! Não sei se tens mais alguma coisa em que possa ajudar-te

**L-** Penso que não! Muito obrigado por este tempinho que disponibilizou. Ajudou imenso! Peço é desculpa de certa forma estar a chatear!

**P-** Ora essa! Com todo o gosto! (Risos) qualquer coisa que precisares ou qualquer dúvida apita!

**8.1.3. Apêndice 3: Guião da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Infância**

<p>Enquadramento da entrevista</p>	<p>As entrevistas realizadas pretendem dar resposta ao problema do estudo em questão:</p> <p><b>Serão as Relações intergeracionais-afetivas um caminho para o bem-estar e desenvolvimento de quem delas usufrui?</b></p>
<p>Tópicos a guiar o caminho</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais as vantagens/desvantagens de encontrarmos num mesmo espaço díspares gerações, principalmente idosos/crianças?</li> <li>2. Considera estas relações intergeracionais uma mais valia para o desenvolvimento e bem-estar das crianças? Em que sentido?</li> <li>3. Costuma haver atividades que promovam a relação entre os idosos e as crianças da creche?</li> <li>4. Normalmente, como se comportam as crianças quando estão em contacto com os idosos?</li> <li>5. Como podemos caracterizar o grupo de crianças que usufruem da creche? (psicológico, social)</li> <li>6. Considera que as características pessoais de cada um também pode influenciar o comportamento das mesmas nestes contactos?</li> </ol>

Entrevistados	Educadora de Infância
Prazo	17 de junho

#### 8.1.4. **Apêndice 4: Entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Infância- Educadora Joana**

**Lara-** O meu tema de mestrado, é as relações intergeracionais-afetivas, ou seja, as relações entre idosos e as crianças aqui da creche. Acha vantajosa ou não vantajosa a existência deste tipo de relações neste mesmo espaço.

**Educadora de Infância-** Não, sem dúvida que é vantajoso, tanto é vantajoso para a parte do idoso como é para a parte da criança. Aquilo que eu noto, a nível da criança, quando eu vou ao espaço do idoso, onde eles estão na sala de interação entre eles, quando as crianças chegam lá, ficam a olhar. Numa fase inicial, isto é, no início do ano, estamos a falar de um processo que estamos no final do ano, ou seja, a dinâmica ou o olhar, como a criança já conhece o idoso, a relação é outra. O que eu noto é que eles ficam mais... como é que eu ei-de explicar... (gaguejar)... mais a ... interagir. Ah, eles não olham para o idoso...vamos falar português... com nojo, porque há pessoas que têm nojo, palavra correta. O nojo! Porque é o idoso. E essa coisa toda. A criança não. A criança é pura. A criança nesta fase de idade, até aos três anos, é pura. Ela toca, ela beija, ela brinca e o idoso quer isso. Quando eu chego lá e eles estão a interagir com o idoso, seja com uma bola, seja com balão, seja a dançar... não digo que sejam todas as crianças, porque algumas, numa fase inicial, chegam ali e ficam envergonhadas. Mas o simples tocar... o idoso Deus me livre (sorriso) o idoso sorri, fala e questiona. Como estamos num lar, numa instituição

pequena, questionam de quem é aquela criança, se é de alguém que trabalha aqui... sorri... que é uma coisa que eu acho, no idoso, linda (pausa). Daquele lado é a reta final e eu estou a levar a fase inicial da vida e sendo a reta final, para eles, é uma mais valia irem lá. Irem lá sorrir, tocar e com a sua inocência. Sei lá... nem eu sei explicar, só mesmo visto. Só mesmo visto. Porque o chegar lá, o dançar... quantas vezes a criança até pega na mão do idoso, eu falo no pegar na mão do idoso, porque o idoso é o toque. Muitas vezes não se toca no idoso, não é?... e também é os idosos recordar quando eram pequenos, o que faziam, as traquinices e, às vezes, reportam-se nestas crianças, porque a mãe falava assim, porque o tio falava assim. E tudo isto em contexto, tipo, natural e a rir. Não estão ali parados. Elas trazem barulho (risos) e é saudável o barulho. Alguns idosos não gostam, também é verdade (risos) mas é bom, é vida.

A parte da criança também começa a conhecer a diferença, porque eu tenho crianças que, até de um ano já, agarram na pele, não falam porque como estamos numa fase de aquisição da linguagem não sabem transmitir o que querem dizer. Mas aquilo que eu noto, através deste toque, é que eles tocam e olham para as mãos deles. Ou seja, eles vêm a diferença, porque está mais enrugado, nem eles sabem explicar como é que tem ali tanta pele. A bengala, eles pegam nas bengalas e usam as bengalas, quem anda de carrinho, muitas vezes eles sentam no colo e alguém vai a puxá-lo e eles vão consoladinhos, é uma alegria. Uma brincadeira! Eles transformam o ambiente numa brincadeira e isso é saudável.

**L.-** Na parte das crianças podemos falar de bem-estar ou até mesmo de desenvolvimento?

**E.I.-** Não só de bem-estar, como também de desenvolvimento, claro. Principalmente desenvolvem a relação, está a ver, a relação de afetividade. Como é que ei-de explicar...(risos)... o aprender a partilhar, aprender a dar a bola, a receber, o toma lá dá cá... (risos)... não sou muito boa nas palavras. Sabe é que são tantos momentos que registo, que às vezes não retenho, só mesmo vendo e sentindo é que percebemos.

**L.-** Nem tudo é transmitido em palavras.

**E.I.-** Sem dúvida!

**L.-** E normalmente há muitas atividades que propiciam estes momentos? Ou são momentos pontuais?

**E.I.-** O ano passado houve mais, este ano não e eu explico porquê. Por causa das bactérias porque, como temos mães funcionárias do Lar, comentam que há por vezes, utentes que estão doentes, gripados, que estão com alguma virose e que não queriam muito que a filha fosse daquele lado. Então vamos evitar esta semana... então evita uma semana, evita duas. Depois, entretanto, apanhamos nós aqui uma virose e não fomos este ano como queríamos. Fomos, fizemos várias atividades, fizemos atividade da pintura, da culinária, da leitura, quando veio aqui a biblioteca, mas aí não houve grande interação com o idoso, houve mais a pessoa a estar a ler a história e eles a observarem. Apesar que queriam ir para a beira do idoso e aquilo que eu noto é que quando as crianças vão lá, querem estar à beira do idoso. Algumas encostam-se lá na mesa e vão aos pouquinhos, mas lá está nem todos somos iguais, nem todas as crianças são iguais. Há umas mais tímidas, há umas mais espontâneas, mais participativas. Pronto! Mas se eu fosse lá mais vezes, essas crianças que não participam tanto iriam participar mais e foi o que eu notei no grupo anterior. No grupo anterior, nesta fase, quando nós íamos lá, aquilo já era como se fosse a casa deles. Tanto é que eu já nem fazia o comboio, ia a trás deles, alguém ia a frente e quando chegavam lá já sabiam como era para ligar o rádio, já sabiam onde estavam as bolas, iam dar um beijinho às pessoas que mais conhecem. E eu noto essa diferença. Esta semana iremos lá e vai ver que, numa fase inicial eles estarão mais parados, quietos porque eu já não vou lá para aí à um mês e tal. Se eu fosse, como eu fazia no ano passado, todas as sextas-feiras religiosamente eu ia lá, tirando uma vez ou outra que não dava, a criança estaria muito mais predisposta, mais à vontade e já sabia o que havia de fazer.

**L.-** Lá está, é a através do contacto e da interação que vamos conhecendo melhor as pessoas.

**E.I.-** Exatamente! E eles vão conhecendo, porque há sempre aqui alguns idosos que passam, aqueles que têm mais mobilidade. Eles sabem que fazem parte da casa, não olham para eles como um estranho. E isso é importante.

**L.-** Como já tinha referido, o comportamento delas varia muito também conforme quem elas são, a sua personalidade, como é que podemos caracterizar este grupo de doze crianças?

**E.I.-** Podemos dividir este grupo, em dois grupos, o grupo de um ano, onde incluo também a Joana<sup>5</sup> porque é um bebé grande já e o grupo de dois anos.

O grupo de um ano é um grupo de berçário, eles cresceram juntos. É um grupo ativo, dinâmico, muitas vezes não gostam de partilhar, são autónomos, já comem, já sentam na mesa. O grupo de dois anos é um grupo mais reservado. Se reparar eles não gostam muito de grandes misturas. Eles juntam-se! E o que eu noto é que, também devido à idade, já têm brincadeiras mais conscientes, umas brincadeiras em que pega num bebé dá-lhe de comer, muda-lhe a fralda... ah... agora tenho que o levar a fazer xixi, ou tem que ir lavar as mãos. Já começam a ter brincadeiras, a fantasiar aos médicos, a fantasiar que o colega é o doente e ele é o médico. Pronto! Mas não é um grupo que considere muito ativo, até é um grupo mais passivo. Temos o líder que é o Rui, que quando se lembra de andar aí a correr, a correr, a correr vai tudo atrás, enquanto se for a Lara isso já não acontece. Mas apesar disso é um grupo calmo, é um grupo que é fácil de trabalhar numa mesa, porque eles sentam, eles pintam, eles arrumam. Eles sabem que no final têm que arrumar. Na minha opinião, já que estamos no final do ano, não digo normal, mas que estão bem. Na tabela que nos permite ver o desenvolvimento estão bem. E isso para mim basta!

**L.-** E individualmente? Como é que podemos caracterizar cada um?

**E.I.-** Quer perceber como é que é cada um enquanto pessoa? Personalidade?

**L.-** Sim.

---

<sup>5</sup> Todos os nomes utilizados durante as entrevistas são fictícios com o intuito de cumprir a proteção de dados.

E.I.- Ok. Bom, então para começar, vamos falar da Catarina, que considero que é uma criança de casa. É uma criança que ainda é muito mimadinha, apesar de ser uma criança muito autónoma, muito participativa, de ajudar nas tarefas, quer estar sempre ajudar. Não é uma criança de muita brincadeira, ela gosta de estar connosco, estar com o adulto, porque em casa a mãe também diz que ela costuma ajudá-la em casa, nas tarefas de casa. Mas a relação com os outros não é fácil. A Catarina se chegar ao contexto dos nossos utentes daquele lado não é muito ativa, não é muito participativa, muitas vezes até fica no colo. Mas ela também tem duas vertentes, de repente até pode começar a brincar, mas temos que lá estar nós, quem ela conhece. A nível de contexto social, não podemos dizer que é uma criança social porque não é. Ok, em contexto brincadeira/crianças muito bem, mas com o adulto tem que conhecer, senão fica no canto dela, ou chora ou faz a birra dela, porque a Catarina faz muitas birras. Muitas birras (risos). Eu considero uma criança que tem atitude de adulto, não é correto dizer assim, mas é uma criança que gosta de limpar o pó, varrer, começa a imitar os papéis dos adultos. Com as crianças, quando ela vê uma criança a chorar, ela olha, mas não vai lá ajudar. Já a Lara não, a Lara quando vê uma criança a chorar, ela olha e muitas vezes vai lá, tenta perceber o que se passa, às vezes até faz um carinho. O contrário da Catarina. Em termos de parceria, ela não brinca muito com os amigos, ela pode ir-se infiltrando, mas acaba por, na maior parte das vezes, vir ter connosco. Ela não é posta de parte pelo grupo de amigos, eu acho que ela própria é que se mete de parte. Começa a brincar com eles, mas depois vem para a nossa beira.

A Lara também é uma criança que faz muitas birras, tal com a Catarina, mas também estamos a falar de filhas únicas que são muito protegidas. A Lara é uma criança que imita o primo em tudo e mais alguma coisa. É uma adoração com o primo, mas estão sempre a brincar os dois. Esta criança quando veio falava muito a mimo, mas deu um salto enorme, ela desabrochou muito a nível da linguagem, até que ela fala a palavra correta e muitas vezes até corrige o primo, não é “CAINA, é CATARINA”.

O Duarte, é a criança mais tímida que eu tenho. Para ele interagir é porque está muito bem-disposto, ou com a amiga Lara ao lado que, em contexto com os idosos, por exemplo, lhe dá mão porque quando ele nota que o idoso vem, ele vira a cara, fecha a cara e muitas vezes até chora. Mas isso acontece mesmo em contexto fora de creche, é uma criança muito reservada. Mas a nível da brincadeira, junta-se muitas vezes à Lara, tem uma adoração por ela, e brincam e brincam.

Já os meus outros do grupo de um ano. Temos o Diogo que é muito ativo, vai para aquele lado, brinca com balões, dá aos idosos, corre... mas não era assim, ele desabrochou muito, porque ele não era assim... ele agora vai para aquele lado, corre, salta, lança a bola, dá o beijinho, a gente tem que dizer “dá aqui um beijinho à Dona X” e dá e brinca. É das crianças que mais brinca, é uma casa cheia. Muitas vezes pega na bengala, até houve um senhor que até resmungou (gargalhadas) e ele a fazer hnhnh, porque ao nível da linguagem ainda está bastante atrasado, mas vamos com calma, ainda temos um ano, ainda tem mais um ano de contexto de creche. Eu sei o que ele quer, através de gestos e de sons, mas ele sabe exatamente o que quer, quando eu não percebo, ele insiste, insiste, insiste, insiste até eu perceber.

**L.-** Não é uma criança de desistir facilmente.

**E.I.-** Não e é assim, quando não gosta não gosta e se tiver que bater bate, e se é meu é meu, acabou. Tem uma personalidade muito forte (gesto de punho cerrado). Em primeiro lugar é uma criança muito ativa, não é ativa no sentido de correr, é chegar aqui e estar ali nos carros e depois passar para ali, coisa que não era nada assim. Era uma criança que ficava ali nos carros, ficava nos carros e acabou. Em termos de parceria, ele não é de brincar muito com as crianças, ele brinca sim, mas gosta muito do carro dele, que ele adora carros e muito do contexto familiar porque gosta de carros, jipes. E ele brinca muito com o Ricardo porque o Ricardo é outra criança que gosta muito de carros, então eles brincam muito. Mas o que acontece aqui é que o Ricardo só vem de tarde e é uns dos problemas que eu tenho, porque ele está muito atrasado na linguagem e o vir só de tarde, acaba por não fazer com que ele tenha noção das rotinas e

não só, para a criança desabrochar. Numa fase inicial, quando ele vinha todos os dias, notei que houve ali um desenvolvimento ao nível das parcerias, das rotinas. Agora o que se observa é que os outros, que sabem por exemplo quando é para ir almoçar ... temos que ir lavar as mãos, fazer o comboio... o Ricardo ainda anda um pouco a nora. Mas de tarde a única criança com quem ele brinca é com o Diogo. A nível de utentes o Ricardo fecha-se por completo, mas lá está, também não pude ver o Ricardo nestas dinâmicas muitas vezes porque ele só vem de tarde e estes momentos acontecem de manhã.

Os gémeos, Mário e Mariana, sem dúvida que a nível da linguagem é extraordinário, ao nível da dinâmica são dinâmicos, ativos, participativos. São crianças que só chegam aqui por volta das 11h e tal da manhã, mas entram e relacionam-se como se estivessem aqui todo o dia. E isto também se deve muito ao contexto social, que os fazem desenvolver muito... puxa muito por eles. É muita gente que brinca com eles, interage e claro, eles acabam por ir aprendendo mais facilmente. Daquele lado (gesto para o espaço do lar) eles brincam cantam, pulam, dançam, mas eles também costumam estar daquele lado muitas vezes fora de creche, ou seja, também já vão conhecendo as pessoas. Eu sei que muitas vezes ao fim-de-semana eles ficam lá na sala (espaço de interação entre idoso) e brincam. Eles também conhecem o espaço e o utente é muito mais fácil a dinâmica.

Continuando! O nosso João era muito tímido, também os pais são muito tímidos, e se reparar ele numa fase inicial até fica envergonhado, mas depois lá vai com os outros. Ele tem que conhecer, mas ainda demora um pouco para se habituar.

A nossa Beatriz está a desabrochar. A Beatriz é muito pequenina ainda, mesmo sendo do ano dos outros, é de outubro, está a desabrochar para a linguagem... está a desabrochar para a vida, é aquilo que eu digo. A mãe também numa fase inicial andava muitas vezes em casa, vinha aqui só de vez em quando e isso também influencia muito. Mas agora não, como vem todos os dias está muito mais participativa; a nível de contexto de mesa, quando estamos a fazer uma atividade, ainda não é fácil ficar sentadinha na cadeira,

levanta e nanana (risos); na manta não fica assim por aí além; na dinâmica com os utentes também não é assim muito fácil... não é fácil, não é muito dinâmica com eles porque fica assim acanhadita, mas quando ouve o rancho, a irmã dela participa no rancho infantil, quando ouve o rancho, fica assim alerta (pausa, com gesto de escutar) e começa a por os dedos do ar (gesto de mãos para cima a bater castanholas) e já começa andar. Para o ano eu tenho completamente a certeza que vai ser completamente diferente, vai correr e vai saltar (sorriso rasgado, acompanhado de gestos como se fosse a correr rápido) mas pronto, vamos ver. É aquilo que eu penso, mas vamos ver. E acho que não me falta... falta. Falta Pedro e Joana.

O Pedro, o nosso Pedrinho é um caso, como eu digo, excêntrico (risos). Ele participa muito, é participativo, ele naquele lado (espaço Lar) ri, dá aquelas gargalhas do nada, do nada que a gente até nem sabe porque é que dá aquelas gargalhas (risos), a gente até se ri com ele. É uma criança que... é uma criança que, não é fácil... é fácil e não é fácil se lidar. Vamos lá ver se me faço entender! É uma criança que é muito picuinhas, ele não brinca, ele pica (gesto com as mãos de picar). O amigo que está a brincar ali, ele vai lá e tira-lhe o brinquedo...ah claro que o outro chora, a gente assiste e chama atenção. Vai a outro, pica ou belisca, ou a criança diz “ó Pedro não!”, muitas vezes os crescidos “Pedro, não”, mas ele vai lá e tau... e insiste, insiste, insiste e ri-se. Gosta de fazer aquilo. Parece que é de maldadezinha, aquela maldade inocente, mas é maldadezinha (risos). Nós temos que intervir muitas vezes com o Pedro, “Pedro não é assim que se faz”, muitas vezes temos que o sentar na manta e pô-lo a pensar... ainda agora que está a começar naquela fase de morder, o que é mau, já aleijou uma criança e bem. Nós temos que o sentar na manta para ele entender que não, não é não, não é sim. Ele brinca muito sozinho, não é fácil vê-lo com o par, com o grupo. Ó Pedro, vê-lo em grupo só um pouquinho, um pouquinho. É outra criança que não gosta de estar na manta, ouvir histórias (gesto de negação) mas acho que faz de propósito porque ele vem para aqui rir-se para este lado, porque eu não insisto, quer ouvir a história quer, se não quer ouvir não quer. A gente vai introduzindo lentamente as coisas, não é? ...

pronto... apesar que quando ele sabe que é para cantar os bons dias vai para a manta, sabe que...tem noção plena das rotinas, mas gosta de as quebrar, é uma criança que gosta de quebrar. Esta fase também é uma fase birras, não é? a gente tem que... como são crianças pequeninas, temos que tentar compreender porque é que ele está a chorar, porque é que está a fazer aquela birra. Temos aqui crianças que nos chegam às 7h da manhã, a gente coloca-os na cama para dormir, mas muitas das vezes não dormem, claro que mais cedo ou mais tarde, eles começam a fazer aquelas birras, birras de sono. Temos que ter o devido cuidado e prestar atenção. Ele é um exemplo e então quando ele está com sono, mais pica, mais é mauzito mesmo, bate e pronto e nós temos que, de certa forma, também compreender um bocado... A Beatriz por exemplo quando tem uma birra de sono, Deus me livre, chora, chora, chora, chora que é uma coisa por de mais. Portanto aí, não há nada a fazer, entretanto estamos na hora da refeição, é comer e cama.

E por último temos a nossa Joana que é uma querida, é uma menina grande. É uma menina pequena grande, é grande porque é grande em estrutura, está a cima do peso. Não dá para ver que é um bebé, mas é uma criança muito ativa com todo o grupo. É uma criança, não tão extremo como o Pedro, mas chega e tira e vai a correr, só para picar. Eu digo para picar, pode haver outro termo, porque ela chega ali tira o brinquedo e fica a olhar para a criança. E depois é assim... a... é uma criança que só quer brincar com aquilo que os outros têm, se estão a brincar com o tabuleiro, ela vai lá, mas já fica sentada, já faz o jogo do encaixa, já por breves instantes fica concentrada na atividade... na manta, numa história por breves momentos claro. A nível de relação exterior, ela corre, chega lá... como já não vamos lá algum tempo, ela vai ficar assim (movimento com a cabeça) a olhar, mas interage com ele. Interage com os utentes, com os utentes porque se forem os auxiliares com a bata branca, ela já fica mais tímida. E mesmo com os idosos inicialmente, ela vai chegar ali e vai ter vergonha. Na última vez que lá fomos, ela ficou no colo e não e não...Ele deitava a cabeça do meu ombro e não queria ver ninguém. Aqui também são extremos. Depois de lá estarmos e dançarmos...e também eu, e como é a nossa função é fazer com

que eles interajam, “ok... vais te ambientar... agora vais para o chão, agora vamos dançar, olha o balão, olha a bola”, para criar a dinâmica, está a entender “agora vamos dar a bola aquele senhor” ... não digo senhor...a, não é utente... a...mas o menino crescido. Oh pá! Não sei se é correto ou não é, são termos que a gente usa. “Olha vamos dar ao menino crescido” (se eu não souber o nome) e ela dá, mas...(pausa) só segurando na minha mão... é gradual. Portanto, às vezes 40 minutos não é o suficiente, infelizmente nós temos que cumprir as rotinas. Era bom eu talvez (em jeito de dúvida) eu nunca experimentei com nenhum dos grupos, estou cá há quatro anos, mas nunca experimentei com nenhum dos grupos... tipo ter uma tarde inteira. Naquela sala uma tarde inteira. Não sei se iria influenciar porque pronto... aquela sala tem utentes que estão em cadeirões, outros sentados, não sei se iria ser bom, também nunca tentei. Mas o que é que se iria notar aqui, numa fase inicial aquela vergonha e mais não sei o quê, depois de uma tarde, eles iriam estar muito mais dinâmicos, a brincar, a chegar as coisas. Até os idosos com eles. E o quê que acontece com os idosos, “olhe que ele vai cair; olhe que ele tem o atacador desamarrado”, ou seja, eles estão sempre a olhar para a criança e a ser cuidadores. “Olha anda cá para te ajeitar a sapatilha”, porque estava assim e eu não reparei. E eu noto essas coisas assim... tão pequeninas e há pessoas que não dão grande importância, mas eu dou (sorriso). Eu dou porque quando eu chego lá com os meus meninos eu dou vida, eu ponho a sala a falar uns com os outros, a rir-se. Criança é alegria! As crianças berram, muitas vezes até choram... Mas fica tudo a rir-se. Depois há sempre a música de fundo para finalizar. Mexem-se. O idoso mexe-se, parece que até ganhou um bocadinho de vida, mas aquele idoso que está completamente dependente, está a ver assim tortinho, quando dá aquele sorriso no lábio e a tentar (expressão associada a fazer força). Só nisso é gratificante. É maravilhoso. Não sei se já estão todos, mas penso que sim.

L- Penso que sim... eu queria saber como é que acha... como é a postura deles depois de lá estarem, como é que eles chegam aqui à creche. Depois de

uma manhã passada naquele lado. Há alguma diferença de comportamento? De postura?

**E.I.-** Há! Há! Há! Depende também das atividades que realizemos daquele lado. Eles chegam muito mais ativos, muito mais eufóricos, vamos dizer assim a palavra correta, mais eufóricos. Eles não falam do que se passou lá, falam, isto depende do horário que chegamos aqui. Depois de lavarem as mãos, regra geral lavamos sempre as mãos quando viemos de lá para cá, porque é quase a hora do almoço e depois sentamos ali (indicação para a manta). E eu tento puxar por eles, mas a única resposta que tenho é que gostaram, gostaram de andar de cadeira de rodas. Mas o que eu noto neles é que eles vêm muito mais ativos, bem-dispostos, regra geral quase todos, está a entender? ... É assim, eu noto uma diferença... (pausa)... talvez porque eles vão sair daqui. Eles ao estar habituadinhos a estar aqui, ao sair daqui, para qualquer lado que vão, eles vêm sempre mais ativos, mais eufóricos. O que eu noto também é que, vêm eufóricos no caminho, lavam as mãos, mas chegam à sala, vêm para o ambiente, contexto deles e brincam. Brincam, mas não brincam com aquela agitação, cada um vai para a sua brincadeira ou até sentam na manta, quando eu solicito, conversamos. Mas, eufóricos na vinda, mas quando chegam aqui, estão calmos. Ou porque também correram, pularam e saltaram e estão mais cansados. Aí encaixa a muda da fralda. Aí o que eu noto é que se eu for muitas vezes, como eu ia o ano passado, não posso falar por este ano, eu sei que chegava a uma parte e eles perguntavam quando iam aquele lado. Está a ver? Tinham a noção que iam lá, estes não. Mas quando eu disser, vamos aos velhinhos, vamos aos meninos crescidos, ficam todos alegres. Esta a ver? A euforia. Também ficam eufóricos porque sabem que vão para lá e adoram, não ficam a não querer ir. Mas também é assim, é o sair daqui, também o sair daqui já não é mau (gargalhadas).

É assim, como é que eu ei-de lhe explicar, Lara. Isto é uma creche, sendo a creche eles estão tão enraizados nestas rotinas porque eles estão aqui desde bebés. Eles sabem que chegam aqui vão lavar as mãos, vão brincar e vão mudar a fralda. Às vezes não dá para ter... tipo a perceção... porque eu devia, todas a

vezes que lá vou, no final de lavar as mãos e sentar na manta, todas as vezes. Mas às vezes não há tempo, ou aproveita-se todo o tempinho para estar naquele lado. Às vezes chego aqui às 11h e tal, é mudar fraldas e almoçar... e não devia ser (rosto mais sério, sorriso fechado). E é mau. Eu considero mau, porque sem dúvida que a rotina é necessária para nós, para eles, para eles sabem que o que é que têm de fazer. Porque se eles saírem da rotina, eles próprios ficam, como é que eu ei-de explicar... à toa, não é à toa, ficam mais agitados... pronto (gaguejar)... como é que ei-de explicar (riso nervoso). Eles ficam à espera, levantam-se, sentam-se... e depois é difícil juntar o grupo todo. É a tal rotina. Ela é precisa, ela é precisa, sem dúvida que ela é precisa, mas muitas vezes nos impedem a nós, adultos, ou neste espaço educativo, de... impede-nos a nós de realizar certas atividades que queríamos, ou observações que queríamos por causa da rotina, porque está na hora do lanche, de mudar a fralda, está na hora de comer... (pausa... entrada de uma auxiliar para apanhar papéis para limpar o nariz a uma criança)... de ... de oh pá! Pronto... porque é rotina e porque eles têm que dormir, se eles não fizerem a sesta, ao final do dia eles ficam completamente agitados. Uma coisa que eu também noto é que quando vamos lá para fora, e eles foram correr, jogar a bola, pular, saltar... eles chegam completamente... ui!

**L-** Cansados?

**E.I.-** Não, não, a mil, a mil, a mil, a mil, nananan. Eu tenho que captar... tenho que o sentar na manta para eles, parar, acalmar e quando acalmar até dormem melhor a sesta (risos). Uma coisa que eu também noto, segunda e terça. Segunda-feira, como eles vêm de casa, eles não vêm com tanto sono e estão com a quebra da rotina... Deus me Livre... ficam mais chorões, não querem fazer isto, não quer fazer aquilo (agitação), batem mais (expressão mais séria), não estão tão concentrados nas atividades. O que eu noto aqui, quarta, quinta e sexta já tenho os meninos. Segunda e a terça orientada na creche, os outros dias é muito mais fácil de lidar com o grupo, até nas atividades. Apesar que este grupo... pronto... é um grupo pequeno. Um grupo pequeno é mais fácil de trabalhar, por mais que esteja aberto 11h. Mesmo que eles cheguem às 7h da

manhã... pronto... eu posso não trabalhar agora, trabalho depois, isto não é uma obrigatoriedade e o que a gente não trabalhar hoje, pode trabalhar amanhã porque apareceu outra atividade e a gente aproveita que seja algo diferente. Por mais que nos digam, e isto é a minha opinião pessoal das avaliações, eu não considero isto uma avaliação, eu não estou aqui para avaliar. Eu estou aqui... a...eu estou aqui para lhes proporcionar um espaço educativo propício às capacidades deles... pronto... é eles ir aprender, aprender o que é a vida, aprender a andar, aprender a sorrir, aprender a comer. Aqui a parte da creche, na minha opinião, nós temos que ir ao pequenino...

**L.-** Coisas que para nós são básicas...

**E.I.-** Sim, coisas que são básicas e às vezes temos que ir ao miudinho. Nestes últimos tempos como estive a preparar a marcha, não tive tanto tempo com eles e isso refletia-se no grupo. Eu muitas vezes, se estou aqui, sentada a brincar com eles, a mudar uma fralda a um boneco, a fazer um jogo, a dar um beijo, a dar um abraço... isso é importante... eles ficam muito mais calmos, ficam muito mais... pronto... como é que ei-de explicar, ficam diferentes. A... eu perco o fio à meada... só para concluir na avaliação. Nós aqui temos um ambiente educativo para eles se desenvolverem bem, com as bases corretas, se é o correto ou não, mas com as bases necessárias que eu lhes possa dar, com todos os brinquedos, atividades, seja cá dentro seja fora. E buscar de fora para dentro também é importante. Muitas vezes como estamos num contexto tão fechado, nas cidades tu podes ir aqui, podes ir acolá, tens acesso a mais... tens acesso, não é informação, mas acesso a outro tipo de atividades, vamos chamar mesmo atividades, que nós aqui não temos. Nós aqui temos outro tipo de coisas, no ano passado eramos para ir à padaria, não para ver como se faz o pão, mas sair do contexto educativo habitual deles e ir a um contexto completamente diferente do deles, para eles tocam na massa; o ir ao centro de hipismo e tocar no cavalo; o apanhar terra, a pedra. A sensação, o olhar, o ver, está a entender? Numa hora, dá para trabalhar imensa coisa. Nós de uma coisa podemos trabalhar várias sensações, basta planear, não é bem planear... às vezes nem precisa planear, muitas vezes estamos aqui e do nada...ah... surge

alguma coisa, e vamos lá fora buscar uma folha, no outono e daí surge o contexto... Eu não trabalho com projeto, posso trabalhar, mas sou eu. “Olha aqui uma folha...aí! O que é que vamos fazer com essa folha? Outono... Aí! mas esta folha é do outono e esta cor?”, amarelo, trabalho as cores; texturas. “Olha que é que vamos fazer com esta folha?...” e eles ficam assim (jeito de admiração) “olha vamos cheirá-la, e agora? O que é que vamos fazer com esta folha, vamos buscar mais? Uma não chega, nós somos mais”, quantidade; vamos ao meio da natureza e trazemos; o pintar e fazer de carimbo. Está a ver isto? De uma folha, numa manhã trabalhou-se vários pontos... E ao nível da avaliação nós não podemos considerar que é uma avaliação, mas sim, nós estamos aqui para ver se eles estão a crescer bem, por isso é que existe também a tabela de desenvolvimento. E é nessa tabela que eu me guio, mas nem todas as crianças são iguais, não é porque o Rui faz que a Catarina também tem que fazer. Cada um também tem a sua fase de desabrochar, de desenvolver. E há crianças que nem desenvolvem nesta fase, eu tenho um Rui que não fala de uma forma correta, tem muitas dificuldades e temos uns gémeos que já estão muito desenvolvidos, mas ainda não é um caso para alarmar. Deve-se é andar atenta. Já houve um salto, um desenvolvimento... o que já é bom... (pausa) ... bem, perdi o fio à meada (risos). Portanto, ao nível da avaliação, é como eu disse, eu burocraticamente... nós temos o perfil de desenvolvimento que nós amostramos aos pais para eles verem que nós também não andamos aqui a olhar para eles. Não é essa a minha função. Até é! Muitas vezes, eu estou aqui a olhar para ver o que eles estão a fazer porque, muitas vezes, temos que deixá-los brincarem por eles... deixar eles baterem sem intervir. Muitas vezes, eles vêm-me pedir ajuda, algumas eu ajudo, mas outras vezes não podemos intervir porque eles têm que aprender. Aprender que se bateu também está sujeito à apanhar, por isso não pode bater; que tem de partilhar pois, se não partilhar, o amigo também não partilha e depois tem que resolver conflitos. Eles têm que começar a ter noção, em especial o grupo de dois anos, a resolver conflitos. Há um conflito na casinha, eles têm que resolver, não é chorar e chamar por mim, a vida não se resolve assim porque quando forem para o outro grupo, pior

ainda. Oh pá! Acho sinceramente que é um grupo que está a desenvolver bem e atenção, eu não trabalho sozinha, tenho mais duas colegas que eu considero uma verdadeira equipa educativa. Está bem que sou eu que proporciona, ou sou eu que planeio, ou sou eu que... mas eu nunca poderia fazer esse trabalho se eu não houvesse uma equipa, uma equipa que eu considero boa porque são pessoas, porque são duas pessoas de trabalho, são duas pessoas que considero que têm consciência... ah... pronto... estamos desde o início e trabalhamos muito bem em conjunto, muitas vezes através do olhar conseguimos comunicar e isso é muito bom. É bom ter ao nosso lado pessoas em quem confiamos, que têm o mesmo objetivo.

E pronto! Penso que é isto! Acho que disse mais ou menos tudo o que queria. São os meus primeiros quatro anos a trabalhar com esta faixa etária e eu digo que são crianças puras (sorriso rasgado). É fácil trabalhar num contexto assim, não é fácil no sentido que se tem de ter uma articulação, uma calma... uma articulação mental para resolver conflitos... há uma rotina e, nós adultos, temos que gerir essa rotina, com a parte burocrática, não é? Às vezes tenho que ir ali, tenho que ir acolá. Ou seja, nós próprios crescidos temos que gerir isto sem prejudicar a criança. Eu gostava de ser, só educadora, estar só com eles o dia todo, mas não dá. Muitas vezes é preciso haver uma preparação da atividade antes, como vê aqui nas paredes, para poder trabalhar com eles certas coisas. Às vezes eles estão a trabalhar comigo, porque eu sento-me aqui a recortar as coisas e eles vêm para a minha beira, e querem ajudar e vamos trabalhando assim aos pouquinhos. E para rematar... é saudável esta interação que falávamos entre idosos e crianças, porque é o início da vida e daquele lado, o fim da vida e muitas vezes, estes momentos ajudam os idosos a perceber que também tiveram uma vida, e é sempre bom recordá-la. Não sei se é correto esta forma de pensar, mas é a minha forma de ver a vida... de ver estas coisas. E eu peço e pequei este ano por não ir lá mais vezes, mas as circunstâncias também não o permitiram. Mas, sem dúvida, que é saudável esta relação. Até há instituições, não sei se é aqui em Portugal, em que eles ficam lá... em que a sala da criança é à beira do idoso.

Pronto! É o que eu digo... é importante, é saudável e é inquestionável referir que há desvantagens porque não há desvantagens nenhuma. Nenhuma, não minha opinião, está a entender? Se o idoso também quiser, porque eu tenho idosos que também não querem, mas o que acontece é que o idoso retira-se. Há idosos que não gostam muito de barulho, de confusão, “aí Deus me livre, aturar agora canalha” (gargalhadas). Mas regra geral o idoso aceita, brinca, fala... sei lá... o simples toque “pele macia”; o cheirinho, aquele cheirinho a bebé. Sem dúvida que é bom!

L.- Bem! Muito Obrigado mesmo! Muito obrigado pelo seu tempo!

E.I.- Não tem que agradecer! (risos, seguido de dois beijos) Não sei se ajudei porque eu fico um pouco nervosa com estas coisas.

L.- Ajudou imenso! Muito obrigado!

E.I.- De nada! Até uma próxima!

### 8.1.5. Apêndice 5: Guião da entrevista semiestruturada realizada à Animadora Sociocultural- Animadora Matilde

Enquadramento da entrevista	<p>As entrevistas realizadas pretendem dar resposta ao problema do estudo em questão:</p> <p><b>Serão as Relações intergeracionais-afetivas um caminho para o bem-estar e desenvolvimento de quem delas usufrui?</b></p>
Tópicos a guiar o caminho	<p>1. Quais as vantagens/desvantagens de encontrarmos num mesmo espaço disparem gerações, principalmente idosos/crianças?</p>

	<p>2. Considera estas relações intergeracionais-afetivas podem se revelar um locomotor para o bem-estar dos idosos? Ou até mesmo um locomotor de desenvolvimento? Em que sentido?</p> <p>3. Como podemos caracterizar os idosos X (amostra)? (Psicológico, social)</p> <p>4. Costuma haver atividades que promovam a relação entre os idosos e as crianças da creche?</p> <p>5. Normalmente, como se comportam/agem os idosos quando estão em contacto com as crianças?</p> <p>6. Considera que as características pessoais de cada idoso também pode influenciar o comportamento?</p>
Entrevistados	Animadora Sociocultural
Prazo	Até 18 de junho

### 8.1.6. Apêndice 6: Entrevista semiestruturada realizada à Animadora Sociocultural

**Lara-** Boa tarde! Antes de começar gostava de agradecer o facto de me ajudar e de dedicar um pouquinho do seu tempo para falarmos um pouco.

**Animadora Sociocultural-** Não tens que agradecer! No que puder eu ajudo, agora vamos lá ver se ajudo mesmo, não é? (risos). Então diz-me lá!

**L.-** Bom! Eu neste momento estou a realizar o meu projeto de mestrado e é relativa a esta instituição. Antes de mais, para não me esquecer, dizer que quer o nome da instituição, quer o nome dos utentes não vai ser revelado. Serão

fictícios... para salvaguardar o nome. Relativamente ao tema do projeto, é relacionada com as relações intergeracionais-afetivas, ou seja, procuro compreender se estas relações entre idosos e crianças são benéficas, se criam bem-estar a ambas as partes, se podemos até mesmo falar de desenvolvimento. E o que gostava de perceber é isso mesmo, é a sua opinião... se acha que é benéfico encontrarmos num mesmo espaço diferentes gerações, se estas relações são vantajosas para os idosos ou até mesmo desvantajosas, se até podem ser um locomotor para o desenvolvimento destes idosos porque apesar desta idade se calhar estamos sempre aprender.

**A.SC.-** Sim! (Pausa) ...Bom, antes de mais, relativamente à tua pergunta sobre encontrarmos no mesmo espaço gerações distintas, se é vantajoso ou não, sem dúvida que a resposta é sim. Eu acho que é vantajoso porquê? porque antigamente o idoso era tido muito em conta nas famílias, qualquer coisa tipo “o avô é que sabe”, “o pai é que sabe”, era tido como o conselheiro por assim dizer. Mas o problema é que cada vez mais as famílias estão a mudar o conceito, cada vez mais o idoso antes de ser o conselheiro é o “chega para lado”, há um afastamento muito grande entre gerações. As gerações não estão ligadas umas às outras e o facto de haver aqui, no mesmo espaço, duas gerações tão diferentes vai contrariar exatamente esse afastamento. Embora não seja uma coisa muito contínua... é uma coisa que devemos batalhar. Haver coisas mais contínuas e não tão pontuais. Precisamos mesmo destas dinâmicas porque parece que o dia corre melhor, o olhar dos idosos é diferente. Este ano foi mais complicado haver estas coisas... houve viroses de um lado e do outro e fomos adiando, adiando e acabamos por não realizar tantas como queríamos. Mas lá está! Precisamos de batalhar nisto!

Voltando ao que estava a falar! Eu acho que isto é muito vantajoso estas relações entre os idosos e as crianças para combater este afastamento de que te falava e que cada vez mais se vê entre os mais velhos e os mais novos. E de certa forma, também combater o estigma negativo que a própria sociedade tem em relação aos mais velhos. Muitas vezes há esse estigma em que se associa o envelhecimento, ou seja, o idoso à doença, à incapacidade e o facto

de as crianças estarem em contacto com eles já vão começando a ver que não é bem assim, que eles não são o monstro que muitas vezes se fala. E não os colocam tão de parte, pelo menos é isso que se tenta, não é? Embora que, isto vem um bocado de casa, aquilo que se ensina aos miúdos também contribui, mas bem, isso é outra história. Não sei se te respondi muito bem (Sorriso envergonhado).

**L.-** Sim Sim! (sorriso). Falou-me que tem havido poucas atividades, costumam ser mais pontuais

**A.SC.-** Bom, sabes que falar destas relações... O vantajoso de haver relações intergeracionais é, eu nem vou tanto para o desenvolvimento motor ou cognitivo dos idosos ou das crianças, é mesmo o convívio, a partilha, a criação de laços... coisas muito importantes, mas que lá está, para haver estes laços, tem que haver atividades de forma contínua, porque quando não estamos muitas vezes com uma pessoa não vamos criar um laço tão forte como a pessoa que estamos mais frequentemente e isso acontece, precisamente, com os idosos e as crianças. Eu acho que deveria de haver um plano de atividades em conjunto, não cada um ter o seu. Vamos sempre tendo atividades, mas são muito poucas, poderíamos fazer muito mais. Mas como eu disse, é algo que temos de trabalhar.

**L.-** E normalmente como é que os idosos se comportam nestes momentos?

**A.SC.-** Olha, o mais bonito de tudo é o sorriso. Ficam mesmo felizes! Normalmente faço atividades com eles diariamente e apesar de rirmos um pouco, acabam por estar um pouco apáticos. E quando vêm as crianças, há barulho, há vida, há um movimento que os faz ficar mais animados e até aqueles que costumam estar a dormir, eles ficam mais motivados e mais felizes e eu noto isso, não só nas caras deles, nos gestos, mas também nas atividades que vêm a seguir. Como eles já estão mais alerta, parece que as atividades correm melhor.

E reflete-se também nas conversas entre eles. Umas das coisas muito más que existe é que, embora tendo aqui muita gente, eles mal falam uns com os outros. É aquele velho ditado “estou rodeado de muita gente, mas estou

sozinho!”. Porque eles não tomam a iniciativa para conversar e quando vem aí a Educadora e sobretudo naquele cantinho (aponta para as utentes D. Joaquina, Dn. Anabela, entre outros) é que se repara muito. Eles comentam logo “olha aquele é filho do não sei quem... como é que ele já está” “Olha que engraçado” e acabam por proporcionar até o diálogo entre os idosos e isso é bom... é bastante vantajoso.

**L.-E...** secalhar agora um pouco mais complicado, mas como é que nós podemos caracterizar a nível psicológico, social, os utentes: Sr. António, Dn. Joaquina, Dn. Felizberta, Sr. João, Sr. Pedro, Dn. Júlia, Dn. Natália, a Dn. Anabela e a Dn. Eva. E como é que influencia nestes momentos... de relação.

**A.SC.-** Olha, esse grupinho que disseste, eu acho que é muito homogéneo sinceramente, são precisamente aqueles que são mais ativos, mais dinâmicos e que no nível mental até se encontram melhor. E embora cada um tenha a sua personalidade, pois ninguém é igual a ninguém, nas atividades eles são muito recetivos. Estão sempre dispostos a participar... claro que pode haver dias maus, tal como nós temos, mas normalmente querem participar. Mas começando pelo Sr. António... o Sr. António é uma pessoa que gosta muito de crianças, mas lá está, ele gosta muito de crianças porque ele também tem uma ligação muito forte com uma criança familiar que ele lida com regularidade e eu acho que isso também ajuda. A relação que ele tem com as crianças da creche é muito pela relação que ele tem com a sobrinha dele. Mas ele é uma pessoa muito recetiva a essas coisas. Está sempre aberto a tudo, não só às atividades com as crianças, mas a tudo. É uma pessoa super bem-disposta. Adora contar anedotas! E ele tem mil e um motivos para andar revoltado porque ele próprio diz, o sonho dele sempre foi ter filhos e não pode, mas é super bem-disposto; a Dn. Joaquina tem dias, é uma pessoa muito extrovertida, mas não sei se esta forma de ser não é para encobrir muita mágoa que anda ali porque ela é uma senhora também muito frágil, com qualquer coisinha também é um vidrinho e vai logo a baixo. Mas com crianças, embora ela não tenha filhos, ela adora crianças e quando eles vêm aí, ela delira.

Pronto! Mas queres saber nas atividades se isso influencia ou não.

L- Sim! Porque as vezes uma pessoa que já é tímida por natureza, secalhar a reação a crianças vai ser também mais distante, com pouca interação.

**A.SC.-** Olha, no geral nenhum destes é tímido. Embora por exemplo, a Dn. Rosa, é uma senhora muito mais tímida e mais introvertida, mas quando vem as crianças ela própria chama-as para a beira dela. É uma senhora que quando eles vêm... aí que lindo, ai que riqueza!... Mas lá está, diariamente é uma pessoa muito introvertida, se tu não fores falar com ela e puxares conversa, ela não fala. Mas quando vem as crianças a postura dela muda e torna-se muito dinâmica.

Mas aqui, quando perguntas sobre se o feitio da pessoa influencia o comportamento, influencia, mas não sei até que ponto porque, às vezes, eles estão mais bem-dispostos, outros dias, estão mais introvertidos, mas de forma geral, quando vêm cá as crianças a postura é muito comum. São todos muito recetivos, sorridentes, muito abertos... neste grupo que pedes para falar... A Dn. Anabela é muito assim, por exemplo. A Dn. Felisberta, la está, é uma pessoa que, secalhar também tem motivos para andar triste, e é uma senhora super extrovertida, qualquer coisa que uma pessoa diz ela ri... aquelas gargalhadas dela. E com as crianças também gosta, apesar que ela não gosta muito de vir para aqui para a sala, é de ficar mais no cantinho dela. Mas quando vêm as crianças... passam no corredor, ela interage logo com elas, mete-se com elas. Na verdade, eu acho que a Dn. Felisberta interage bem com toda a gente. Não é uma pessoa de confusões, está sossegada na vida dela, participa nas atividades, ajuda no for preciso. E mesmo que não goste muito de personalidade de alguém, que é normal pois não podemos gostar de toda a gente... mas é sempre muito respeitadora e educada. O Sr. João é um senhor. Ele tem um orgulho imenso nos netos dele e nos bisnetos e quando vêm aí as crianças, ele associa muito a eles. São mais ou menos das mesmas idades. E ele, apesar de aqui por vezes não participar em muitas atividades, prefere estar no seu sitio, com as crianças aqui ele é super interativo.... É assim, se for atividades que envolvam mesmo interação porque se eles vierem aqui para dançar e isso, eles ficam contentes, notas no sorriso, mas não há contacto. Mas quando é uma

atividade, por exemplo dos balões em que as crianças têm que lançar para os utentes, então ele aí atira, chama... anda cá buscar, anda cá!... dá umas gargalhadas. Interage muito com eles. O Sr. João desce ao mundo das crianças. O Sr. Pedro, não conheço muito dele, está aqui para aí há meio ano. Daquilo que eu vejo, eu acho que ele é muito como o senhor João, uma pessoa muito educada, não critica ninguém, não é problemático. Quando é com as crianças, vê-se o sorriso nele no rosto, mas não é muito de interagir. Apesar que a Joana (Educadora de infância) não vem aqui já algum tempo. Eu lembro-me que, quando as crianças vieram aqui para fazer essa atividade dos balões, foi muito pouco tempo depois da mulher falecer e devias de ver a cara dele, estava mesmo feliz...secalhar porque tem bisnetitos e foi como os estivesse a ver... deve associar à família, porque a família para ele é tudo... eles estão muito presentes. A D. Natália é uma pessoa que gosta muito de falar, gosta de atenção, de participar nas atividades, mas se não a chamarmos para as atividades ela também não vem, ainda hoje fizemos uma atividade e ela logo “ah! pensei que se tivesse esquecido de mim!”, apesar que acho que é uma pessoa que não sabe muito respeitar o espaço do outro, se o outro está a falar, o tom de voz dela sobe... ela gosta de calar o outro. Mas lá esta, connosco ela não é assim, é mesmo entre os utentes. Às vezes eles são um pouco conflituosos, um pouco ciumentos. Mas com as crianças também é de sorriso do rosto. A Dn. Anabela é uma pessoa muito sociável, dá-se com o grupinho dela, é ela e a Dn. Joaquina. Embora falem com toda a gente, são um pouco seletivas. Mas ninguém é obrigada a nada, nós damos-nos com quem achamos que devemos dar e com quem gostamos. Também é daquelas pessoas que se não fizermos as coisas do agrado dela, ela também não gosta muito e às vezes, nem faz mesmo. Com as crianças, sem dúvida nenhuma que são com quem mais deliram, chamam, brincam, começam no “quem é aquele?”, “olha para aquele!”... A Dn. Eva é muito independente, gosta muito de conversar, gosta muito de ser a vedeta, fica muito chateada se não a chamarmos para determinadas coisas... foi nomeadamente quem me ensinou a costurar... já te

tinha dito...É assim, eles são muito diferentes, com feitios e formas de estar diferentes e nós só temos que saber lidar com eles. Adequar-nos a eles!

Podia te dizer que não, mas todos eles reagem aos miúdos muito bem. Mesmo os mais introvertidos reagem bem e tendo determinadas vivencias, pois todos temos experiências e vivencias diferentes, feitios diferentes, mas todos reagem bem com as crianças. É sempre uma casa cheia! Porque eles vêm falam alto, correm, saltam e só por aí é bastante bom. Cria movimento. Sabes que nem todos os dias são bons, há dias que não consigo realizar nenhuma atividade com eles porque eles estão mesmo em baixo, tristes e não estão dispostos a participar. E uma coisa que eu noto é que, quando as crianças vêm aqui para além do sorriso deles ser lindo, depois para realizar uma atividade com eles, ela corre muito melhor. Parece que a energia é outra. Estão com mais vontade. E isso é um bom caminho para o bem-estar, o estarmos felizes no sítio onde estamos a viver, porque neste momento esta é a casa deles.

Bem! Não sei se respondi bem ao que querias! Eu nestas coisas fico muito nervosa e tenho medo de não falar corretamente (risos)

**L-** Mas correu muito bem! E respondeu ao que queria e era como lhe tinha dito, isto era como uma conversa, para saber a sua opinião, de como correm as coisas porque você é quem passa grande parte do tempo com eles, nas atividades e isso. É quem os conhece melhor.

**A.SC.-** Lá foi correndo! (risos). Mas o conhecer é difícil porque nunca conhecemos bem uma pessoa. Sei do dia-a-dia, como elas reagem a certas coisas, como elas falam e como elas se relacionam, mas nada de muito exausto. Mas já está pronto!

**L-** Sim! Muito obrigado por tudo, por me ter ajudado e ter disponibilizado o seu tempo para esta conversa. Ajuda imenso!

**A.SC.-** No que puder ajudar, não me importo. Bem ou mal... pronto. Se precisares de mais informação, podes falar comigo à vontade.

**L-** Muito obrigado, a sério! Até logo!

(dois beijinhos)

**A.SC.-** Até logo!

**8.1.7. Apêndice 7: Guião da entrevista semiestruturada realizada aos idosos da Instituição**

Enquadramento da entrevista	<p>As entrevistas realizadas pretendem dar resposta ao problema do estudo em questão:</p> <p><b>Serão as Relações intergeracionais-afetivas um caminho para o bem-estar e desenvolvimento de quem delas usufrui?</b></p>
Tópicos a guiar o caminho	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Considera o contacto com as pessoas importante?</li><li>2. Costuma estar muitas vezes com as crianças da creche? se sim, como se sente? Se não, porquê?</li><li>3. Considera este contacto com as crianças uma boa fonte de aprendizagem/ Bem-estar?</li><li>4. Acha que deveria haver mais atividades com as crianças?</li><li>5. Qual é a sua opinião sobre as crianças? Fale-me um pouco do comportamento delas quando estão consigo.</li><li>6. Considera o amor e o afeto importantes para o crescimento do indivíduo como pessoa?</li><li>7. Acredita que ainda é possível aprender algumas coisas nesta idade?</li><li>8. O que é que as crianças nos podem ainda ensinar?</li></ol>

	<p>9. Acredita que é possível os mais velhos ensinar, a estas crianças (creche), algo que podem levar para a vida?</p> <p>10. Podemos ajudar o seu desenvolvimento? Em que sentido?</p> <p>11. A experiência de vida pode ser uma boa professora?</p>
Entrevistados	Utentes do Lar
Prazo	Final de Julho

#### 8.1.8. Apêndice 8: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Eva (8 de julho de 2019)

**Lara-** Antes de mais, obrigado por me ajudar neste meu trabalho. E como já lhe tinha falado por alto, o tema do meu trabalho é sobre as relações entre idosos e crianças da creche, ou seja, eu procuro saber qual a sua opinião sobre este tema. Será que estas relações podem ser benéficas para vocês? Se podem ser uma forma de bem-estar ou até mesmo de desenvolvimento, de aprendizagem porque nós estamos sempre aprender.

**Dona Eva-** Sim, sim, exatamente!

**L-** E a primeira pergunta que lhe faço é para tentar perceber qual a sua opinião, se acha que o contacto com as pessoas é importante? Seja mesmo crianças, adultos,...

**D.E.-** É importante claro

**L-** Em que sentido? Acha que estarmos com outras pessoas é bom?

**D.E.-** É importante claro porque, mesmo com idades diferentes, a convivência é essencial, para não nos sentirmos sozinhos. Os nossos familiares e amigos vão começando a morrer e nós acabamos por ficar cada vez mais sozinhos, o que é o meu caso. Quando vim para aqui não tinha ninguém, como sou de Lisboa não conhecia ninguém. E o facto de estar em contacto com as pessoas, de conviver com elas é também uma forma de batalhar isso, não é? É bom.

**L-** E relativamente às crianças da creche? Costuma estar muitas vezes com elas? Quando elas vêm aqui?

**D.E.-** Sim, quando elas vêm aqui, sempre que posso. Gosto muito! As coisas que eles fazem e trazem para este lado é muito positivo.

**L-** E como é que você se sente?

**D.E.-** Para mim é muito positivo, sinto-me bem, sinto-me feliz. Gosto muito de crianças, sempre gostei. Na altura não tive filhos porque não calhou, mas criei um sobrinho com 11 horas de nascer até aos três anos, a mãe nessa altura é que o veio buscar e como era mãe teve que ir. Eu sou madrinha e tia. É filho do meu irmão mais velho.

**L-** E nestas crianças? É isso que revê? Esses tempos?

**D.E.-** Sim, sim, sim! Eu não tive filhos porque a minha mãe dizia “ó filha, não tenhas filhos, dão muito trabalho”. Ela teve três e já estava pelos cabelos, teve dois rapazes e eu. E estava pelos cabelos e então eu (pausa)... também não calhou. Quer dizer ainda ocupei uma vez, mas... (encolher de ombros e o abanar de cabeça).

**L-** E você? Quando está com estas crianças? Como é que se sente?

**D.E.-** Sinto-me bem, sinto-me feliz e com vontade de os agarrar (gesto de abraçar) e assim. Dar mimo!

**L-** E na sua opinião, acha que estas crianças, até aos três anos, podem lhe ensinar alguma coisa?

**D.E.-** Pois podem! Podem ensinar o que eles têm um com os outros, a forma como se dão e brincam. Eles dão-se bem, claro que também têm birras, mas nós idosos também temos.

**L-** Mas acha que elas trazem consigo alguma coisa que possa aprender?

**D.E.-** Sim, sim! Posso aprender a ter paz com eles, e mais coisas.

**L-** Nomeadamente o que? O que será que pode aprender?

**D.E.-** Sei lá, aprender a sentir-me feliz e a fazê-los felizes a eles. O fazer feliz os outros.

**L-** E quando as crianças vêm aqui? Como é que elas se comportam? Achem que são muito tímidas ou normalmente até se relacionam bem convosco?

**D.E.-** É mais ou menos. Não são tímidas a maioria. Uma ou duas é que são assim mais acanhadas, mas de resto são todos muito desenvolvidos. Relacionam-se muito bem.

**L-** Mas costumam vir ter convosco?

**D.E.-** Sim, sim, algumas não, mas grande parte sim. Havia uma menina no ano passado, mas agora já não está cá, que até chorava. Mas olha naquela noite que houve aí, foi aquele teatro com os pais e as crianças foi muito engraçado. Estavam todos muito certinhos e alinhadinhos. Foi muito interessante. Gostei mesmo muito de ver!

**L-** Mas acha que devia haver mais atividades com eles?

**D.E.-** Não, eu acho que têm bastantes. Eles vão para a rua até.

**L-** Mas eu digo convosco. Eles virem aqui.

**D.E.-** Ah connosco! Connosco é pouco, de vez em quando, quando está programado

**L-** É algo pontual. Mas acha que devia ser mais vezes?

**D.E.-** Sim, devia de ser mais vezes. Era engraçado. Cria uma boa disposição principalmente.

**L-** E relativamente ao amor? Ao afeto? Acha que é importante para a vida de uma pessoa?

**D.E.-** Então, não é? É muito importante! Foi aqui que eu encontrei o meu novo amor e já com 78 anos. Tudo é possível! A idade, o amor, o afeto e a companhia é o ideal. Não estar sozinha é muito bom.

**L-** São fatores que nos ajudam a sorrir, não é? a estar bem?

**D.E.-** Sem dúvida!

**L-** Acredita que vocês têm alguma coisa a ensinar aos mais novos? Eles ainda estão no início da vida, ainda não têm muito conhecimento.

**D.E.-** Sim! Claro, claro... tenho que beber água (apanha o copo de água e bebe) ... a minha avó dizia que a velha chorava não era porque morria, era porque quanto mais cá andava, mais aprendia. E principalmente com as crianças a gente aprende.

**L-** Não conhecia esse provérbio.

**D.E.-** Mas é muito antigo. A minha avó dizia, morreu com 83anos.

**L-** E por outro lado? O que é que você acha que os mais velhos podem ensinar aos mais novos? A época é completamente diferente

**D.E.-** Pois, pois, completamente diferente. O meu tempo de criança era diferente, do que é agora a meninice, mas apesar desta diferença, está tudo encaixado. Vamo-nos conhecendo aos poucos, brincando com eles e lá está, aprendendo também sobre esta nova época. Mas eu acho também que as crianças, mais adiantadas que estas, já não querem os conselhos dos velhos.

**L-** E estes de três anos?

**D.E.-** Os de três anos? Esses coitadinhos aturam-nos, mas aprendem a conviver connosco, a respeitar-nos apesar que eles fazem. São muito aplicadinhos. A Educadora é muito boa para os ensinar, para os divertir e para fazer aqueles trabalhos, aquelas palhaçadas e aquelas coisas todas. O trabalho dela é muito especial.

**L-** Quando elas vêm aqui? Acha que o ambiente é outro?

**D.E.-** Sim, é. Pelo menos a maior parte do pessoal ri e brinca. É muito reconfortante para os idosos.

**L-** E ao nível da vida? Será que ela é uma boa professora?

**D.E.-** A vida?... é, claro, a gente está sempre aprender. Mas há fases na nossa vida. Eu tive uma vida muito boa e agora sou viúva, não é? Só tive nove anos com o meu marido, fiquei logo viúva. Até vir para aqui, tinha 26 anos de viúva. E pronto! Já vêm 30 anos, embora tenha um companheiro, continuo a ser viúva. Nunca casamos... mas é assim... a vida continua, ela só anda para a frente, não podemos parar. E que tenhamos sempre vontade aprender.

**L-** Isso é verdade. Muito obrigado, Dona Eva. Desculpe estar a incomodar!

**D.E.-** Não faz mal nenhum!

### **8.1.9. Apêndice 9: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Joaquina (8 de julho de 2019)**

**Lara-** Bom! Tal como lhe tinha dito o tema do meu projeto é as relações entre os mais velhos e as crianças da creche, ou seja, se estas relações podem ser boas... se podem ser boas no sentido de bem-estar, ou se podem ser boas no sentido de desenvolvimento?

**Dona Joaquina-** Certo!

**L-** E a primeira questão que eu lhe tenho para fazer é: acha que o contacto com as pessoas é importante? Em que sentido?

**D.J.-** É!...É porque nos faz bem de toda a maneira, porque se aprende uns com os outros e porque é bom. Porque é jeitoso! Ganha-se amizades e são coisas que levamos para a vida.

**L-** E com as crianças? Costuma estar muitas vezes?

**D.J.-** Quando são atividades em conjunto, sim.

**L-** E como é que se sente? Como é vê-las chegar?

**D.J.-** É bonito, além das crianças serem todas bonitas, a gente gosta de as ver aqui. Eu gosto de as ver aqui.

**L-** E o que é que elas trazem?

**D.J.-** Sei lá! Elas fazem-nos pensar em coisas boas! Trazem-nos recordações boas, acho que vamos pensar que aquelas crianças serão o futuro de um dia. Vê-las crescer é sempre bom!

**L-** O que faz recordar?

**D.J.-** Faz recordar um passado embora fosse diferente. O nosso tempo de criança era diferente do que são agora, mas faz sempre recordar o nosso passado de criança (olhos rasos de água) ... e olhar para eles, a gente pensa que

ali está o futuro do tempo. E são as recordações do nosso passado... e também nos faz lembrar que não chegamos a vê-los adultos...é o ciclo.

**L-** É um caminho.

**D.J.-** É (fala com nostalgia)

**L-** Quando os vê? Acha que aquilo que eles trazem podem ser uma boa forma de aprender? Acha que podemos aprender com eles?

**D.J.-** Não sei se a gente pode aprender aquilo que eles estão a aprender agora, as idades são diferentes e a vontade também. Mas é sempre bom recordar. Mas eu não acho que nesta idade já não é muito fácil aprender.

**L-** E como é que olha para o comportamento delas? Como é que se relacionam?

**D.J.-** Elas estão muito desenvolvidas, muito desenvolvidas em tudo. E dá-nos alegria. Ver as crianças aqui, dá-nos alegria principalmente. E acho que toda a plateia aqui gosta de ver as crianças... sabe, parece que dão mimo a nós. Eles vêm brincar com nós, parece que sentimos o miminho da criança. É muito bonito! Eu gosto!

**L-** E acha que o amor e o afeto, sejam em qualquer circunstância da vida, seja em qualquer relação, são importantes para a gente crescer?

**D.J.-** Costuma-se dizer que nós depois de velhos voltamos a crianças e sinceramente é verdade. É verdade.

**L-** Acha?

**D.J.-** Acho sim, por vezes... não sei. Ou somos nós a dar mimo a eles ou são eles a dar mimo a nós. Essas coisas assim. Por vezes, por vezes sim. Quando as crianças se dirigem a nós, com um brinquedo, com uma bola, com um raminho ou com qualquer coisa, parece que a gente se sente pequenina outra vez. É bom e bonito ver as crianças a crescer... é muito bom (olhos vermelhos com intenção de chorar).

**L-** Na sua opinião, tendo em conta que existem duas fases da moeda porque estas crianças estão a começar a dar os seus primeiros passos, não é? são os puros, os inocentes. E vocês, tendo em conta a história de vida, ao caminho que

percorreram, têm conhecimento e sabedoria bastante grande. Acha que vocês podem ensinar alguma coisa a estas crianças?

**D.J.-** Certo, certo, certo! Quer se dizer. Eu acho que aqui... agora é tudo diferente. Uma pessoa idosa ensinar a estas crianças de agora é um bocadinho difícil...para mim. Mas acho que ainda gostamos de contar uma historinha e assim. Elas são simpáticas. São bonitas. São rosinhas a florir. E se calhar, por vezes, podemos ensinar certas coisas com estes momentos.

**L.-** E ao nível da vida. A vida pode ser uma boa experiência, uma boa professora?

**D.J.-** Acho que sim. Até porque às vezes eu digo e penso que não estou errada. Nós agora, a minha geração, temos muitas historinhas do passado, para contar agora e estas crianças que estão a crescer, quando estiverem assim numa meia idade, eles não têm histórias nenhuma do passado., porque agora o crescer, o aprender é tudo muito diferente que era antigamente. Fecham-se mais porque há os computadores, há as internetes, há tudo e vivem ali, fechados. Quando nós nesta idade, na terceira idade, temos muitas histórias, de quando estávamos com amigos, nas ruas, a brincar. Os avós, aqui mais para trás, que contavam muitas histórias à lareira e eram coisas que nós adorávamos. Eu com cerca de 23 anos, mais ou menos, estive a tomar conta do meu primo, ele tinha mais ou menos, três meses e estive até aos três anos com ele. E ele adorava que lhe contasse histórias, até para comer eu tinha que lhe contar histórias. Ele adorava. Ele que até era pouco agarrado à comida, quando lhe contava uma história ele lá comia. Nesses tempos era tudo à lareira, à noite...

**L.-** Contavam-se lendas antigas

**D.J.-** Sim, rezava-se o terço. Os pais com os filhos e os avós com os netos e depois era a contar historinhas. E eles assim adormeciam. Por isso é que eu digo que as coisas são muito diferentes. As crianças eram criadas no campo porque iam para a escola mais tarde, não havia creches, não havia infantário, ou seja, só iam para a escola a partir dos sete anos. E então até aí as brincadeiras eram todas muito diferentes...era tudo muito diferente (sentimentos

nostálgicos). Tanto as meninas como os meninos enquanto eram mais pequeninhos, não podiam ir para a rua brincar, iam com os pais para os campos. Brincavam na terra, brincavam com qualquer coisa. E criavam-se assim.

**L.-** E criavam-se na mesma, com muitos valores.

**D.J.-** Certo! Eu por exemplo fui para a escola com sete anos, já andava de moletas e tinha que fazer aquele trajeto todo. E até na escola eu acho que o brincar era diferente. Eramos por volta dos quarenta e tal alunos, estamos todos juntos, então a professora dividia o horário de saída conforme as idades, a segunda classe saía mais cedo do que a terceira e quarta. E o brincar era assim, nós meninas era à frente da escola, normalmente, a brincar às bonecas, à macaca, à patela, à roda, essas brincadeirinhas assim. Os meninos, era atrás da escola...era ao pião, ao arco, à bola, era assim. Jogavam muito à pedrinha. Tudo diferente do agora.

**L.-** Havia mais defesas. Se calhar tínhamos crianças mais forte e imunes a doenças.

**D.J.-** Sim, sim, sim. E nesse tempo as crianças brincavam na rua, brincavam em qualquer lado e não havia problemas. Os pais não tinham problemas porque não os havia. As crianças brincavam umas com as outras na rua e agora não podem andar assim na rua, ou fora da escola. Agora é preciso vigilância. Naquele tempo não era nada disso.

**L.-** Os valores das pessoas alteraram-se?

**D.J.-** Sinceramente não sei. Depende muito de pessoa para pessoa, mas também agora dá-se valor a coisas que se calhar, antigamente, não dávamos. Os tempos mudaram muito. Penso eu. Naquele tempo dava-se valor a tudo, a tudo, fosse da própria pessoa, fosse no que fosse. Dava-se mais valor. Agora é tudo mais banal. Passa tudo mais ao lado.

**L.-** Nós hoje em dia temos tudo e mais alguma coisa e se calhar é isso que não nos faz dar valor.

**D.J.-** Sim, porque quando uma criança apanhava um brinquedo diferente, uma bonequinha diferente, um carrinho diferente, eles davam muito valor

àquilo e tinham uma estima diferente. Hoje são capazes de amontoar brinquedos e não ligar nenhuma.

**L.-** É tudo mais à fartazana.

**D.J.-** Certo! Por exemplo, quando eu ia para a escola a minha mãe por vezes nem tinha o que me mandar para eu levar para o lanchinho. Às vezes levava só um bocadinho de pão, outra vezes já era pão e fruta. Sabia pela vida! Lembrome de uma vez que a minha mãe não tinha mais nada para me dar, então mandou-me um bocadinho de pão e cerejas (gargalhadas) e eu no caminho para a escola comi as cerejas todas (gargalhadas)... cheguei à escola só com um bocadinho de pão e foi isso que eu comi. E eu ficava lá o dia todo. Por isso é que se dava valor a qualquer coisa por mais pequenina que fosse.

**L.-** E será que isso é uma das coisas que temos de ensinar a estes miúdos?

**D.J.-** Acho que sim. Aprender a valorizar. Não digo que eram todas assim, mas havia famílias que eram muito ... como é que eu havia de dizer...

**L.-** Tinham muitas dificuldades

**D.J.-** Sim, com muitas dificuldades. Até nas roupinhas. Naquela altura quando uma criança recebia uma roupinha nova, para elas era uma alegria. Agora até andam vestidos de rotos (apontando para as calças que eu usava e caindo à gargalhada)

**L.-** Agora é moda.

**D.J.-** Agora é moda e por isso é que não se dá valor a essas coisas, a fartura é muita. Têm tudo e mais alguma coisa.

**L.-** E a nível das crianças da creche, acha que deviam haver mais atividades?

**D.J.-** Hmm... poderia haver mais sim, mas às vezes que eles vêm aqui já é muito bom. Já é uma alegria. E também não pode ser sempre senão as crianças também se cansam de estar ao pé dos velhos (risos).

**L. (risos)** E vocês também, não é?

**D.J.- (risos)** Não, eu acho que as crianças não cansam as pessoas. As crianças dão alegria.

**L.-** Pronto, Dona Joaquina. É só! Muito obrigado! Desculpe estar a chatear!

**D.J.-** Está tudo bem. Foi bom conversar um bocadinho!

L.- Até uma próxima!

D.J.- Xau! Xau!

### 8.1.10. **Apêndice 10: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Anabela (9 de julho de 2019)**

**Lara-** Dona Anabela, muito obrigado por esta conversa... é uma grande ajuda para o meu trabalho.

**Dona Anabela-** Está bem! Está bem!

**Lara-** Bom, como eu lhe tinha explicado, o tema do meu trabalho é as relações entre os mais velhos e as crianças da creche, ou seja, tentar perceber se estas relações são benéficas para vocês, no sentido de criar bem-estar ou se podem até mesmo criar algum tipo de crescimento, desenvolvimento. Isto, se ainda acreditar que é possível aprender nesta idade.

**D. A.-** Ainda se pode aprender... ainda se pode aprender, é preciso é que as pessoas queiram.

**L-** E acha que o contacto com as pessoas é importante? O ter-mos alguém ao nosso lado?

**D.A-** Acho.

**L-** De que forma? Em que sentido é que acha importante?

**D.A-** O falar, o ter alguém que nos possa ouvir a contar histórias antigas e isso tudo.

**L-** Preenche o coração ter um amigo?

**D.A-** É muito bom... é uma forma de passarmos o tempo também.

**L-** E com as crianças da creche? Quando eles vêm aqui.

**D.A-** Fico feliz. Fazem-me lembrar a minha bisnetinha

**L-** Eles costumam brincar consigo?

**D.A-** Atiram-me a bola e eu para eles. Coitadinhos. Dá sempre para rir um pouco.

**L-** E como é que acha que é o comportamento delas?

**D.A.-** É bom!

**L-** Interagem muito ou nem por isso?

**D.A.-** Vão interagindo muito bem. Algumas são assim mais acanhadas e não se relacionam muito... mas são engraçadas.

**L- A..** Acha que os conceitos de amor, de afeto... porque o meu projeto falar de relações... relações de afeto, de amor, de amizade. Acha que estes dois fatores são importantes para o ser humano? Ajudam a crescer, a ser feliz ou não?

**D.A.-** Eu acho que sim.

**L-** Em que sentido é que acha?

**D.A.-** No amor.

**L-** E o que é amor para si? Deixa-a feliz?

**D.A.-** O amor para mim é bom. É felicidade... olhe não lhe sei explicar. O amor é muito bonito para mim.

**L-** Acha que estes dois fatores a ajudam a ser feliz aqui? Não está em sua casa... esta é uma nova casa... mas a realidade é que quem faz a nossa casa, o nosso lar, são as pessoas que habitam nela. Concorde?

**D.A.-** Não estou mal. Estou bem!

**L-** Você tinha dito antes que era possível aprender nesta idade, o que acha que pode aprender com estas crianças? Estas crianças até aos três anos?

**D.A.-** Amor. Carinho. A sorrir... coisas importantes.

**L-** E dos mais velhos para os mais novos?

**D.A.-** (risos) assim assim.

**L-** Não acha que vocês não têm muitas coisas que podem ensinar a estes miúdos? Eles estão numa fase muito inicial. Naquela fase que o conhecimento é muito pouco. Enquanto vocês, do outro lado da moeda, vocês têm a sabedoria...

**D.A.-** A experiência da vida. É verdade. Também temos a experiência da vida.

**L-** E acha que essa experiência de vida pode ser uma boa lição... uma boa professora para as crianças?

**D.A.-** Eu acho que sim.

**L-** Em que sentido? O que é que eles podem aprender daí?

**D.A.-** Podem aprender muita coisa...muita coisa que eles podem aprender.

**L-** Como o quê?

**D.A.-** A educação, o saber estar com alguém... e outras coisas mais.

**L-** Relativamente à vida... estávamos a falar dela... a vida foi uma boa professora para si?

**D.A.-** Foi.

**L-** O que é que lhe ensinou?

**D.A.-** Ensinou-me muita coisa. Muita coisa.

**L-** Não quer desenvolver?

**D.A.-** Olhe... ensinou-me a ser mulher... ensinou-me amar... ensinou-me a trabalhar... a tudo (sorriso)

**L-** E será que é isso que devemos passar aos mais novos?

**D.A.-** Sim. Sem dúvida. São pequenas palavras, mas imensas... grandes de sentido.

**L-** Pronto, Dona Anabela, acho que é mais ou menos isto. Só para terminar, qual é o principal conceito quando está com as crianças?

**D.A.-** É a alegria. É uma alegria ver as crianças aqui.

**L-** Sente-se bem com elas?

**D.A.-** Muito! Gosto muito de as ver aqui. Também gosto muito de crianças.

**L-** São o reflexo dos seus netos...bisnetos já

**D.A.-** Sem dúvida. Tenho uma bisneta e quatro netas.

**L-** Já é uma família grande.

**D.A.-** Sim.

**L-** Pronto Dona Anabela. Muito obrigado por me ter ajudado.

**D.A.-** Ora essa!

### 8.1.11. **Apêndice 11: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Natália (9 de julho de 2019)**

**Lara-** Dona Natália, antes de mais obrigado por me receber. E apesar de ter uma conversa consigo, em momento algum irei referir o seu nome verdadeiro, nem o da instituição... também para salvaguardar...

**Dona Natália-** Pronto, sem problema!

**L-** É assim não sei se lhe disse, mas o tema do meu trabalho é a relações entre os idosos e as crianças da creche, ou seja, se acha que estas relações podem ser vantajosas para vocês.

**D.N.-** Pois, podem.

**L-** O que é que elas trazem... estas relações?

**D.N.-** Para mim que já estou mais no fim da vida... já não me mexo tão bem, é uma alegria. Sinto-me alegre. Ai é uma alegria. Só quem não os tem... quem não passa por elas é que não sabe que elas trazem muita alegria. Aqui a Dona Albertina não gosta muito, começa logo a dizer o que é que estas estão aqui a fazer... ela também coitadinha (encolher de ombros) ... Eu digo “as crianças estão-nos a dar gosto na nossa vida! E alegria”. Ajudam-nos a dar gosto pela nossa vida. Estão-nos a dar mais força!

**L-** E será que o facto de eles nos darem força ensinam-nos?

**D.N.-** Ai ensina! Ensina porque a gente no nosso tempo, a gente não tinha nada disto. Eramos uns olhos fechados. E as criancinhas estão também muito bem ensinadinhas... muito bem ensinadinhas.

**L-** E como é que acha que é o comportamento delas quando vêm aqui?

**D.N.-** Ai elas portam-se bem.

**L-** Mas costumam vir ter convosco... sentem vergonha... como é que é?

**D.N.-** Vem, vem, vem. Eles não têm vergonha, não, não têm. Ainda num dia destes um menino veio ter comigo... andou aqui no carrinho. Todos muito satisfeitos. Coitadinhos! Ai é uma alegria as criancinhas (sorriso rasgado e mão no peito). As criancinhas é uma alegria para a gente. Se não fosse as criancinhas também a gente estava aqui triste, calados e quando eles vêm aqui

a gente fica logo com outro ar, até parece que o dia corre melhor. Ao menos para mim... eu sinto-me mais aliviada. E que nos ensinam e ensinam muito bem.

**L-** E o que é que vocês, idosos, podem ensinar a estas crianças?

**D.N.-** A gente pode ensinar alguma coisa, mas o nosso tempo não tem nada a ver com o tempo de agora. Mas a gente pode ensinar...Pelo menos ficam com um sorriso para a gente.

**L-** Mas o que é que podem ensinar?

**D.N.-** Podemos ensinar algumas coisas sobre a vida, né? Ensinar a estar mais educadinhos, mais quetinhos. Mas eles são muito educados e respeitadores, nunca nenhum faltou ao respeito. Mas podemos ensinar também. Principalmente a dar-lhes muito mimo.

**L-** E acha que este amor e afeto... o carinho é importante?

**D.N.-** Ai é... ao menos para mim é. Ainda hoje quando falei com o meu filho disse-lhe “ó filho, hoje quase que chorei”, “porquê mãe?”, “vieram aqui tantas criancinhas das escola”, “ó quando a gente ai vai nunca aparece nada”, “pois, não é todos os dias”.

**L-** Ajuda a reconfortar?

**D.N.-** Então não ajuda? Mesmo quando vou ali para fora e vejo a criancinhas a brincar (referência às crianças da creche) ...se não for as criancinhas a gente não tem nada, pois não. Elas são quem nos dão amor e abençoadas sejam quem as traz cá.

**L-** Acha que devia haver mais atividades em conjunto?

**D.N.-** Havia de haver. Havia...

**L-** Quando elas vêm aqui trazem algum tipo de recordações?

**D.N.-** Trazem. Traz recordações de quando a gente criou os nossos porque não tínhamos aquilo que eles têm agora. Dá aquela lembrança de quando a gente queria dar e não podia porque não tinha. Agora é diferente. Naquela altura por exemplo, quando um filho estava doente tínhamos que vir a pé pela serra, que demorava quase três horas, para o virmos trazer ao médico. Era uma fraldita e ia à cabeça. Não era fácil, mas também não deixava de ser menos feliz.

**L-** Acha que é mau hoje em dia termos acesso assim tão fácil a quase tudo?

**D.N.-** Não, desde que seja na justa medida. E também faz bem dar o carinho que eles merecem. Eu para mim, eu acho muito bem eles darem o carinho, principalmente, quando são pequeninos, depois quando crescerem têm que andar por si. Já são adultos.

**L-** E devemos ajudar, não é?

**D.N.-** Claro que devemos ajudar. Eu até já disse à Doutora Matilde (animadora sociocultural) que tinha lá umas mantinhas e que quando lá fosse ia trazer, assim quando vierem têm mais mantas para se sentarem. Tenho lá umas duas ou três para eles. Olhe no ano passado até tivemos aqui uma festa e uma criança veio para o meu colo e olhe que a mãe vinha o buscar e ele não queria ir com ela.

**L-** Não queria ir?

**D.N.-** Não. Soube muito bem.

**L-** E relativamente à vida? À experiência que você tem de vida... à sua história, acha que foi uma boa professora para si?

**D.N.-** Para mim não é que tenha sido uma boa professora, porque ela não foi fácil, mas ensinei tudo o que podia e sabia aos meus filhos. Dei-lhes uma boa educação e hoje em dia tenho dois homens grandes, honestos e muito boas pessoas. Um com 66 e outro com 60, crescemos num sítio pequeno e nunca houve lá uma confusão com ninguém. Eles eram marotos, mas a gente ou dava uma sapatada ou perdoava (gargalhadas). Mas pronto... sabe que sendo nossos filhos a gente acabava por perdoar mais qu'ó que dava... são o nosso amor. Mas sinto-me feliz com o que tenho, sim (sorriso com um brilho nos olhos).

**L-** E é feliz.

**D.N.-** Sim, sim.

**L-Bom,** Dona Natália, muito obrigado. Foi um gosto falar consigo. Obrigado por este bocadinho.

**D.N.-** Ora essa! No que eu puder diga. Já fiz este género de coisas lá em casa com pessoas que andavam na escola. E a gente ajuda sem problema nenhum.

**L-** Muito obrigado, Dona Natália.

**8.1.12. Apêndice 12: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Rosa (10 de julho de 2019)**

**Lara-** Dona Rosa, sempre me ajuda no meu trabalho?

**Dona Rosa-** ó, eu lá sei alguma coisa.

**L-** Mas é só para me dar a sua opinião. Se gosta de crianças, se não gosta, como é que se sente com elas vêm cá e isso.

**D. R.-** Sinto-me muito feliz. Faz-me lembrar os meus cinco filhos. Criei-os sozinha porque o meu marido andava a trabalhar aqui no Porto. Uma irmã do meu marido ainda queria que eles fossem viver com ela, mas os filhos são perto dos pais. Não é em casa dos outros. Não tem assunto nenhum. Mesmo com dificuldades, então não se aparta em casa? Dei o peitinho a todos (demonstrando expressões de chateada).

**L-** Mas quando vêm as crianças da creche vocês lembra-se deles?

**D.R.-**Gosto, gosto muito (postura mais descontraída e sorridente). Começo-me logo a rir. Ainda ontem fiz uma festa.

**L-** Ainda ontem eles vieram à sua beira.

**D.R.-** Pois vieram (risos) coitadinhos dos meus meninos. Quando os meus eram da idade destes eram uma alegria.

**L-** Faziam muitas asneiras?

**D.R.-** Ai esteja calada (risos) o mais velho ficava com o mais novo a brincar com os piões... Ai os meus filhinhos... (olhos rasos de água, a olhar para o chão, fazendo mover a perna de um lado para o outro) ... lembra-me muito deles. Eram pequenitos...era tipo a galinha que ia com os pintos atrás dela.

**L-** Você era tipo mãe galinha?

**D.R.-** Era um bocadinho. Andava sempre com eles atrás de mim. Ainda há pouco tempo uma filha minha discutiu comigo, começamos a discutir... Ela é que começou a berrar comigo... diz que eu nunca lhe dei amor. Mas eu dei o meu máximo... a cabeça não deve andar bem porque senão não dizia as coisas que disse à mãe. Deixa-me um bocado triste. O meu filho diz para não ligar e para perdoar, e é filho... não é? Perdoamos sempre.

**L.-** Sabe que os filhos nem sempre valorizam as pessoas que têm a seu lado... Mas e estas crianças da creche? Acha que deviam vir cá mais vezes?

**D.R.-** Eu acho que sim. Eles são uma alegria. Correm, saltam... brincamos com eles ainda... ainda nos rimos... é uma alegria.

**L.-** E acha que, como ensinou os seus filhos, podemos ajudar estas crianças a crescer? Vocês podem... (A D.R. começou a falar)

**D.R.-** Olhe com dinheiro não... não tenho dinheiro nenhum...tudo contado!

**L.-** Mas acha que para sermos felizes é preciso dinheiro? Isso vai ajudar a crescer?

**D.R.-** Não! Não. O amor. Eu ia dando alguma coisita aos meus netitos, agora não tenho ... e eles também já são grandinhos já não precisam... eles ficam a olhar para mim... mas o mimo, uma conversa é das melhores coisas. Eu digolhes “olha, a avó agora não tem” e eles “ó avo, tenha mas é saúde!”

**L.-** E acha que os seus netos e estas crianças da creche lhe podem ensinar alguma coisa ainda? Ou não?

**D.R.-** Se eu morrer eles não ensinam, mas se eu não morrer pode ser que ainda ensinam.

**L.-** Mas eles podem ensinar coisas novas?

**D.R.-** Oh eles ainda são pequeninos. Tenho pena deles. Gosto mesmo deles (junta as duas mãos e leva-as ao peito). Ainda ontem quando chegaram aqui fiquei logo alegre, parece que o meu coração ficou logo alegre. Logo melhor. Eu ainda não os conheço, estou aqui a pouco tempo. Para aí à um ano. Ainda ontem me meti com um e ele (risos) lá veio... foi muito engraçado!

**L.-** E como é que ele reagiu? Interagiu consigo?

**D.R.-** Ele lá veio, mas coitadinho (risos). Sentou-se aqui (gesto para o andarilho), ainda me ri.

**L.-** Eles são uma casa cheia. Pelo menos fazem barulho... e você não se importa do barulho e da confusão?

**D.R.-** Eu não. Eles por mim podem fazer o que quiser. Não me chateia. Por mim podiam vir quando quisessem. Então, com os meus era uma alegria. Ainda no outro dia liguei a um neto meu e perguntei-lhe “ó, Fábio quando vens ver a

avó?” “Ei de ir, ei de ir”. Coitadinho também está na Suíça. O outro vem agora nas férias, casou aqui perto. Mas eu disse-lhe “eu não posso andar” “ó mãe, não se preocupe que vai na mesma” (risos). Não tenho que dizer deles...coitadinhos (olhos rasos de água). São muito preocupados comigo, ligam-me a perguntar como é que eu estou, quando vêm ligam-me “ó mãe, estão a chegar as férias”. São muito meus amigos... (olhando para o chão, com um olhar nostálgico) ... coitadinhos. Lembro-me muito deles!

L.- E estas crianças trazem essas recordações?

D.R.- Lembro-me muito dos meus filhos quando eles eram pequenitos. Às vezes o mais velho tinha que tomar conta da mais nova e lá tomava... coitadito. Não me posso queixar desses tempos e de agora também não. São muito meus amigos. E quando estas crianças vêm lembro-me ainda mais disso. Mas o meu coração fica muito alegre. O dia passa melhor.

L.- Eles são uma alegria.

D.R.- É verdade! Ainda dá para rir.

L.- Bom, Dona Rosa, muito obrigado por este momentinho. Foi muito agradável.

D.R.- De nada.

L.- Até uma próxima!

D.R.- Corra tudo muito bem para si. Que tenha muita saúde e sorte.

L.- Muito obrigado!

### **8.1.13. Apêndice 13: Entrevista semiestruturada realizada à Dona Felisberta (10 de julho de 2019)**

Lara- Antes de mais, muito obrigado por se disponibilizar em falar comigo e em me ajudar. Bom, tal como lhe tinha dito antes, eu procuro nesta conversa perceber se as relações entre idosos e as crianças da creche podem ser benéficas ou desvantajosas para vocês. Ou seja, se trazem bem-estar para

vocês, se pode ocorrer até algum tipo de crescimento e aprendizagem nova. E a primeira pergunta que lhe quero fazer é, se acha o contacto com as outras pessoas importante.

**Dona Felisberta-** Aí acho, acho. Acho muito importante.

**L.-** Ajuda-a em que?

**D.F.-** Ajuda a passar o tempo, a sentir-me melhor, para não estar isolada.

**L.-** E quando vêm aqui as crianças da creche, já reparei, nas vezes que estive cá, que você não costuma ir para aquele lado (apontando para a sala onde se costumam realizar as atividades em conjunto).

**D.F.-** Às vezes vou, mas nem sempre. Eu gosto muito de estar aqui, sossegadinha e daquele lado é muito barulho. Eu gosto muito de crianças, gosto muito de as ver, mas fazem muito barulho.

**L.-** Já reparei que às vezes elas até vêm a este lado ter convosco e você interage com elas.

**D.F.-** Sim! Sim! Eu gosto de brincar com elas, conversar com elas... assim na brincadeira. Mas ir para o meio da confusão não vou muitas vezes.

**L.-** E como é que acha que é o comportamento delas quando está convosco? Acha que se relacionam ou mantêm-se afastados?

**D.F.-** Não! Não! Elas relacionam-se muito bem. Nem todas, há uma ou outra que é mais envergonhadita.

**L.-** E como é que se sente quando está com elas?

**D.F.-** Ai não sei (risos)

**L.-** Sente-se feliz, sente-se triste...

**D.F.-** Não, sinto-me feliz. Traz um alívio. Porque o dia é diferente, tem mais vida. Elas brincam connosco, metem-se connosco. É bom.

**L.-** E acha que eles trazem sentimentos de amor e afeto? Estes sentimentos são bons para o ser humano, para si?

**D.F.-** Os afetos são sempre bons para o ser humano, penso eu. Toda a gente gosta de se sentir amada e amar. Um bocadinho de carinho sabe sempre bem.

**L.-** E o facto de não estar na sua própria casa, receber este carinho ajuda?

**D.F.-** Claro que ajuda e muito. Porque a gente convive com elas quando vêm aqui, conversa com elas. É bom! Faz-nos sentir bem porque são as pessoas que fazem a nossa casa e se nos sentirmos felizes, senti-mos bem nesse sitio.

**L.-** E acha que, tendo em conta a sabedoria dos idosos, é possível aprender na sua idade?

**D.F. –** (risos) Não, acho que não. Para quê? A gente já aprendeu tudo. Às vezes ensinam... às vezes basta olharmos para elas a fazer alguma coisa diferente e aprendemos, mas é muito difícil. São muito pequeninas ainda, mas sabe bem, sabe bem receber aquele sorriso.

**L.-** E do outro lado da moeda? Porque estamos a falar de crianças ainda muito tenras, com pouco conhecimento, o que é que vocês lhes podem ensinar?

**D.F.-** Não sei (risos), não sei (risos)

**L.-** Não há nada que lhes possam ensinar?

**D.F.-** Certamente que há, se não for mais, aprender a conviver connosco, a respeitar. Pequenas coisinhas, mas que são muito importantes.

**L.-** E relativamente à vida? À experiência de vida, ela pode ser uma boa professora? Pode ensinar-nos muito?

**D.F.-** Sim, sim! Sem dúvida! Ensina-nos a viver, a sobreviver. As coisas que foram acontecendo na vida, deram sempre para retirar alguma coisa. Aprender alguma coisa. São das situações reais que mais aprendemos.

**L.-** E estas crianças quando vêm aqui, trazem consigo o quê?

**D.F.-** Não sei...(pausa)... a boa disposição delas, aquele sorriso. É uma alegria!

**L.-** Trazem recordações?

**D.F.-** (sorrindo olhando para o espelho que estava em frente).Traz (risos)... traz memórias de quando tomava conta dos meus sobrinhos. Não tive filhos, eles foram e são como uns filhos para mim. Lembra-me deles pequeninos (gesto com mão de pequenino), de os ver crescer. Das brincadeiras que eles faziam. Eram tempos bons! Passa tudo muito rápido.

**L.-** E estas crianças lembram esses tempos?

**D.F.-** sim, sem dúvida. Mas é bom tê-las aqui, a brincar...Traz barulho, mas ainda dá para rir um pouco.

**L.-** É verdade. Bom, Dona Felisberta! Muito obrigado pela conversa. Foi um prazer!

**D.F.-** De nada! Corra tudo bem!

**L.-** Muito obrigado!

#### **8.1.14. Apêndice 14: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor António (11 de julho de 2019)**

**Lara-** Como eu lhe tinha dito, o tema do meu projeto de mestrado é as relações entre os mais velhos e os mais novos, ou seja, as relações entre os idosos e as crianças da creche. Eu ando a tentar perceber se estas relações, com base no amor, na afetividade, podem trazer bem-estar para você.

**Senhor António-** As crianças?

**L.-** Sim, as crianças da creche. Ou seja, perceber qual é a sua opinião sobre isto, sobre a importância destas relações para o bem-estar, ou mesmo se pode acontecer algum tipo de crescimento.

**S.A.-** As crianças é tudo para gente. É como um jardim cheio de flores. Eu gosto muito, muito, muito de crianças. Gosto do brincar, gosto dos gestos, dos sorrisos. As crianças são como um jardim com flores, cheios de cor. São a coisa mais linda que nós temos. E são as mulheres e os homens de amanhã porque nós não somos eternos. Nós vamos embora e fica cá elas. É o nosso futuro. Como é que eu ei-de de dizer... não há coisa melhor que as crianças, elas são uma casa cheia. Sem crianças a vida não tem cor.

**L.-** Qual é o sentimento que eles trazem?

**S.A.-** Traz alegria. Fico todo contente de ver aquelas criancinhas, se pudesse... caramba... apertava para a gente (tentando mover as mãos). É um amor.

**L.-** E como é que acha que são os comportamentos delas quando elas estão aqui? Acha que interage muito convosco ou não?

**S.A.-** Até interage muito convosco sinceramente, são novinhos é normal às vezes a vergonha, mas até interagem muito bem... Já a tentar interagir com a gente... Ainda hoje de manhã aquele pequenino que veio me dar uma mãozada, outro que queria mexer na minha cadeira. Ele até podia mexer, que eu metia para ela não andar e até podia buzinar (gargalhadas). Eu adoro, gosto que eles andem à volta da gente. Como é que eu ei-de dizer (gaguejar)... é uma alegria. Eu pronto... como é que eu ei-de dizer, a minha maior alegria era poder ter casado e ter filhos, ao menos um filhinho ou dois, adorava. Não pude por causa de um problema de saúde, de uma coisa e outra, mas tenho uns sobrinhos que são como uns meus filhos. Tenho os meus sobrinhos que são como os meus filhos. Tenho a minha pequenina que se senta aqui na frente e lá vamos nós. Quando me vê, vem logo aqui para o pé de mim, e é uma alegria quando se senta aqui ao pé de mim.

**L.-** Afasta as tristezas todas.

**S.A.-** Afasta as tristezas todas. Trazem alegria para a gente. A gente queria-os ter sempre aqui, acarinha-los, dá-lhes tudo que a gente pudesse.

**L.-** Acha que ao nível de atividade com a creche, devia haver mais? Eles deviam vir cá mais vezes?

**S.A.-** Eu gostava, nem que fosse dia sim dia não. Qualquer coisa assim. Alegria o povo! Ó teve aqui um irmão meu hoje, mas enquanto aqui estiveram, eu estive com as crianças, só quando elas foram embora é que fui ter com eles. Eu vim logo a traz deles... as crianças para mim é uma riqueza.

**L.-** E os sorrisos fazem sorrisos...

**S.A.-** Lá está, é como eu digo. As crianças é como um jardim cheio de flores. É a coisa mais bonita que temos. É o ser do nosso viver. A gente sorri. Às vezes até podemos estar com vontade de chorar, mas se elas sorrirem para a gente, nós automaticamente vamos sorrir também. Eu não sei se estou a falar bem, mas para mim, as crianças são a melhor coisa do mundo, é a minha opinião. É

como eu digo e torno a dizer, e repito sempre, é como um jardim com flores. É uma coisa linda. Um jardim com flores é bonito.

**L.-** E precisa de ser regado?

**S.A.-** Exatamente! Exatamente! Para crescer precisa ser regado... A gente encanta-se com elas. Enquanto elas estivessem com a gente, a gente ficava ali a olhar para aquela coisinha.

**L.-** E o que é que acha que os mais velhos, vocês, têm a ensinar a estas crianças? Vocês que têm a outra fase da moeda, da sabedoria.

**S.A.-** Olhe ensinar-lhes tudo de bom. Nós que o poderemos devemos-lhes ensinar tudo de bom. Ensinar-lhes a comportar-se com as pessoas idosas, a ensinar a respeitar as pessoas porque para sermos respeitados, temos que saber respeitar. Portanto, conviver com elas, ensinar-lhes o bom e o melhor para elas. Para mim é ensinar o bom... ensinar o que a gente passou porque eu também já ensinei aos meus o que passei e eles até diziam “é mentira!”, porque não tem nada a ver. A nossa infância foi dura. Nunca passei fome, a minha casa foi sempre farta, éramos 4 irmãos. A minha mãe fabricava o pão muito bem e depois tínhamos um forno em que o pão ficava louro, ponha aquelas côdeas tão lourinhas. Há marés que estou na minha cama e até estou a sonhar que estou a comer pão daquele. Até parece que vem o gosto. A gente a comer, a comer e não mata o desejo. Matávamos porco para aí duas vezes por ano, o arroz era feito daquelas panelas de três pernas, mas era só ao domingo. O arroz com um bocadinho de carne...

**L.-** Só para dar um saborzinho.

**S.A.-** Só para dar um saborzinho e porque era domingo. Tirando isso, era os milharos. Era o prato dos pobres. Esse já era dia sim, dia não. Ou couves com feijões, com um bocadinho de carne. Antes não gostava disso, agora quem me dera apanhar. Eu era muito esquivo, agora já como de tudo. Mas naquele tempo, nem um pedacinho de gordura podia ver. E a minha mãe coitadinha... (pausa)... (com os olhos rasos de água)... a minha mãe guardava as chouriças, Até colocava para mim pedaços maiores porque eu não me alimentava como os outros. Aquelas costelas de porco, também comia mais, como não tinha

gordura e os meus irmãos comiam o resto. O meu irmão mais novo dizia “é, ele come a carniinha boa, as chouriças, nós a dura, a gorda”, mas ele comia a bem. Eu é que não a podia a ver... Mas fome nunca passei. Nunca passamos fome, graças a Deus! Eu passei mal porque era pestanejem-to. Hoje o que vir à rede é peixe.

**L.-** E acha que é isso que nós temos que ensinar a estas crianças também?

**S.A.-** Exatamente! Nós temos que ensinar a comer bom e fraco! De tudo! E saber o bem e o mal de tudo. Nem sempre calha bem, nem sempre calha mal. É tudo uma aprendizagem.

**L.-** E pelo outro lado? As crianças da creche o que é que eles vos têm a ensinar?

**S.A.-** Elas ensinam e eu vou-lhe dizer sinceramente como nós estar aqui hoje. Eu tenho a minha Joana (sobrinha), quando ela tinha quatro anos. Olhe é a idade da filha dela agora, é linda com a mãe, faz-me tanto lembrá-la, mas prontos... então a minha sobrinha andava a comer um pacote de batata frita e depois, nós pedimos uma batata frita e ela foi cartuchito, tirou a batata e deu a minha mãe. E a minha mãe fez o gesto de Corpo de Cristo, a minha mãe como para aí 70 e tal anos e uma criança com quatro aninhos e esta pequenita deu uma lição de vida à minha mãe. Ela foi assim... a minha mãe esticou a língua e disse “Corpo de Cristo” e ela saiu-se logo (abanando a cabeça) “estás a brincar com coisas sérias”. Olhe uma criança com quatro aninhos que sabia que aquilo ela uma coisa séria. Diz a minha mãe assim, “é verdade minha menina, é verdade. Tu é que nos ensinas!”.

**L.-** E acha que estas crianças aqui, até aos três anos, podem-lhe ensinar também alguma coisa?

**S.A.-** Pronto... a gente brinca, conversa com eles, mas eles coitadinhos não conhece a gente ficam mais estranhitos. Mas é bom eles virem, conviver com a gente, passar um bocadinho do dia.

**L.-** E a vida? Acha que é uma boa professora?

**S.A.-** Aí eu acho que sim, eu acho que sim. Não pode ser melhor. Nós aprendemos com a vida, com o nosso dia-a-dia e o que de melhor a gente sabe, deve ensinar para eles.

**L.-** E para terminarmos, acha que o amor e o afeto são importantes para o ser humano? Para nós? Para si?

**S.A.-** Então, não é? Então não é importante?

**L.-** Em que sentido?

**S.A.-** No sentido de sentir amor na pessoa. Sentir amor é ter o coração cheio. E é isso que levamos para a vida! São as pessoas que levamos no coração... E as crianças são isso, são o amor. E são uma alegria (sorriso rasgado). Elas ajudam a afastar pensamentos negativos. E isso é bom.

**L.-** É verdade. Bom, Senhor António! Muito obrigado por esta conversa. Foi um prazer conhecê-lo.

**S.A.-** Não sei se ajudei, mas se precisar de mais alguma coisa, é só dizer.

**L.-** Muito obrigado! (aceno em jeito de agradecimento). Até uma próxima!

**S.A.-** Até uma próxima!

#### **8.1.15. Apêndice 15: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor João (11 de julho de 2019)**

**Lara-** Bom, o tema do meu trabalho é para tentar perceber qual é a sua opinião sobre as relações entre você e as crianças da creche... como é que se sente quando elas veem aqui?

**Senhor João-** Sinto-me muito feliz de os ver cá todos alegres, sorridentes. Para mim é uma alegria ver que as crianças vivem alegres, que as funcionárias também são muito cuidadosas com eles e assim. Para mim é um gosto ver estes momentos aqui. Tanto da creche como os da escola primária.

**L-** E o que é elas o fazem lembrar? Estas crianças da creche trazem algumas recordações?

**S. J.-** Fazem-me lembrar os meus quando os estavam juntos a brincar. Eram traquinas, mas muito bonzitos. Também alegres e a brincar uns com os outros. Às vezes irritavam-se uns com os outros, mas depois iam abraçar-se. Era uma alegria. Uma casa cheia!

**L-** E estas crianças da creche aqui também são uma casa cheia? Como é que é o comportamento delas? costumam vir ter convosco, têm vergonha?

**S.J.-** Não muito, até tem aí um que até me veio dar um passou bem e eu abracei-o. Ele estava todo contente e eu também fiquei todo contente por ele me vir dar um passou bem e a uma pessoa idosa podia não querer. Mas fiquei mesmo muito alegre.

**L.-** Você acha que podemos aprender com eles alguma coisa nova? Acha que você pode aprender alguma coisa com eles?

**S.J.-** ( a gaguejar) pois.

**L.-** Ou acha que já não podemos aprender nesta idade?

**S.J.-** Eu acho que nesta idade já não posso aprender nada... já não aprendo, não e tenho pena de não aprender porque estas crianças são os homens de amanhã e as mulheres de amanhã por isso a gente deve ter um carinho muito grande por eles. E é o que acontece comigo, eu tenho um carinho muito grande por eles.

**L-** As atividades que vi você até chama por eles e isso.

**S.J.-** É... gosto de chamá-los e brincar com eles. Alguns assim mais envergonhaditos, outros são mais coisa e vêm logo ter com a gente, cumprimentar e assim.

**L-** E você acha que pode ensinar alguma coisa a estas crianças?

**S.J.-** Podemos ensinar que eles estão a crescer para a vida... para a vida deles de quando forem adultos e essa fase não é fácil. Ensinar a tomar as suas próprias decisões

**L-** E relativamente à vida, você acha que ele foi uma boa professora? ...A sua vida acha que ensinou muito?

**S.J.-** A minha vida (a gaguejar) ...eu acho que a maior inteligência que tive foi por os meus filhos todos a estudar, de resto eu praticamente sou um

analfabeto. Mas como ainda tinha algumas possibilidades e também com muito esforço consegui que eles estudassem. E agora sinto-me muito feliz por ter feito isso. E o que eu acho que foi o melhor foi a família que construí, fui realmente feliz. Não tinha muitas habilitações para fazer o que fiz, mas com ajuda, com amigos, lá consegui. Eles são muitos e eu não queria diferencia-los, e se eu forma-se um, queria formar todos. E tive que lutar... Eu e a minha falecida mulher (olhos rasos de água e um sorriso nostálgico). Também foi uma grande mulher. Foi ... (pausa)

L- Foi o grande amor da sua vida.

S.J. - Pois credo. Pois foi. Foi. Deu-me oito filhos, apesar que teve nove, o primeiro nasceu morta, perfeitinha, com o tempo certinho, mas nasceu morta. Bonitinha, mas morta infelizmente. Foram nove partos. Oito vivos e uma que nasceu morta, seria a mais velha. foi assim....

L- Foi uma vida cheia.

S.J.- Graças a Deus! Agora estou feliz. É a minha riqueza. Toda a minha vida foi boa, e a minha maior riqueza é a minha mulher e os meus filhos, mais nada.

L.- E estas crianças trazem ainda mais alegrias.

S.J.- Sim, sem dúvida. É um orgulho vê-los a crescer, vê-los alegres, a saltar e a pular. E também é uma alegria a quem está a observa-los. Portanto é assim o que eu acho.

L- Pronto, muito obrigado Senhor João. Foi muito bom falar consigo. Desejo-lhe tudo de bom.

S.J.- Muito obrigado.

#### **8.1.16. Apêndice 16: Entrevista semiestruturada realizada ao Senhor Pedro (12 de julho de 2019)**

**Lara-** Senhor Pedro, o tema do meu trabalho é sobre as relações entre os idosos e as crianças da creche, ou seja, eu gostava de perceber de que forma é

que estas relações podem ser importantes para vocês. E trazem bem-estar, se trazem felicidade, se trazem até coisas más, negativas.

**Senhor Pedro-** Elas trazem felicidade. E também traz recordações.

**L-** O que é que você se lembra quando elas vêm aqui?

**S.P.-** Eu não sei lhe dizer bem. Mas faz-me lembrar o que os meus filhos faziam. Não é que me lembre dos pormenores todos já (risos), mas faz-me lembrar isso. E trazem-me alegria. Só traz alegria.

**L-** É uma casa cheia?

**S.P.-** Eu acho que é. É mesmo.

**L-** E acha que devia haver mais atividades com eles?

**S.P.-** (sinal de não perceber- dificuldade de audição)

**L-** Acha que as crianças da creche deviam vir aqui mais vezes?

**S.P.-** Talvez mais vezes seria bom. Não é que não tenha que chegue porque eles têm um currículo bom, aliás. Eles já fazem coisinhas muito engraçadas e mesmo quando vêm aqui.

**L-** E como é que acha que é o comportamento delas? acha que elas vêm ter convosco, brincar convosco ou até acabam por ficar com vergonha e sentar-se num canto?

**S.P.-** Eles brincar connosco não vêm, pelos menos eu acho que não. Mas eles também são pequeninos

**L-** Mas e se os chamar? Eles vêm?

**S.P.-** Se os chamar sim, e para conversar e brincar com eles não é nada mau. Não é nada mau.

**L-** Dá para dar um pouquinho de mimo?

**S.P.-** Mimo e até aprendizagem. Os adultos alguns sabem muitos, outros não tanto e quando estão com eles pode ser que até aprendam alguma coisa.

**L-** E vocês têm aquele lado diferente da moeda... vocês têm conhecimento, sabedoria, eles ainda estão numa fase muito recente.

**S.P.-** Sim, é onde eu quero chegar. A nós, os adultos, também desenvolve. Também ajuda a crescer. Há pessoas por exemplo que não sabem se relacionar e se calhar ao estar com as crianças vai ajudar.

**L.-** E vocês? o que é que podem ensinar aos mais novos?

**S.P.-** Essa pergunta não lhe sei muito bem responder. Nós podemos dar conselhos bons por exemplo.

**L.-** E relativamente ao amor e ao afeto? Acha que ter o carinho de alguém é importante?

**S.P.-** Eu acho que sim e muito.

**L.-** Em que é que ajuda?

**S.P.-** Em muita coisa. Ter carinho... até das crianças... é ser feliz!

**L.-** Faz senti-lo bem?

**S.P.-** Sim, a sentir muito bem. E o idoso até pode aprender a respeitar, a saber mais até.

**L.-** Então acredita que ao longo da vida sempre poderemos aprender?

**S.P.-** Sim, sempre. Quase todos os dias aprendemos, ou mesmo até todos os dias. Quando nos relacionamos com alguém.

**L.-** E relativamente à vida? Acha que foi uma boa professora?

**S.P.-** Hmm?? (gesto de não percebeu)

**L.-** Se a vida foi uma boa professora?

**S.P.-** A vida ensinou-me muito.

**L.-** O que é que ela lhe ensinou?

**S.P.-** Tanta coisa. Tanta coisa mesmo! Nem lhe sei explicar, por que foi mesmo isso, uma vida. Foram muitos anos que passaram.

**L.-** Qual é o principal sentimento que sente quando elas vêm aqui? É alegria? Ou é tristeza?

**S.P.-** É alegria. Para mim é alegria. Gosto muito de crianças. Mas não gosto muito de confusão, também sou sincero. Barulho a mais também me incomoda. Mas pronto... uma das coisas que gosto muito e sempre gostei, é de ler. Sempre tive muito muito interesse em saber. Que quando me reformei, saí de casa, ia para uma sombra, no verão e lia, lia, lia. Ainda há pouco tempo fui a casa e tinha lá guardado uma pilha enorme de papelada que eu fiz... coisas que lia e escrevia... e os meus filhos estiveram a ler, traz coisas boas, mas não

quero que ninguém lhes toque. Já disse aos meus filhos aquilo é para estar sossegado, sem mexer. Desde pequenito que gostava de ler.

**L.-** E um bom livro traz-nos mais aprendizagens e faz bem.

**S.P.-** Ai se não faz. Por isso é que não quero que lhe toquem... Quando me reformei, como tinha tempo, aproveitei para ler e escrever. Passava assim os meus dias...Era bom.

**L.-** Ainda lê?

**S.P.-** Agora já me enjoa mais um bocadinho ler. Aquele vício que tinha já não é igual.

**L.-** Mas não deve perder. Os livros ajudam a fazer com que a nossa mente esteja sempre em funcionamento... a trabalhar.

**S.P.-** É verdade e até é bom para a nossa vida. É bom porque não deixa entrar coisas más na nossa vida.

**L.-** E acha que as crianças também ajudam a afastar pensamentos negativos?

**S.P.-** Sim, mantém-nos ocupados principalmente. Faz bem aos dois. Mas a questão é aproveitá-las... aproveitar bem aquilo que eles fazem e aquilo que eles ensinam... E eles também aprendem, não é? eles não nascem a saber. Todos aprendemos.

**L.-** É verdade. Pronto Senhor Pedro, muito obrigado. Desculpe estar a chateá-lo

**S.P.-** Ora essa! Não chateou nada (risos).

## 8.2. DIÁRIO DE BORDO/OBSERVAÇÕES

### 8.2.1. Apêndice 17: Uma manhã na creche

Parte da manhã do 5 de junho foi passada na creche (das 10h às 11h) com o intuito de observar as crianças para as conhecer, perceber como são as relações entre elas. Quando cheguei à instituição, a Educadora pediu às crianças para me dizerem “Bom dia”, obtendo instantaneamente um bom dia com um sorriso rasgado por quase todos, à exceção do João que se agarrou logo a educadora mesmo após dizer um Bom dia. Explicou que vinha vê-los brincar por causa do meu trabalho.

Neste período foi possível observar que os quatro mais velhos brincaram quase sempre juntos salientando-se a presença do Rui pois, tudo o que este fazia o restante grupo imitava, principalmente a Lara que seguia fielmente seu amigo. Denotou-se um líder (Rui), uma Lara que para além de imitar por diversas vezes o seu amigo, realiza tarefas mais cuidadosamente (exemplo: o pegar ao colo o bebé e embrulhando cuidadosamente), muita preocupação com os amigos pois quando o Pedro estava a chorar ela dirigiu-se a ele, colocando a mão na cabeça e dizendo “Que se passa, Pedro? Estas a chorar!”; a Catarina bastante autónoma e com gosto em ajudar como foi observável quando a Educadora Joana ia levar a sua cadeira e esta perguntou-se se podia ajudar, mas por momentos, preferiu sentar no colo da Técnica auxiliar educativa com um livro na mão; o Duarte com o seu jeito tímido, passou parte da manhã a brincar com os seus carros de um lado para o outro, mas quando reprimido porque estava a berrar, notou-se que ficou bastante envergonhado. No grupo dos mais novos tínhamos presentes o Mário e a Mariana, que são irmãos, mas são muito ativos, com uma fala muito desenvolvida pois, tal como referido pela Educadora Sandra, estes vêm de um contexto de café, ou seja, “são muito puxados e isso nota-se na forma como falam. Estão muito

desenvolvidos!”, o Pedro pelo que foi observável muito das suas brincadeiras era sozinho, não se envolvendo muito com os restantes colegas. Uma criança cuidadosa que, quando viu que não conseguia chegar a uma casinha do pijama (construída por eles) pediu ajuda a uma técnica, dando-lhe a mão; o Diogo, observou-se uma postura também muito parecida com o Pedro, o brincar sozinho, denotou-se o seu gosto por carros pois, no tempo que estive presente suas brincadeiras foram sempre com carros. De sorriso contagiante, mas com uma personalidade bastante vincada porque, em dois momentos em que dois amigos lhe tiraram o carro da mão sem pedir, a forma de responder foi uma chapada nas costas e o arrancar do objeto; o João com um jeito doce é uma criança que brincou com quase todos os amigos, ele saltava, brincava às casinhas, denotando-se uma boa relação com os colegas e por último, a Joana que tendo uma boa relação com os amigos, pois brincava com todos por vezes gosta um pouco de chatear visto que, por dois momentos foi ter com o Diogo tirou-lhe o carro e fugiu a rir-se. De referir que, neste dia estas eram as crianças que estavam presentes, faltava ainda a Beatriz e o Ricardo.

### **8.2.2. Apêndice 18: Segundo dia na creche**

O dia 13 de junho foi dedicado a pintar um manjerico com o intuito de celebrar o dia de São João. Quando cheguei à sala de aula, como ainda era 9h30 da manhã consegui observar a celebração do Bom dia que, tal como referido pela Educadora, é rotina na creche. A Educadora pediu a todos os meninos para se sentarem na manta para cantar e automaticamente todos se sentaram, à exceção do Ricardo que ficou numa casa que estes têm de brincar. Nas palavras da adulta “é normal que ele não queira vir porque ele é raro vir de manhã, nem sabe o que estamos a fazer essa é a verdade infelizmente. Ele não sabe as regras!”

Nesta atividade todos cantaram e alguns até tocaram instrumentos como é o exemplo do Rui que tocou o bombo e a Catarina que tocou o xilofone. Posteriormente, foi perguntado às crianças se queriam trabalhar um pouco na mesa, obtendo uma resposta com crianças a irem buscar a sua cadeira para se sentar. Tal como referia a Educadora de Infância “quando eles trabalham na mesa já sabem que têm de ir buscar a sua cadeira, sentar-se para começar a trabalhar e só no fim de acabar é que se levanta e vai arrumar”. Contudo, “certas crianças, como o caso da Joana, da Beatriz, do Pedro por exemplo, ainda não sabem muito bem sentar numa cadeira, o saber estar. Levantam-se muitas vezes, é preciso estar sempre a dizer, senta direito!” (palavras da Educadora Joana).

Durante a atividade, examinou-se o que fora referido pelas profissionais, observou-se que os mais velhos apenas trabalhavam na sua folha e quando precisavam de uma cor, por exemplo, pediam à educadora. Por outro lado, temos o exemplo do Pedro que estava sempre a levantar-se para ir trocar a cor do lápis; observou-se o Diogo a pintar desenho do João ao que este respondeu com um “não, Diogo!”. No fim, sem haver um pedido, as crianças pegaram nas suas cadeiras e automaticamente, dirigiram-se para o sitio onde de guardavam.

Observou-se crianças a sorrir, muito atentas ao que estavam a realizar como é o exemplo da Lara que disse “vou pintar direitinho!”; o Rui e o João que se encontravam na brincadeira, levando a educadora a retirar-lhes o desenho uma vez que, quando lhes perguntado se queriam trabalhar, estes responderam que não.

Um grupo atento às rotinas, às regras da casa e com gosto daquilo que fazem, contudo foi possível observar que, era-lhes sempre perguntado se queriam ou não pois, tal como referido pela educadora “eles são como nós, às vezes querem outra vezes não. Claro que eu tento sempre convencê-los, é sempre uma aprendizagem, mas eles também têm que ter oportunidade para decidir”.

Às 10h30 da manhã despedi-me, agradecendo pela oportunidade, obtendo uma resposta por parte das crianças de “Adeus!”, sobressaindo-se o Rui que

perguntara se amanhã vinha, ao que eu respondi que não, pois tinha que trabalhar, sendo respondido com um aceno de cabeça como em jeito de sim.

### 8.2.3. **Apêndice 19: Uma manhã no Lar**

No dia 28 de junho dirigi-me à instituição para observar, na parte da manhã, uma atividade entre os idosos. Esta atividade consistia na construção de bonecas para entregar às crianças da creche no dia da Criança.

Com início às 11h e término ao 12h foi perguntado, aos idosos presentes quem queria ajudar, ao que poucos se prontificaram a fazê-lo como é o caso da Dn. Joaquina, Dn. Felisberta, Dn. Anabela e a Dn. Eva. Ainda foi perguntado à Dn. Rosa, por uma auxiliar, se não queria mesmo vir, ao que esta respondeu “Eu já trabalhei de mais na minha vida toda! Agora vou descansar!”. De ressaltar que mais duas utentes integraram este grupo, mas, não fazendo parte da amostra dos idosos não serão referidas.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho observou-se a interação grupal. Denotou-se um grupo bastante social uma vez que, conversaram sobre temas atuais como a homossexualidade, sobre as tecnologias, falaram dos tempos antigos salientando-se como mais conversadora a Dn. Joaquina. Um dos pontos a referir sobre esta utente é o gosto eu ajudar e o sorriso fácil visto que, quando me prontifiquei a ajudar, esta referiu “anda, anda minha filha! Quantas mais mãos melhor!”. Falamos de gosto pela ajuda porque, em certos momentos, a Dn. Anabela não conseguia colocar o algodão dentro do pano e com o auxílio da Dn. Joaquina tornava-se mais fácil. A Dn. Felizberta apesar de sorridente, revelou-se uma pessoa muito calma respondendo sempre apenas o necessário, dando por vezes a sua opinião, mas sem estabelecer uma linha de conversa extensa, muito parecida com a postura da Dn. Anabela. A Dn. Eva, preocupada com a mascote do “Sorrisos Conjuntos” o gato, uma vez que perguntou por duas vezes à animadora por onde devia andar o gato pois, tinha-o aberto (como

o usual) e nunca mais o viu, demonstrou o seu gosto pela costura. Dedicada à sua máquina e de mãos à obra, passou maior parte do tempo a coser os vestidos para as bonecas sendo mesmo referido pela animadora que, “eu sei coser... mais ou menos, porque a Dn. Eva se sentou comigo e me ensinou. Eu não percebia nada disto. E ainda hoje me ensina e me dá dicas de como fazer algumas coisas”. O Sr. António posteriormente juntou-se ao grupo e começou a contar anedotas, levando o conjunto à gargalhada, acabando por se juntar a ele, nesta “terapia” a Dn. Joaquina. De salientar, que mesmo sem se poder movimentar corporalmente pois encontra-se numa cadeira de rodas automática, apresenta uma presença forte uma vez que, leva um grupo ao sorriso facilmente.

Momentos de sorrisos, descontração e gargalhada marcou a manhã!

Quando referi que me ia embora, agradei por tudo e pela oportunidade que me tinham dado ao que, a Dn. Joaquina referiu “volta sempre minha menina! Há muito trabalho para fazer!”

#### **8.2.4. Apêndice 20: Segunda manhã no Lar**

Uma atividade motora foi realizada no dia 10 de julho no período da manhã, entre as 10h30h e as 12h, sendo perguntado pela animadora quem queria participar, revelando-se uma grande adesão por parte dos idosos. Tal como a animadora referiu “viste que hoje já participaram muitos, porque como eles já não têm que se deslocar já querem participar, ó da fulana de tal joga também vou jogar”.

Esta atividade, contando com 18 pessoas, tinha como objetivo atirar uma bola para que ficasse o mais próximo do centro (Jogo do Boccia). Foram feitas duas equipas, sem movimentar do lugar as pessoas, e o jogo começou.

Observou-se uma escassa interação entre os idosos, sobressaindo um grupo em que estava inserida a Dona Joaquina, Dona Anabela que iam conversando

quando atiravam os seus objetos “olha! Quase que era!”; “a Joaquina ainda vai acertando”. Outro ponto a salientar foi o facto de a Dona Rosa participar, pois segundo a animadora “ela não gosta muito de participar nas atividades”, mas participou, sorriu e ainda demonstrou o seu lado mais afetuoso quando, uma utente que é cega, jogava, ela ia auxiliando.

Apesar de muita gente e do esforço da animadora sociocultural para que estes interajam mais, os idosos apenas sorriam, iam jogando, e por vezes respondendo à profissional pois tal como referido por esta “eles são muitos, mas mal se falam e é uma pena. Eles vivem juntos!”.

E foi ao som da concertina da Animadora que se terminou a atividade, musicas antigas que levaram a conversas sobre histórias de vida. Nesse grupo, juntou-se outros utentes, tal como o Senhor António que aproveitou para contar momentos engraçados de quando era mais novo. Salienta-se, mais uma vez, que na parte da cantoria, parte do grupo apenas ficou a ouvir, calado, apenas um pequeno grupo o fazia e dava ideia de quais as próximas músicas, “olha, agora aquela do mar enrola na areia!”

#### **8.2.5. Apêndice 21: Primeira atividade intergeracional**

A primeira atividade observada que fez emergir este deste Diário de Bordo realizou-se no dia 31 de maio com o intuito de celebrar o dia da criança, tendo-se iniciado às 10h15 da manhã e terminado às 11h10. Nesse espaço, sob um sol brilhante, encontrava-se bicicletas, escorregas, mantas, insufláveis e música.

Fora observado a dinâmica das crianças desde a sua saída da sala e denotou-se, desde o momento em que lhes fora dito “Meninos, agora temos uma surpresa para vocês. Como sabem amanhã será o dia da criança... o vosso dia por isso, a Joana preparou lá fora muitos brinquedos para vocês brincarem pois amanhã não estaremos cá. E teremos também a companhia dos nossos meninos velhinhos”. Um grande entusiasmo se instalou na sala, gritos e sorrisos

eram os gestos do momento. Desde logo, quatro meninos se aprontaram ajudar, nomeadamente a Lara, a Catarina, o João e a Mariana, segurando num dos lados da manta segurada pela animadora. Também nesse mesmo instante, com a preocupação de cuidar da saúde das suas crianças, foi levada, pela técnica de auxiliar educativa, uma caixa com copos de água e o garrafão contando com a ajuda da Joana. De mão dadas e em fila indiana encontravam-se os restantes meninos, nomeadamente o Mário, o Pedro, a Beatriz, o Diogo, o Duarte e o Rui, sobrando o Ricardo que acompanhou lado-a-lado a outra técnica auxiliar educativa.

Quando estes observaram a panóplia de brinquedos expostos desataram a correr e aos saltos, seguindo-se rapidamente para o insuflável e para as bicicletas. Ressalva-se que aquando a sua chegada, os idosos ainda não se encontravam no local, surgindo cerca de quinze minutos mais tarde.

A chegada destes últimos ao local marcou-se pelo secretismo e pelo desinteresse das crianças que nem se aperceberam da sua vinda. Sentados em cadeiras separadas das crianças por um jardim ficaram, sorridentes, mas com escassa interação intergeracional.

Observou-se que o menino João se dirigiu com uma técnica aos utentes com o intuito de oferecer bolachas que lhes tinham sido oferecidas, porém, com seu rosto envergonhado, apenas sorria como resposta às intervenções dos mais velhos quando agradeciam e passavam suas mãos no rosto. Salienta-se, contudo, que esta intervenção fora pedida pela mesma técnica que pegou a criança ao colo e se dirigiu aos utentes.

Sem nenhuma interação após este momento, as crianças divertiam-se no seu mundo agora ainda com mais música e animação. Via-se verde por causa da relva onde se estavam expostos os brinquedos, cor, sorrisos e alegria e seus brilhos faziam falar aquilo que lhes ia na alma, felicidade. Eles corriam, saltavam, pulavam, faziam as imperfeições de uma relva uma grande estrada para fazer deslizar o velocípede.

E assim se passou a manhã! Foi no momento de ir para os aposentos que se atentou, novamente, algum contacto com os idosos. Estes tinham produzido

bonecas de pano para todas as crianças e cada menino se dirigiu, com a educadora, para os receber. Denotou-se grande vergonha por parte dos mais novos que apenas recebiam suas bonecas, davam um beijo (solicitado pela educadora) e seguiam-se par perto dos seus colegas. Apenas três crianças se abraçaram aos idosos, sorrindo e agradecendo espontaneamente como resposta ao que lhes foi oferecido, sendo essas crianças a Mariana, o Mário e o João, não sendo necessário a Educadora Joana se pronunciar.

Por parte dos idosos, foram referidos palavras e gestos de afeto aos mais novos no instante que entregavam seus trabalhos. Temos o caso da Dona Joaquina que mencionou ao menino João “Que coisa riquinha! Isto é para ti! Toma lá!”; o Senhor João que ao entregar o boneco acariciou na cabeça a Mariana, fazendo soltar uma gargalhada por esta agarrar no boneco e encostá-lo com pressão para seu pequeno corpo; a Dona Rosa que passou ao mais novo seu lavor fazendo passar sua mão no queixo do Mário.

Todos sorriam ao entregar as suas bonecas às crianças, contudo, não foi possível verificar grande interação entre idosos e crianças.

Contudo, tal como referido pela Educadora quando as crianças já se encontravam na sala, uma vez que me foi autorizado a fazê-lo, “reparas-te que grande parte das crianças nem deu muita importância aos idosos e mesmo quando estavam a entregar as bonecas também foi quase pegar e andar. Mas chegamos aqui e já vêes que afinal gostaram. Só não demonstraram! ...Foi pena o sítio onde eles estavam, estavam um pouco mais afastados... isso também não ajudou. Também estava muito sol para eles estarem ali “. Comentário referido no momento em que a Lara, a Beatriz e a Mariana se encontravam a brincar com as suas bonecas na manta exposta na sala.

### 8.2.6. Apêndice 22: Segunda atividade intergacional

O dia 4 de julho foi o segundo dia em que me dirigi à instituição “Sorrisos conjuntos” para observar uma atividade que ia ser realizada em conjunto. Esta concretizou-se no período da manhã, das 10h30 até às 11h, tendo como intuito proporcionar a interação intergeracional através de bolas leves. Nesta dinâmica a criança deveria atirar a bola para o idoso e vice-versa.

Tal como na atividade anterior, foi-me permitido acompanhar a deslocação das crianças desde a saída da sala até ao Lar e desde cedo denotou-se uma reação satisfatória por parte das crianças. A educadora perguntou se estas queriam ir aos velhinhos brincar, recebendo como resposta sorrisos e dois sim's bem altos, juntamente de saltos, da Catarina e do Rui. De salientar, mais uma vez nestas crianças, a preocupação em ajudar a Educadora Joana pois logo se prontificaram em ajudar a levar a caixa (Catarina e o Rui).

A chegada ao espaço partilhado foi muito satisfatório, pois observou-se um à vontade por parte das crianças muito grande, apenas uma criança (Lara) ficou bastante envergonhada, agarrando na sua bola e ficando parada o tempo todo no meio da sala.

As restantes crianças navegaram neste espaço e sobre isto podemos falar do João, da Catarina, do Rui, do Ricardo e do Pedro. O Rui, de sorriso rasgado, pulava, aprontava-se em atirar as bolas aos idosos e a ir buscar quando estes lhe atiravam e no final, percorreu cada idoso dizendo-lhes “Adeus!”; O João, conhecido pelo seu sorriso doce, percorreu cada idoso para lhes atirar a bola, pegou no andarilho da Dona Natália e começou a andar com ele, obtendo uma resposta de “Leva-lo a passear, mas cuidado para não caíres!”. A Catarina, ofegante por andar a correr de um lado para o outro, dava gargalhadas bem altas, atirou a bola para vários idosos. O Ricardo, revelando-se se encontrar um local confortável, dava a sua bola vezes sem conta aos idosos, contudo, não percebera que o objetivo era voltar a recebe-la de volta (mesmo sendo-lhe explicado várias vezes) pois, dava a volta e ia buscar outra para lhe voltar a dar. De salientar que, tal como foi observado em atividades em que se encontravam

apenas as crianças, este menino raro era as vezes que ia o dia todo à creche, perdendo muitas vezes dinâmicas partilhadas, ou mesmo no seio do grupo. Uma criança que, normalmente, costuma ter brincadeiras sozinho, sem se envolver muita nas atividades de sala, mas que, aquando a interação com os idosos se demonstrou bastante afável, à vontade, sorridente. Por último, o Pedro, mantendo a sua postura mais tranquila percorreu, de sorriso no rosto (juntamente com uma técnica), os idosos que se encontravam na sala. Contudo, após esse momento a sua atenção foi dirigida para um andarilho que se encontrava no espaço, passando o resto do tempo, a mexer no andarilho.

Uma realidade em volta de sorrisos e gargalhas por parte dos idosos, palavras afeto e cuidado. Palavras de “cuidado para não te magoares” (Senhor António para o Pedro), “manda para mim a bola” (Dona Joaquina para o Rui), de conversas entre idosos “aquele é filho de quem?” (Dona Joaquina para Dona Anabela); “que coisinha mais riquinha” (Dona Rosa), de atenção sobre os meninos presentes “os gémeos não vieram?...Eles são uns amores” (Dona Joaquina para a técnica auxiliar educativa), são exemplos da cor que se podia observar naquela sala.

Vislumbrou-se os sorrisos dos idosos salientando-se nomeadamente o Senhor António, Senhor João, o Senhor Pedro e a Dona Rosa. O Senhor António que se encontrava num espaço diferente, mas quando viu as crianças a chegar dirigiu-se logo para o espaço em conjunto e rapidamente começou a interagir. Ressalva-se que este encontra-se numa cadeira de roda automatizada, conseguindo apenas mexer a cabeça, mas isso não se revelou impedimento para demonstrar a sua satisfação pelas crianças. De sorriso rasgado e através das gargalhadas, ia acompanhando cada passo das crianças de forma carinhosa, chegando a referir “Oupa! Já caiu! Levanta-te! Já passou!”; “olha atira a bola”; “Cuidado para não te magoares”. O Senhor João, que mantém no dia-a-dia uma postura seleta, calma, demonstrou o apreço que tem pela presença das crianças, pois quando as crianças pegaram nas bolas ele esticou seus braços para que essas lho atirasse, com um largo sorriso, procurando por diversas vezes que estes interagissem com ele. O Senhor Pedro com uma personalidade

nos mesmos moldes que o idoso anterior, reagiu à interação das crianças pegando nas bolas e atirando para eles e até mesmo, tentado chegar ao chão para apanhá-las e poder atirar, facto importante uma vez que falamos de uma pessoa com 94 anos e com dificuldades em se abaixar. A Dona Rosa que, tal como foi possível observar anteriormente, era uma pessoa que não gostava muito de se envolver nas atividades, mas neste dia, juntamente com a crianças, de sorriso rasgado, pedia as bolas e voltava a atirar, chegando mesmo a passar a mão no rosto do João.

#### 8.2.7. **Apêndice 23: Terceira atividade intergeracional**

A manhã do dia 9 de julho, entre as 10h30 e as 11h15, foi passada a observar a relação entre os idosos e as crianças da creche.

Esta dinâmica consistia primeiramente na leitura de uma história, sendo esse o encargo de uma utente do Lar. Antes de iniciar o conto, a educadora pediu às crianças que se sentassem na manta junto da utente para quem assim pudessem ouvir melhor a história.

Durante este momento, foi notório que apenas a Lara e o Duarte estavam atentos, prontificando-se rapidamente a responder ao que era perguntado pela leitora. Como exemplo temos a vez que a utente perguntou “que animal é este?”, ao que a Lara respondeu, “um gato”. De salientar que, esta criança na atividade que tiveram juntos com os idosos anteriormente, manteve-se parada no meio da sala sem estabelecer qualquer contacto com os idosos.

Contudo, outros momentos de interação poderemos referir. Não estando interessados ao que se estava a passar, a Catarina e o Rui decidiram, voluntariamente, se sentar no andarilho de duas idosas, sendo umas dessas pessoas a Dona Rosa. De sorriso rasgado, fez um gesto de carinho, passando a mão na cabeça do mesmo. Ainda sobre estas duas crianças podemos falar na

palavra de “à vontade” pois, após acabar a leitura estes correram de um lado para o outro na sala, saltavam e sorriam.

Foi após o término da leitura, quando as crianças começaram a cantar, que os sorrisos dos idosos se abriram de uma forma maravilhosa. Palmas e gargalhas se viviam nesta sala, principalmente no momento da canção em que era para fingir que se estava a chorar, e a Catarina rapidamente fez o gesto adequado, fazendo cair toda a gente na gargalhada.

Ainda neste seguimento, um dos momentos mais bonitos foi a interação entre a crianças Pedro e um utente. Só vivendo e observando os sorrisos dos destes é que verdadeiramente conseguimos perceber a grandiosidade desta atividade. Apesar de não pertencer à amostra de idosos delineada, o Senhor Mário, um dos idosos que se encontra numa cadeira de rodas (mas que neste dia estava num sofá), foi quem mais vibrou com a presença das crianças. Desta pessoa falamos de sorrisos, de gargalhadas, de bater palmas e de um corpo a agitar-se mesmo sem este responder como outrora respondia. Após duas crianças se sentarem ao lado dele, este começou a tentar interagir com elas, fazendo mover o seu corpo até eles e começando a bater palmas. Ressalva-se que inicialmente, o Pedro e a Catarina se encontravam um pouco reticentes mesmo quando foi pedido pela técnica auxiliar educativa para que batesse palmas também, ao que o Pedro respondeu abandonando a cabeça, em gesto de negação. Contudo, a realidade foi maravilhosa quando, após algumas insistências por parte do idoso e alguma observação por parte da criança (Pedro, uma vez que a Catarina, entretanto foi brincar com o Rui), juntos bateram palmas e riam. O Pedro eufórico dava gargalhas altas, pulava em cima do sofá e o idoso fazia mover o seu corpo para trás e para a frente fazendo acompanhar o som das suas palmas.

Quem não fugiu ao comportamento da atividade anterior foi o João, que após estar sentado na manta, se levantou e se dirigiu aos idosos para os cumprimentar com um aperto de mão. Palavras de carinho se espalhar pela sala como por exemplo “este não se importa com nada, está muito à vontade (educadora para um idoso)”; “mas que riqueza” (Dona Eva), “o meu filho”

(Dona Rosa) e um abraço bem apertado junto de palavras de “meu pequenino” por parte do Senhor João. De salientar que, este momento se originou aquando as crianças acabarem de cantar, ou seja, no momento em que seus colegas já se encontravam a correr e a saltar.

O Senhor António, mais uma vez não perdeu este dia pois, no momento em que as crianças estavam a ir para a sala para se encontrarem com os idosos, veio logo atrás deles. Este, tal como referido anteriormente, não consegue mexer o seu corpo, fazendo-se deslizar numa cadeira de rodas automática. Chamando atenção do Rui, que se dirigiu à sua cadeira e ficando a observar o seu comando, o idoso fez soar a sua buzina referindo “vês, também toca”, sorrindo.

As crianças, Mário e Mariana, chegaram à sala eram 11h10, pelo que a interação com os idosos se revelou escassa. Quando chegaram, a Mariana rapidamente referiu um “bom dia” e se aprontou a dirigir ao centro da sala para ir dar um beijinho à visavó que se encontrava no mesmo espaço. Seu irmão, com um pouco mais de vergonha pois, quando chegaram um Bom dia quase em coro, soou por parte dos participantes que já estavam na sala, fazendo a criança dizer um “bom dia”, mas escondendo-se atrás do pai.

Relativamente à Joana e o Diogo as suas interações com os idosos foram muito escassas. Ela uma atenção especial para as técnicas da sua creche, mantendo-se fielmente a seu lado e o Diogo, sem estabelecer nenhum tipo de contacto com as pessoas mais velhos, quando os seus amigos começaram a correr e a saltar, ele acompanhava seus passos.

Para terminar, refletimos desta atividade mais um ponto, referente à postura dos idosos. Estes quando as crianças entraram, o tempo de sentar na manta, observava-se sorrisos espelhados por parte dos idosos, porém, a meio da leitura, um ambiente mais sossegado fez com que esses sorrisos fossem desvanecendo. Contudo, fora no momento das canções, do brincar e do mexer, que estes sorrisos se tornaram a florescer, trazendo consigo gargalhadas, palavras de ternura e carinho e momentos épicos.

### 8.3. APÊNDICE 24: BREVE INTERPRETAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS

O presente projeto tem como orientador uma análise de dados qualitativa, onde a sua centralidade se baseia nas experiências que as pessoas ultrapassam ao longo da vida, na forma como encaram as mesmas, seus sentimentos e atitudes e “enfazam o comportamento humano e a interação social” (Ohman, 2005, citado em Silva, 2016, p.59). O quadro Análise de Conteúdo (corpo do texto) ostenta recortes de texto resultantes das entrevistas e das observações realizadas ao longo desta investigação, possibilitando-nos assim, de forma breve, uma análise de dados:

1. Relativamente, à primeira categoria (Relações Sociais) compreende-se a importância da afetividade (subcategoria A) para o bem-estar dos intervenientes. A existência de palavras de carinho, gestos e os olhares saudosos para com a faixa etária contrária permiti-nos cruzar o misto de sentimentos.

Também nesta categoria, demos como prioridade a introdução de uma subcategoria designada Benefícios Pessoais (B) uma vez que, denotou-se estimulações interiores ao trazer consigo as memórias de um tempo longínquo, um retroceder da época para marcos importantes nas vidas destes intervenientes. Não falamos de aprendizagens novas, mas sim de exercícios que promovem estimulações, bem-estar interiores que despoletam benefícios aos idosos e crianças.

Ainda no que tange a este ponto, abrangemos para uma terceira subcategoria que comporte as aprendizagens resultantes destas interações para os intervenientes, na qual designados de Aprendizagens pessoais, subcategoria C). Neste, compreende-se as aprendizagens possíveis de retirar das relações sociais no sentido de trabalhar estigmas e preconceitos relativos à última faixa etária, no combate à exclusão social e ao isolamento social, na preparação para a vida futura destas crianças em valores assentes, no respeito, na valorização, na educação. São relações que, por outro lado, trazem força, trazem consigo a

motivação para nunca desistirmos de quem nós somos e que temos forças, muitas vezes, desconhecidas.

2. No que concerne à segunda categoria abreviada Experiências de vida, optamos por subdividi-la em Aprendizagens pessoais D) e Riqueza dos conhecimentos adquiridos para a transmissão ao Outro E). Relativamente a estes pontos, importa-nos referir o enfoque na terceira idade, faixa etária que traz consigo experiências e vivências que tanto moldaram a vida de cada interveniente.

Denotou-se através de suas análises que, quando questionados pela sua vida enquanto professora, grande parte destes transportou para aprendizagens pessoais e não, necessariamente, como importante fator para a transmissão de conhecimentos à outra faixa etária. São experiências que ensinaram não somente a sobreviver, mas, a viver. Ensinaram o valor das pessoas que mais amamos, o valor da perda e da saudade. Ensinaram que, por mais livros que possamos ler, são das experiências reais com que mais aprendemos.

Da subcategoria, Riqueza dos conhecimentos adquiridos para a transmissão ao Outro, é compreensível o peso que as experiências pessoais têm para ajudar a crescer o Outro. Palavras de carinho, mas que abrangem o peso de uma vida, das diferentes fases pelas quais ultrapassaremos. Recortes de textos de preparação para o futuro pelas palavras de quem já por lá passou, já as viveu e sobreviveu e que compreende que a vida é uma batalha e que todos os dias lutamos para as vencer.

#### **8.4.APÊNDICE 25: SUGESTÕES DE ATIVIDADES**

Neste ponto estão apresentadas exemplos de atividades passíveis de realizar nas três fases do Plano de Ação exposto no corpo de texto, no capítulo

6. Atividades que têm agregadas a descrição do tempo; do material necessário, do processo de desenvolvimento e possíveis observações às mesmas.

#### 8.4.1. Apêndice 26: Combatendo Muros

Nome	Jogo do Balão
Duração	20 a 30 minutos
Material necessário	Balões
Processo de desenvolvimento	Distribuir balões pelas crianças e idosos, incentivando à interação do oferecer e apanhar o balão
Observações	Procurar manter os idosos no lugar, fazendo movimentar as crianças devido ao grau de dificuldade motor diferencial entre gerações

Nome	Caça ao tesouro perdido
Duração	30 minutos
Material necessário	Um saco; rebuçados, chocolates, chupa-chupas (diferentes doçarias à escolha do orientador)
Processo de desenvolvimento	Esta atividade consiste em pedir aos idosos que, dentro de um saco coloquem um conjunto de doces e que o escondam sem as crianças o verem. Seguidamente, é explicado às crianças que nessa sala há um tesouro a ser descoberto, cheio de coisas boas e que, quando ouvirem o som de uma campainha devem procurar o tesouro perdido.

	Ao longo desta procura os idosos devem auxiliar as crianças na procura através de palavras, mas sem lhes dar os dados todos para descobrirem o tesouro. Após ser encontrado o saco as crianças devem ser incentivadas a partilhar com os idosos.
Observações	Deve ser pedido aos idosos especial atenção no momento de esconder o saco do tesouro devido às idades das crianças.

#### 8.4.2. Apêndice 27: O Brilho da Geração

Nome	Descobrimo a vida animal
Duração	20 minutos
Material necessário	Cartões que tenham contidas imagens de diferentes animais
Processo de desenvolvimento	Para iniciar esta atividade a orientadora dos idosos deve escolher as pessoas que têm mais capacidades cognitivas para que, possam questionar as crianças. Seguidamente, as crianças devem-se sentar em frente ao idoso que, ao amostrar a imagem deve perguntar qual é o animal, qual o som que transmite, suas cores (entre outras questões).
Observações	Como forma de haver uma interação mais variada entre pessoas, deve-se reunir alguns idosos capazes de realizar esta atividade.

Nome	Trabalhando sensações
Duração	30 minutos
Material necessário	Diversos tipos de frutas cortados em pedaços
Processo de desenvolvimento	Para o desenvolvimento desta atividade deve-se dividir o grupo em dois (dependendo do número de idosos e crianças) para facilitar o desenvolvimento. Seguidamente, os idosos devem dar à criança a provar os diferentes tipos de fruta, incentivando ao toque, ao cheiro.
Observações	Para esta dinâmica devem ser reunidos os idosos mais capazes ao seu desenvolvimento, pedindo especial atenção na utilização de linguagem adequada à idade das crianças.

#### 8.4.3. Apêndice 28: Sorrindo Juntos

Nome	Cantando juntos
Duração	20 a 30 minutos
Material necessário	Nenhum

Processo de desenvolvimento	Esta atividade consiste na transmissão de uma música antiga relativa a uma temática (por exemplo, no mês de janeiro relacionada com o dia dos Reis). Pedir ao grupo de idosos que escolham uma música e que, por partes, ensinam aos mais novos.
Observações	Para esta dinâmica devem ser reunidos os idosos mais capazes ao seu desenvolvimento, pedindo especial atenção em relacionar uma música adequada à idade das crianças.

Nome	Pintando o verão
Duração	30 minutos
Material necessário	Folhas A4, cola, recortes de roupas/objetos de verão e inverno.
Processo de desenvolvimento	Para o desenvolvimento desta atividade deve-se dividir o grupo (dependendo do número de idosos e crianças) para facilitar o desenvolvimento, podendo ser um idoso e uma criança. Seguidamente, cada idoso deve questionar a criança quais as roupas e os objetos utilizados no verão, após proceder há escolha correta devem, em parceria, proceder à colagem dos mesmos numa folha de papel.
Observações	Para esta dinâmica devem ser reunidos os idosos mais capazes ao seu desenvolvimento, pedindo especial atenção na utilização de linguagem adequada à idade das crianças.

## 8.5. APÊNDICE 29: GRELHA DE AVALIAÇÃO (IDOSOS)

### 8.5.1. Combatendo Muros

Questão	Resposta do participante
Como é que se sente quando as crianças estão cá?	
Considera que as atividades têm sido adequadas às vossas possibilidades?	
Considera que o número de vezes que as crianças vêm cá é suficiente para haver proximidade?	
Como considera que têm sido os convívios?	
Existe respeito?	
Considera que as crianças estão à vontade convosco?	
As crianças vêm ter convosco?	
Que atividade gostava de fazer com as crianças?	

### 8.5.2. O Brilho da Geração

Questão	Resposta do participante
Quais são os valores que considera que tem vindo a transmitir à criança através destas atividades?	
Quais os valores que considera serem importantes para transmitir às crianças?	
Considera que são fulcrais ao desenvolvimento do mesmo?	
Considera que transmitiu a diferença entre o passado e o futuro?	
Como é que sentiu ao ser como um professor para estas crianças?	
Que atividade gostava de fazer com as crianças?	

### 8.5.3. Sorrindo juntos

Após um breve enquadramento sobre o Plano de Ação realizado.

Questão	Resposta do participante
Como considera que se desenvolveram as atividades ao longo do ano?	

Notou alguma diferença de comportamento ao longo do ano?	
Qual é a diferença da sua postura do início para agora?	
Considera que as relações, ao longo do ano, se despoletaram de forma mais natural?	
Considera que as crianças aprenderam alguma coisa consigo este ano?	
Quais foram os valores principais que se transmitiu?	
Consideram que são uma forma de eles crescerem saudáveis e conscientes do mundo em que vivem?	
O que poderíamos ter feito diferente neste caminho?	
Voltaria a realizar atividades com as crianças?	